MANUEL RIBEIRO

A REVOADA DOS ANJOS

GUIMARÃES & C.ª — EDITORES

PQ9261
.R47
R42

title

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.R47
R42

A Revoada dos Anjos

Livraria Editora GUIMARÃES & C.ª

DO AUTOR:

TRILOGIA SOCIAL

I — ***A Catedral,*** 5.ª edição
II — ***O Deserto,*** 5.ª edicão
III — ***A Ressurreição,*** 4.ª edição

A Revoada dos Anjos

TRILOGIA NACIONAL

I — ***A Colina Sagrada*** 2.ª edição

EM PREPARAÇÃO:

II — ***A Epopeia da Terra***
III — ***Os vínculos Eternos***

PO9261
.R47
R42

MANUEL RIBEIRO

A REVOADA DOS ANJOS

CRÓNICA UMBRIANA

1.ª EDIÇÃO
(3.º MILHAR)

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Composto e impresso na Imprensa Lucas & C.ª
Rua do Diário de Notícias, 59 a 61

A Revoada dos Anjos

I

Foi depois da saída de Pisa, quando o comboio enfiou a todo o vapor, como andorinha contente, pelas macias planuras do vale do Arno que o pintor despertou, e desenroscando-se do seu poiso, correu a vidraça do compartimento e aspirou regalado o ar da manhã que a frescura da terra tornara fino e penetrante. A veia límpida do Arno que descia manso para o mar, entre arvoredo esguio, regando hortas e pomares, deu-lhe o primeiro alarme de Florença, e debruçado sôbre essa paisagem da Toscana, onde os ciprestes não são fúnebres e os campanilos teem esbeltezas de caules, um frémito empolgou-o, acendeu-lhe o olhar, fez-lhe erguer a cabeça, como se êle fosse bebendo também daquelas frescas águas que banhavam as raízes das árvores e das torres.

Trazia ainda a vista fatigada da longa festa marinha. No recanto em que se isolara desde Marselha,

costas voltadas à terra, durante horas e horas as mediterraneas águas da Costa-Azul tinham-lhe desenrolado deante dos olhos, luminosos plainos atoalhados, largas pradarias glaucas mordidas de mil reflexos cambiantes. Roladas do mar alto, estas ondulações de cetim embebiam-se nos recortes finos da costa, afagavam docemente as pérgulas mimosas, tufavam-se de crespa renda junto aos cabos amansados e nas anfiteátricas baías de escarpada rocha, eram uma água morta, tão anilada e densa como uma lava azul arrefecida ali no fundo do pego.

Esse fantástico poente com que se despedira das perturbantes plagas da Riviera, ficara-lhe toda noite a arder na retina. Só de madrugada, ao reabrir os olhos na macia terra italiana, a alucinação da côr passara e como por encanto, parecia-lhe também que a sua velha inquietação a dissipara êsse bom sol claro que subia de Florença e que lá adeante, por detrás das colinas arredondadas d'onde vinha o Arno, na cidade magnífica que há três dias demandava sem descanso, repousaria, enfim, assegurado e feliz.

Fôra a Itália que o chamara — a Itália de que êle tinha sempre a nostalgia — quando quis reacender no espírito a flama mística que se extinguia. E lembrava com saùdade que fôra em Florença, alguns anos antes, que o surpreendera a maneira estranha dum pintor de génio — êsse mestre

Michele Biondi que sonhara integrar no espírito moderno a alma gloriosa dos mestres primitivos. Ali batera o seu coração de artista orientado para outros rumos; d'ali trouxera as fórmulas renovadoras duma velha arte.

Pensionista do Estado em Roma, Vasco Soeiro, pintor, acamaradara nos cafés do Corso e nos pavilhões da Vila Medicis, com dois artistas da Escola de Paris, ambos videntes e apaixonados, ambos feridos de anseios mordentes de renovação. Estanciara Vasco na velha Casa de Santo António dos Portugueses, mas com tão poucos cômodos, que se o seu coração de patriota se sentia bem na modesta trapeira luzíada, o seu estro artístico mal podia ali abrir as asas. Os dois pensionistas de Paris tinham-lhe então cedido bizarramente e sem óbices da administração francesa, um retiro desafogado e alguns metros de parede numa sala enorme da Vila Medicis, com Roma inteira deante das janelas. Ali se refugiara Vasco e ali se inspirara e trabalhara, até que enfebrecido pelo entusiasmo dos dois franceses, trocara o Tibre pelo Arno e fôra frequentar com êles a oficina dêsse mestre florentino que porfiava em restaurar na alma nova a arte antiga e em pôr de pé o hegemónico influxo da pintura religiosa, que o abalo da Fé cristã renascente sacudia para fóra das telas hirtas dos museus e dos frescos empoeirados de igrejas e basílicas.

De volta a Portugal, o seu pincel religioso brilhara nos meios artísticos lisboetas e desde que a sua maneira nova se imposera em duas ou três exposições felizes, uma aura de simpatia envolvera-lhe o nome. Mas o desinterêsse, e o pouco estímulo que esta forma de arte recolhe em públicos incultos, tinham-no arrefecido e entorpecido; e lentamente se lhe fôra secando aquela seiva inspiradora d'outrora, como uma planta que mirra em velho vaso abandonado. Banalizara-se, sem os alentos dos convívios espirituais. Deixara até de pintar continuamente, e só de longe em longe concebia projectos e esboçava planos que logo arredava enfastiado.

Um dia notou com terror que se desfigurava e se perdia. Era a morte do espírito na vacuidade aniquiladora. Então reagiu, sacudiu o torpor, fez apelo à energia antiga. Enfebreceu-se e banhou a alma nas suaves claridades religiosas que dantes o tinham guiado. Por milagre, a confiança voltou, a fé na arte renasceu, e como o aço duma espada desembainhada que rebrilha ao sol, assim relampejou dentro dêle o ímpeto exaltado e criador. E liberto, transfigurado, chorou com comovida ternura quando, na sua oficina abandonada, reviu os trabalhos interrompidos, as pequenas telas empoeiradas de madonas, de santos e legendas, e tantos trechos de pintura nova em que palpitava o anseio dum mundo melhor e mais belo.

Amorosamente invocou o trabalho, reclamou o seu jugo benéfico e salvador, e sentiu-se reanimado. Veio-lhe uma grande saùdade da Itália e do seu querido mestre Michele Biondi, de quem nunca mais tivera notícias. E assim se dispôs a partir para Florença e completar o plano de estudos giotescos que, iniciados na cidade dos Medicis e prosseguidos depois em Pádua, teriam o seu remate na basílica de Assis.

Êsse mestre Michele Biondi — com que ternura o evocava, olhando as paisagens já florentinas! — êsse mestre Michele Biondi era um giotista apaixonado. Tão filósofo como artista, mestre Michele via na arte, menos a técnica e a perfeição formal, do que o pensamento em que se inspirava e as ideias que exprimia. Ora, o Giotto fôra, para mestre Michele, o intérprete surpreendente do grande movimento idealista e renovador que se seguira na arte à prègação de S. Francisco de Assis.

O pintor das legendas franciscanas na Úmbria e na Toscana dera valentemente, com a impulsão de que só é capaz o génio, um rumo novo à arte, quebrando o hieratismo rígido e formalista dos moldes bisantinos, indo muito mais àlém do que a reacção salutar que a escola romana, pela mão de Cavallini, iniciara já em lúcidos esboços. O florentino, nas paredes da basílica de Assis, inaugurara, com uma técnica que era velha e dificiente, mas com

uma visão e um sentido inteiramente novos das realidades, a era moderna da pintura.

Declarando-se, porém, giotista, mestre Michele Biondi não pretendia, como tantos, imitar forçadamente a simplicidade cândida das oficinas primitivas, e muito menos o arcaismo de insuficiências técnicas, coisas estas que, admiraveis em Giotto por seu natural expontâneo, resultam hoje bizarras e intoleraveis pelo maneirismo precioso que representam. O que mestre Michele Biondi reclamava do seu glorioso antepassado florentino era a frescura do sentimento, a sinceridade da mão, o entendimento claro e genial do renascente apostolado cristão que, devido ao *Poverello* de Assis, saíra desentorpecido das naves soturnas das catedrais e se fecundara no amor dos homens e da natureza, e em tudo o que Deus criou.

Toda a vida moral e espiritual que Francisco de Assis reflectia nos seus actos de renovador cristão e nos movimentos da sua alma puríssima de Santo, Giotto a compreendera e exprimira, transplantando-a dos domínios exclusivos da religião para a universalidade da vida. A dôr que Giotto soubera pôr na alma das suas personagens sagradas, não era uma dôr hierática e convencional ; era a dôr humana. Quem chorava junto ao Cristo nas suas *Crucificações* não era só a Virgem santa Maria, era também a mãe que sofre vendo agonisar um filho nos espasmos das

torturas. D'aí o valor humano e eternamente fresco e actual da pintura de Giotto que soubera adaptar o seu génio a uma renascença religiosa que é, e será sempre, um renascimento mais alto da vida.

Impregnado de tais ideias, Vasco Soeiro acompanhara muitas vezes mestre Michele Biondi a Santa Croce, para estudar o Giotto nas capelas Bardi e Peruzzi, que êle ali pintou. A bela igreja-panteão, que contem as cinzas de Dante, tumulado com magnificência florentina e não menos magnificamente estatuado em mármore na praça fronteira, fôra a aula onde mestre Michele iniciara na pintura giotesca o grupo dos seus amigos e discípulos. Nêsse mesmo ano se realizara também um passeio artístico a Pádua, onde Giotto deixou os maravilhosos frescos que fazem da pequena igreja de Santa Maria dell'Arena um relicário d'arte. O adeantado da estação contrariara uma projectada viagem de estudo a Assis, que oferecia um maior interêsse, porque foi á majestosa basílica umbriana que Giotto deu as primícias do seu génio, lançando ali os fundamentos da pintura nova.

Os anos tinham passado. O grupo de artistas dispersara-se, e Vasco Soeiro não sabia se mestre Michele Biondi estaria ainda em disposições de poder ou querer realizar a suspirada peregrinação a Assis. Mas, acompanhado ou só, Vasco Soeiro resolvera firmemente fazer essa romagem d'arte à Úmbria.

Entretanto, o comboio rolava maciamente numa paisagem cada vez mais bela e animada, e Vasco estremeceu quando num desdobramento das colinas, avistou San Miniato e as alturas de Fiésole com suas igrejas e conventos entre ciprestes. E logo Florença inteira surgiu aglomerada no fundo duma taça verde. A catedral e o campanilo, Santa Maria Novella, cúpulas e torres, tudo se erguia e o saùdava com essa graça aéria e feminina que só Florença tem. O comboio afroixou nos arrabaldes, deixou à direita as alamedas das *Cascine* e aproando à catedral, deslisou para dentro da cidade, suavemente, como se receasse acordar os velhos palácios dormentes. Depois parou sem estrépito na gare.

Vasco Soeiro meteu-se num carro e mandou seguir para o hotel Royal, Lungarno Acciaioli, com passagem pela *piazza* Goldoni. Nas primeiras comoções daquela entrada, o pintor queria dar logo um grande abraço a mestre Michele que morava na *via* Borgo Ognissanti, quase na bocada da praça.

Com grande pasmo, no segundo andar, tão seu conhecido, a gente estranha que acudiu não sabia de nenhum mestre pintor. Desceu contrariado e lembrou-se de preguntar defronte, numa loja de antiguidades, e o mais que ali lhe puderam dizer foi que o pintor Biondi se mudara há muito daquela rua.

Voltou triste. E' verdade que estranhara a falta de resposta a algumas cartas suas e notara a ausên-

cia do nome do mestre em exposições e nas revistas d'arte que recebia da Itália ; mas sabendo que o pintor era também filósofo e pouco amigo de notoriedades, não cuidara muito nêstes pormenores. E resignadamente se pôs a caminho do hotel, esperançado de que não seriam infrutíferas as pesquisas que tencionava fazer ainda sôbre o paradeiro do mestre florentino.

* * *

Ao declinar Vasco Soeiro no Royal a sua identidade logo o gerente, com o alegre pasmo e o sobressalto de quem dá uma boa nova, lhe alviçarou que, por feliz acaso, se albergava naquêle mesmíssimo hotel, Lungarno Acciaioli, — um português ! A memória do afadigado homem não retinha do imprevisto hóspede senão um apelativo familiar e pouco indiciativo : *Francesco ;* e foi com a maior e mais agradavel surpreza que o pintor colheu no livro das entradas, diligentemente subido, este precioso registo: — Francisco Alvarenga, proprietário, 31 anos, Lisboa. — Nem mais nem menos, do que o rico e viajado Alvarenga, o Chico Alvarenga, uma das melhores e mais cultivadas amizades da sua roda, rapaz um pouco frívolo e levantado, mas inofensivo e bom !

Na sala de jantar, dois gritos, logo sufocados por um abraço — sem que deixassem contudo de que-

brar a fleuma de alguns ingleses nas mesas próximas — festejaram ruìdosamente o encontro dos dois compatriotas e amigos.

Alvarenga matava no estrangeiro certo cansaço periódico que lhe sobrevinha de tempos a tempos. Quando o tédio da vida lisboeta o embotava, Alvarenga, sem prevenir ninguém, fazia as malas, metía-se no comboio e só abria os olhos em Paris. Depois enfiava pela Europa dentro — fazia-se ao largo, como êle dizia, e quando se enfartava dos hoteis, dos casinos, da língua estranha e das maçadas e incomodidades das viagens, voltava à pátria num galope doido.

— Amigo, dizia êle, só assim é que se aprecia a nossa terra e então é que sabe bem o conchêgozinho da casa... E tu a que é que vens? Arte, já se deixa ver!

— Pois eu venho a esta bela terra de Itália refrescar a inspiração nas sagradas coisas da arte.

Francisco Alvarenga inquiria notícias da pátria, preguntava por conhecimentos, e mal refreava o seu expansivo alvoroço.

— Mas que bom encontro! Estava tão longe de topar nestas longínquas paragens com um português, e então um português amigo! Há um rôr de meses que não sei o que é palrar na nossa língua. O prazer que isto me dá!

— Tu demoras-te? inquiriu Vasco.

— E' uma pena! Abalo àmanhã para Génova. Tenho passagem tomada num barco que me leva a Lisboa. Mesmo porque desta vez recolho muito combalido, por causa dumas malditas sezões que apanhei.

— Sempre em Itália?

— Em Itália dois escassos meses. Sabes lá o que se deu comigo desta vez? Ouve, que é divertido.

E sorvendo com lentidão o café, Chico Alvarenga começou pitorescamente a narrar a história da sua viagem.

— O outono passado deixei Paris, fiz-me ao largo. Hibernei na Alemanha, e em demanda de mais amenos climas, ao romper da primavera vim parar a Como, onde me sucedeu uma aventura estranha. Certa tarde preguiçosa que me esquecia a devanear à beira do lago, surgiu-me por detrás dos terraços do *Palais*, uma tentadora criatura loira que me deu a ilusão de ter saído, como Venus, da frescura azul das águas. Foi sonho ou artes do demónio, porque a fantástica aparição sumiu se-me tão vaporosamente como viera. Depois aproei a Roma e ao passar à vista do Trasimeno, picou-me a curiosidade e quís saber se êste pitoresco lago teria as mesmas virtudes mágicas de se desentranhar também em criaturas loiras... mas menos pérfidas. Em Castiglione, porém, só vi manadas de vacas brancas atascadas em paúes e logo no primeiro dia apanhei sezões.

Estes lagos do sul, nem por menos aptos em nos oferecerem deusas, deixam de nos armar ciladas. Aconselharam-me a vizinha Arezzo que tem fama de bons ares, e lá me dei optimamente. E quando de novo me fazia à vela para a cidade dos Papas, em Teróntola, tendo outra vez detronte o melítico charco, dei uma guinada à esquerda, por imposição dum respeitável Esculápio, que decretára menos arriscado para a minha saùde a margem oriental do lago. Eu achei sobretudo que ela me não levava tão depressa a Roma!

Vasco interrompeu:

— Roma, quando o calor aperta, não é nada saüdável. Não podias escolher pior...

— Qual Roma! Não pús os pés em Roma! Desta vez fiz uma figa às tentações do Corso. Um percalço me aconteceu, Soeiro amigo, em que vi os desígnios secretos da providência. Imagina tu que por alturas de Spolleto entra comigo uma sezão que mostrava jeito de malina. Tive de desembarcar, e vendo-me tão mal acode-me caridosamente um frade capuchinho que me mete num *char-à-bancs* e me leva a um *albergo*. Não te digo o que foi essa entrada trágica em Spolleto, que é uma terra da Idade-Média, negra, soturna, com muralhas e pontes levadiças, poisada numa encosta com seu castelo roqueiro por cima. Ia com um febrão medonho. Delirava. Dançavam-me deante dos olhos as scenas macabras do *Inferno* de

Dante, que viera a ler no comboio, e puxei pelas barbas compridas do santo frade, julgando que era Caronte que me levava na sua barca. Uma tragédia, meu caro Soeiro! Estive três dias entre a vida e a morte, e nunca o santo religioso me largou a cabeceira. Enfim, lá arribei. Levantei-me, dei alguns passeios na negregada terra, e tive medo. Julgava-me já na Calábria. Tu sabes, em não havendo o casino, o *music hall* ou um simples animatógrafo, já me não sinto bem. No *albergo* não havia gente civilizada do ocidente e nestas ariscas regiões da Itália, um francês, mesmo um inglês que a gente tope é quase um compatriota. Quando estava já na afinação, o capuchinho, que me afiançava que a cura da malina fôra milagre de S. Francisco, quís que eu voltasse atrás, por causa duma promessa que êle fizera ao seu santo patrono de me levar em peregrinação à sua basílica, se me visse são e salvo. Tive que obedecer, curvar-me e ir agradecer a S. Francisco por me ter posto em pé, e muito favor em não ir a pé descalço. E aqui vou eu para Assis, atrelado ao meu bom frade. Pois abençoada sezão, malina, ou lá o que foi, que me levou a Assis, onde passei tão bem e vi tão lindas coisas!

Vasco Soeiro encarava-o, entre risonho e pasmado.

— Pois tu vens da Úmbria, Alvarenga? Tu vens de Assis?

— De lá venho, meu caro Soeiro. Peregrinei como um devoto pelas estradas que S. Francisco pisou com as suas chagadas plantas, sempre á ilharga do meu capuchinho barbado, que me pregou bem bôas escalfas, Deus lhe perdôe. Mas bem empregado tempo!

— Curioso acaso, Alvarenga! Pois é para lá que eu vou. D'aqui de Florença direitinho a Assis, a ver o Giotto. E' até o motivo principal que me traz a terras italianas.

— Feliz homem! — soltou Alvarenga. — Tu já conheces Assis?

— Nem por lá passei. Bem sabes, Roma não deixa...

— Olha, Soeiro, põe tu na ideia uma criatura causticada da cidade, deitando pelos olhos tôda a detestável droga doirada que envenena uma existência chique d'hoje; pois uma pessôa destas caindo em Assis é como se um condenado se escapulisse das fornalhas do inferno e rebolasse de súbito nas frescuras do paraíso. Só uma terra assim podia criar um homem como S. Francisco. Venho de lá um santo e se me demoro mais fazia-me franciscano, entrava num convento.

Vasco Soeiro desatou a rir.

— Tens pouco jeito para eremita!

— Qual eremita! Os frades aqui não são eremitas. Vivem alegres, vivem que nem pássaros, e com

uma côdea do pão e dois goles de vinho gosam de antemão as delícias da bemaventurança. Os frades italianos fazem parte dos encantos da natureza, Soeiro! Se os eliminassem mais os seus conventos aninhados nas rocas, era uma vez a beleza da paisagem. Como um campo d'onde fizessem fugir as aves.

— Pois é o Giotto que me leva à Úmbria, — esclarecia o pintor. — Deves tê-lo visto na basílica de Assis.

Alvarenga coçava a cabeça.

— Sim, os frescos, maravilhosos... Mas, para falar-te com franqueza, Soeiro, a respeito de Giotto do que posso dar-te melhor relação é do hotel Giotto, um hotel afrancesado, donde gosei panoramas deslumbrantíssimos. Mas não te recomendo o Giotto, não te recomendo hoteis, nem mesmo o Subasio, quase parede meias com S. Francisco. Bons para americanos. E' uma coisa que destôa e que escandaliza, Soeiro, êsse luxo todo na cidade mística do Pobrezinho, onde só se devia entrar de bordão e sacola às costas.

Vasco alegava, sorrindo, que os tempos eram outros e havia exigências.

— Bem sei, as exigências da civilização. Olha, se tu queres sentir Assis encarcéra-te numa torre ou então busca poisada em residência particular, onde se vive ainda como nos tempos do Santo Pa-

triarca. E não é dificil acertar porque ali, por ora, tudo é antigo, homens e coisas. Tu tens dois anos de Roma, sabes a língua, é uma vantagem. Segue o meu conselho. E então não te surpreenderá êste contraste estravagante entre a franqueza com que te oferecem um copo de vinho num convento velho que o teu Giotto pintou talvez, e o entono encasacado com que te preguntam numa banal casa de jantar escaiolada, e em francês mascavado, se preferes Chianto ou Borgonha.

Vasco Soeiro concordava.

— Está muito bem, Alvarenga, mas o pior é que eu não tenho lá ninguém que me possa servir. Levo uma carta para um figurão qualquer, um professor, um historiador, um sábio. Bem vês que não vou fazer do homem agenciador de poisadas.

Alvarenga cogitou um momento.

— Espera, talvez se arrange. Telegrafa-se a D. Cesarina.

— Quem é D. Cesarina ?

— E' numa casa de *ricordi*, *via* Principe di Napoli, a dois passos da basílica. Algumas vezes lá fui, com o meu capuchinho, comprar medalhas e postais. Gente bôa, gente séria ; mas creio que só acolhem padres. Enfim, experimenta-se, tu pintas santos. E convinha-te, ficavas com o teu Giotto ao pé da porta.

Solicitado, Alvarenga, adeantara que D. Cesarina

lhe parecia viúva, e havia um velho, Almaviva, não se lembrava bem, que dava o nome à loja. O capuchinho conhecia-os muito, mas lá estava para Foligno. A viuva tinha também uma filha, lindíssima, um anjo vivo, mas recatadíssima.

E Alvarenga encomiou.

— Oh, Soeiro, eu mal lhe deitava os olhos por causa do respeito ao santo frade e por estar na terra de S. Francisco que me livrou da malina. Mas juro-te que é uma beleza maravilhosa, um daquêles anjos que há lá nas igrejas, e por força deve ter asas.

— Tu é que lhe arrastaste talvez a asa...

— Não, amigo Soeiro, não brinques. Assis é santa!

E Francisco Alvarenga pôs-se a redigir o telegrama para Assis.

II

Vasco ouviu de noite sibilar o vento, e quando ao romper das sete saltou do leito e descerrou as vidraças, sentiu alfinetar-lhe as mãos uma chuva miùdinha. Florença perdera o brilho. O Arno embaciara, e os ciprestes de San Miniato apareciam lúgubres nas alturas. Por volta das oito, uma réstia de sol lambeu a casaria lázara da outra banda do Arno. Sorriu uma nesga azul por cima da Ponte Velha, e uma tinta côr de rosa doirou os novelos pardacentos, que debandavam nas colinas como exércitos desfeitos. Esperança efémera. Logo depois carregaram-se mais os ares, trovejou estrondosamente e foi com a alma triste e fôsca, da côr do céu, que êle começou a sua romagem para Assis.

Chovia, chovia sempre. Por muito tempo sombrearam tôrvas, sob cordas d'àgua, as lombas agrestes do Prato-Magno e só nas planuras de Arezzo

alastrou, enfim, uma onda larga d'oiro e de alegria.

Cortona, alcandorada e inexpugnavel, lançou-o dum salto na Feudalidade. Para deante afundavam-se os velhos caminhos correndo para o sul com as águas do Tibre e ostentando nas eminências cadáveres de castros e cidadelas. Para lá de Passignano, em paisagens mais finas e montes mais recortados, abriu-se o vale santo, a Úmbria Verde das férteis costas, escrínio das belas tradições seráficas.

Perusa negrejou ainda, torreada, muralhada, dominando nas altitudes. Depois os montes fugiram, o vale alargou, a terra ganhou verdor e amplidão, e numa volta célere do comboio, correu pelas faldas do Subasio, trigueira, adelgaçada como uma fina flâmula estendida ao largo, a cidade mística de S. Francisco.

A' saída da estação, Vasco tomou um trem e deu o endereço de D. Cesarina, via Principe di Napoli. A estrada cortava os campos enfiada ao burgo que se debruçava, sôbre o imenso jardim do vale, em miradoiro. Enternecia à bucólica das veigas. A chuvada lustrara os verdes e abrandara o ardor do sol. As aragens colhiam ainda fragrâncias de primavera, e à garridice da vinha correndo nas árvores em grinaldas e festões, opunha se a majestade larga das searas, amadurando longínquamente, quietas e mo-

nótonas. D'um lado e d'outro, por detrás das sebes floridas de madresilvas e sabugueiros, branquejavam sob as altas copas dos carvalhos, afanosos casais; e do bom labor agrícola pressentido recolhia-se uma impressão casta de ruralismo feliz e calmo.

Tinham passado à frente, açodados e roncantes, os autos dos hoteis, e Vasco poude, lentamente e sonhadoramente, empreender a mística ascenção do varandim celeste.

O panorama empolgava. Por cima do casario medieval espigavam cúpulas, campanários, miradoiros, cortinas e torres ameadas a que só faltavam seus balsões de guerra, — visão xilográfica de gravura antiga. A uma ponta corria em arcada monumental a linha dura dos contrafortes do Sacro Convento, cujas raízes mergulhavam no declive abrupto. Por cima da cidade, no alto, dominando-a, ameaçava ainda uma velha fortaleza, a Rocca Maggiore.

Para lá da casa Gualdi, d'onde S. Francisco, moribundo, abençoou a sua querida Ascesi, o caminho subiu. A cidade começou a despegar-se da montanha. Attingiram as muralhas e ao passarem uma alta porta, o carro voltou, marinhou, na festa estralejante do chicote do *veturino*, por uma viela íngreme de casas escalavradas, e foi ter a uma praçazinha debruada por graciosas arcadas, espécie de claustro público mas tão modesto e franciscana-

mente pobre, que mais parecia alpendre para caravanas.

Vasco mandou parar. A fábrica enorme da basílica erguia-se vigorosa, dura e sóbria. No fundo arqueava se o portal casamatado, devorando os raros transeuntes. Vasco Soeiro considerou demoradamente o templo enorme, duplamente sagrado: túmulo dum santo e berço duma renascença artística.

Depois o carro ladeou a basílica, peguinhou cansadamente nas rampas, enfiou por longa rua, e parou à porta duma lojinha de *ricordi*, que ostentava na vitrina a vistosa trivialidade do seu comércio. Era um destes graciosos bazares que há sempre à roda dum monumento ou duma tradição local, bocetas encantadoras recheadas de coisas frívolas e bonitas, — que não deixam contudo de ferir o olhar mais educado — esmaltes, mosaicos, miniaturas, livros, fotografias, estampas, postais, medalhas, gessos, majólicas e bordados.

O arruamento deserto mostrava-se desabitado e morto. Do fundo da rua pareceu deslocar-se a silhueta dum religioso que martelou cavamente a uma cerrada portaria.

Ao entrar na loja, Vasco deu de cara com uma doce e grave mulher de meia edade, que se ergueu por detrás dum mostrador. Vestia de preto. Era alta e fina. A face desmaiada, macerada, fazia-lhe

talvez mais anos do que aquêles que poderia dar-lhe o seu porte ainda elegante e desempenado.

Compreendendo que estava deante da dona de casa, o pintor esboçou uma mesura cortez que visivelmente a lisongeou, e disse-lhe que era o hóspede recomendado por um telegrama de Florença.

Acolhedora e afável, D. Cesarina não deixou contudo de aduzir que a sua casa, muito modesta e sem modernismos de *albergo*, não recebia hóspedes, e só por indicação de entidades religiosas cedia algumas câmaras a pessoas da mesma condição. Justamente tinham saído uns eclesiásticos romanos e já lhe chegára um outro pedido para os dois únicos quartos de que podia dispôr. Todavia, se era para alguma demora preferia servi-lo a êle.

Vasco declarou que contava estar não menos de um mês e tomaria as duas câmaras se lhe agradassem.

Iam ver, mas entrou na loja um casal de ingleses pedindo películas Kodack. Enquanto D. Cesarina os servia, o artista abriu aqui e ali albuns de fotografias, passou e repassou estampas e fez reparo num busto de Niccolo da Uzzano, expressiva cabeça de linhas vigorosas, cópia dum mármore de Donatello, que repousava numa mísula alta. Para ver melhor rodeou o balcão do fundo da loja, onde uma porta se disfarçava por detrás dum reposteiro. O olhar distraído de Vasco enxergou então, através

do reposteiro meio corrido, uma estilizada figurinha de rapariga, curvada atentamente sôbre um bordado.

A quadra interior devia ser um prolongamento reservado da loja, e a deliciosa criaturinha entrevista, a filha de D. Cesarina, êsse anjo com asas, de que lhe falara, com tanto enlêvo, Francisco Alvarenga.

Liberta dos ingleses, a lojista subiu com Vasco uma sólida escada de torre. Outros degraus de pedra levaram ao segundo piso, e ali D. Cesarina franqueou as duas câmaras vagas. A claridade do dia luminoso jorrou pelas janelas, abertas de par em par, e sem attender mais nada, o artista ficou-se a olhar para fóra, encantado. Possuía toda a basílica. Em frente, para lá das relvas dum terreiro assoalhado e sob o domínio do campanilo altivo, erguia-se a frontaria nobre da igreja alta, onde sobressaía, em riquissimos lavores, por cima do pórtico geminado, a rosácea gótica maravilhosa; e no fundo das rampas alcançava-se o recinto de ingresso à igreja baixa e um pedaço das arcadas da praça inferior.

D. Cesarina levou-o à janela da outra câmara voltada ao sul. O vale de Assis desenrolava o veludo macio dos seus pomares e vinhedos, mimosos campos sempre verdes e luminosos, até às longínquas montanhas azuladas. Lá adeante a hospedeira indicou-lhe a cúpula grandiosa e branca de Santa

Maria dos Anjos, rompendo a esmeralda fina e unida da planura. A' direita serpenteava em grandes curvas sinuosas o leito amarelado duma torrente.

— Aquêle rio àlém? preguntou Vasco.

— O Tescio, senhor, a ribeirinha do Tescio, que vai ao Chiascio.

E a voz desta mulher harmonizava-se estranhamente com a paisagem preciosa.

Quando desceu para o jantar, depois duma lenta instalação, encontrou na saleta D. Cesarina e a linda fàdazinha descortinada da loja, que estava a encher de cravos brancos uma jarra amarela posta sôbre a mesa, onde havia apenas dois talheres.

Não exagerara Alvarenga. Era uma graciosa donzelinha pálida, fresca e esbelta como um pâmpano tenro, rosto de pérola, em oval puríssima, grandes olhos meigos em amêndoa, e cabeleira de corte à florentina. O busto talhado em gamopétala evasava-se-lhe em contornos delicados de ânfora, e na curvatura descaída dos ombros, como nos anjos dos primitivos, qualquer coisa aflorava imperceptível, que fazia pensar num ser alado. Tinha um ar alheado e extáctico, e lia-se-lhe nos olhos pensativos e presos por certa contensão interior, a gravidade reflectida que denuncia já o pensamento. Criança, mulher? Não foi difícil ao pintor reconhecer nesta

singular criatura angélica, o rebento ancestral duma extinta geração, — uma flôr d'Ascesi, com a graça sienesa e o talhe florentino, e a alma umbriana ardentemente mística e religiosa.

D. Cesarina falava-lhe ternamente de sua filha Bianca e exaltava-lhe, com enlêvo materno, não sem protestos pudibundos da jovem, as suas mãos de fada que lavravam os mais bellos bordados em ponto de Assis, que a cidade expunha.

Vasco pegou na jarra florida. Gabou muito os cravos brancos, mas prendeu-o, sôbretudo, o modelado original da graciosa peça e o colorido epidérmico em que destacava, sôbre os tons azuis e vermelhos, um amarelo fino de giesta. Era uma majólica de Deruta. D. Cesarina, satisfeita, desculpava-se ceremoniosamente de não poder dar ao seu hóspede melhor aposentadoria.

— Assis é uma aldeia, disse, sorrindo.

— Em Assis só uma poisada franciscana, atalhou da porta a face esperta dum velhote rijo, cara rapada e olhos vivos, expressivos.

E encantado ficou o senhor Ambrogio Albanova, logo que soube que o seu hóspede era pintor. Ele na mocidade tivera algum jeito, mas não se desenvolvera e ficara sempre um simples curioso que não ia àlém das pequenas coisas sem responsabilidade, e pouco exigentes, do comércio da sua casa.

Como se aproximasse da janela, fez notar a beleza da basílica. Pintára-a já d'ali àquela hora.

O crepúsculo polvilhava de cinza a imensidade vaga da planície e no fundo esmaecido do céu, as linhas altas da frontaria adquiriam um relêvo estranho.

Uma criadita entrou e começou a servir. D. Cesarina saiu discretamente com Bianca.

Ambrogio Albanova criava familiaridade, e desdobrando o guardanapo investigava do pintor :

— Buscar a Assis alguns quadrinhos ? Colhem-se aqui aspectos admiráveis. Tonalidades de luz na paisagem, como em parte alguma. E para estudos do passado não faltam por aí motivos pitorescos de antiguidade autêntica.

Vasco disse que vinha só por causa do Giotto. Para ver, para estudar o Giotto na basílica franciscana.

O velho enrugou a testa, traiu um desagrado extremo.

— O senhor vem também estudar o Giotto ? Como os alemães ?

— Não sou crítico d'arte, senhor Albanova, — esclareceu o pintor, sorrindo. — Não venho discutir, mas aprender.

A fisionomia do velho clareou-se.

— E porque é que o interessa o Giotto ? Fica já tão longe !

— Há uma renascença religiosa na arte, e é

sempre útil pedir conselhos àquêles que, como o Giotto, deram tão grande impulso á pintura religiosa.

Albanova replicou com certo entono.

— Giotto não deu simplesmente impulso à pintura religiosa. Giotto criou a pintura moderna, e em que pese aos alemães, que querem roubar-lhe o que êle aqui deixou, foi aqui na nossa basílica que o Giotto abriu uma grande era renovadora.

Vasco declarou que andava um pouco alheio a êsses debates das atribuições:

— São coisas que interessam mais aos sábios. Mas creio que ninguém contesta os méritos do Giotto.

— E' certo, mas attenda que se desligam Giotto da basílica de Assis, Giotto fica o grande pintor que é, mas perde a primazia que justamente gosa. E é essa a consequência que resulta da hipercrítica alemã.

E o velho Albanova verberava com cólera à hipercrítica alemã.

— Uma gente terrível! Veja o senhor. Os franceses passam a correr, e levam impressões; os ingleses tiram fotografias; os americanos põem preço a tudo. Os *tedeschi*, êsses ficam, pegam-se, agarram-se. Atravancam as cidades de arte e espiolham tudo, metem o nariz em tudo. E o que é pior, revolucionam, com descaro, todas as concepções. Danada gente!

O pintor não respondera. Tudo em volta era silêncio. Da praça escura não subia rumor, e Vasco sentiu-se perdido no fundo dum deserto de solidão e de morte.

— Senhor Albanova, com espanto, logo à chegada, fiz reparo numa coisa que não esperava. Supunha eu, com toda a razão, que estas duas praças de S. Francisco, que rodeiam a basílica e a que os roteiros chamam *inferior* e *superior*, fôssem praças monumentais, com gente, com animação e muitos prédios à roda. Centro da colmeia assisiata, naturalmente. Pois o que é Assis senão a basílica franciscana? E afinal, as ditas praças são terreiros mesquinhos, desertos, e esta aqui defronte é um rocio d'aldeia comido d'ervas, que por pouco não invadem a egreja. E até parece que a vida foge de aqui!

Albanova sorria:

— Uma bôa partida de S. Francisco. O *Poverello*, por humildade, quis que o enterrassem no mais escuso sítio do arrabalde, que é êste mesmo, chamado então colina do Inferno. Lugar sinistro, patibular, porque era aqui que se justiçavam os condenados. E vai então, fr. Elias lembra-se de erguer êste riquíssimo monumento para túmulo daquêle que em vida só habitára cabanas e grutas de rochedos. Debalde voltaram a igreja para a cidade, para a chamarem, para que ela viesse, infringindo até os

preceitos litúrgicos, porque, como o senhor bem vê, a igreja olha o nascente. Há séculos que a basílica chama a cidade e só muito lentamente, arrastadamente, algumas ruas esticaram até aqui, mas tão miseravelmente, tão esfarrapadinhas, que houve por bem, em nome da estética, varrer aí alguns pardieiros ignóbeis. Mas antes isto, senhor Soeiro, antes esta desolação, do que modernismos escandalosos. A basílica é um túmulo, e um túmulo quere recato, quere respeito à roda.

— Muito bem, senhor Albanova, inteiramente d'acordo. E se estranhei, foi porque vim achar aqui o que é já raro, infelizmente.

— De sorte, continuou o velho, que o centro da vida citadina lá está hoje ainda, onde era antes de vir a basílica, e S. Francisco ficou, como queria, arredado, isolado, e a dormir em paz.

Depois falaram do franciscanismo. A cultura franciscana oferecia curiosamente um duplo aspecto: erudito e artístico. Os sábios interessavam-se em pesquisar e aclarar tudo o que dizia respeito à eclosão e desenvolvimento da grande renascença religiosa que o apostolado de S. Francisco viera provocar, num período crítico da Igreja. Os artistas, êsses encontravam nas tradições poéticas e legendas que aureolavam a vida do Santo umbriano, um manancial perene de bôa e salutar inspiração.

Vasco Soeiro sentia-se feliz por se lhe ter depa-

rado no senhor Ambrogio Albanova um homem tão entendido e sabedor, que lhe ia fazer, na mornidão de Assis, um espiritual convívio, que não seria sem vivacidade e brilho.

E como lhe preguntasse pelo professor Alfieri, para quem trazia uma recomendação, o senhor Ambrogio franziu a testa.

— Anti-franciscano ? soltou Vasco.

— Oh, não ! — protestou com força Albanova. — O sábio historiador pertence até á *Societá di studi francescani* que o Sabatier fundou, instalada aí adeante, no palácio Giacobetti. Mas Alfieri tem um critério estreito, e cinge-se talvez demasiadamente ao rigorismo dos seus métodos . . .

— Fruta do tempo . . .

Veemente, o velho afirmou :

— Um santo, diga-se o que se disser, não pode ser julgado como um mortal qualquer. Há coisas que escapam à rasteira análise. A santidade tem asas !

— E a beleza também, senhor Albanova, — suspirou Vasco erguendo-se.

III

Levantou-se tarde. O sol doirava há muito a frontaria de S. Francisco. Desceu para ir ver, finalmente, a igreja e o Giotto, e já na rua lembrou-se de adquirir na loja uma guiazinha descritiva que o orientasse lá dentro. Escolheu entre as brochuras no escaparate e depois preguntou por uma obra boa, capaz, para o estudo do monumento. D Cesarina retirou dois ou três volumes dum armário, mas lembrando-se de que havia coisa melhor, disse-lhe, confiadamente, para ir ver dentro. E, confiadamente, Vasco afastou o reposteiro da quadra contígua.

Vendo Bianca, fina como um lírio, Vasco achou que ela ficava admiravelmente no meio daqueles leves e graciosas coisas, irmã mais velha das santas e virgens d'oiro, cujas imagens pendiam das paredes, colhidas com industriosa arte, de frescos e retábulos.

Bianca, prevenida, foi buscar um grande tomo sumptuoso, cuidadosamente resguardado num estojo de cartão. Era uma aparatosa monografia da basílica, obra recente do professor Supino.

O artista enaltecia a beleza do monumento que perpassava, nas magníficas gravuras da obra, em tôdos os seus delicados e mínimos pormenores. E encarando-a, preguntava lhe se gostava da basílica, se ia muitas vezes lá.

Os grandes olhos aveludados de Bianca cresciam, e na doce fala italiana, que se tornava em música divina nos seus lábios finos, dizia :

— Oiço missa todos os dias no altar de S. Francisco.

E pronunciava *Frantchesco* com infantil entoação.

Virando as páginas cetinosas, Vasco contava a impressão que a basílica lhe tinha deixado ao entardecer, quando o campanilo e as linhas altas da frontaria se recortavam no céu pálido.

— Em noites de luar deve ser fantástica, acentuava o pintor.

— Quando há luar, levo horas e horas com os olhos nela. E à meia-noite, vejo sempre vir Santa Clara, com uma guarda d'anjos, por cima dos ciprestes.

Falava com tão segura tranquilidade e um ar tão natural, que Vasco encarou-a estupefacto, sem palavra.

— Quere ver? E' assim que a Santa vem.

E apontava-lhe uma linda imagem antiga, suspensa na parede, com uma enorme e reluzente auréola d'oiro.

O artista chegou-se.

— Mas é um fresco! Esta estampa é cópia dum fresco. — E vendo na legenda o nome de Simão Martini, exclamou: — E' uma pintura sienesa!

— E' Santa Clara, é a santa como está pintada ao pé do túmulo de S. Francisco. Aparece, tal qual, com êste círculo d'oiro e êstes olhos tristes, numa revoada d'anjos.

E os seus lindos olhos, suaves, meio cerrados e fendidos em amêndoa, copiavam a atitude melancólica da santa.

— O Giacomo viu-a já também...

— O Giacomo?... — exclamou o pintor.

E ia preguntar quem era Giacomo, mas D. Cesarina apareceu à porta.

Vasco mandou subir a monografia de Supino e pediu também que lhe separassem uma boa colecção de pinturas da basílica.

Desceu as rampas apreensivo, pensando na singular criatura que tinha visões e as confidenciava, com simplicidade infantil, ao primeiro que aparecia. E quem podia ser êsse Giacomo? Certamente, algum galanteador que condescendia pérfidamente em ter visões também. Namorico dela? Paixão séria?

Mas êle não vinha a Assis para ocupar-se d'isso e importavam-lhe pouco os namoros e os delírios de qualquer rapariga visionária. Na verdade, o que êle sentia era um vago despeito e acumulava já sôbre êsse desconhecido, que com tanta facilidade via no céu cavalgadas d'anjos, juizos pouco favoraveis. Prometeu não mais pensar no caso e franqueou a entrada da basílica.

Para lá da portada gótica, e desde que se descia à nave, caía-se numa obscuridade fria de sepulcro. Era uma cripta baixa, atarracada, pesando esmagadoramente sôbre pilares roliços e curtos, d'onde saía, semelhante a um feixe de cordas retezadas, a musculatura sólida das abóbadas. Esta tensão sensível dum esforço hercúleo fatigava, e a sombra gelava. Mas assim que o olhar corria ao fundo da nave e se prendia nas arborescências luminosas da ábside, uma doce volúpia mística desoprimia e elevava.

Vasco deixou-se deslizar para êste jacto de pedraria ardente, que subia dos solos, e viu-se no cruzeiro, defronte do grande altar isolado, que se erguia sôbre o túmulo de S. Francisco; e d'ali se lhe revelou enfim a beleza surpreendente dêsse santuário, um dos mais preciosos da terra.

O pesadêlo românico da nave aligeirava-se para cá dêste túmulo, em vôos já góticos, lentos ainda, mas animados já pelo movimento e graça das li-

nhas. Nos braços do cruzeiro floriam, como gemas luminosas, duas capelas ogivais ; e na curva da ábside desabrochavam os lírios esguios e multicôres das frestas envidraçadas. E era para notar esta coincidência singular : plantado, entre dois ciclos d'arte, o túmulo daquêle que fôra também um marco miliário entre duas grandes épocas.

Mas êste aspecto plástico da basílica, que era o primeiro a ferir, suplantava-o bem depressa o esplendor animado que tumultuava pelos muros e abóbadas. Tudo vivia à roda. Os grandes mestres primitivos não tinham deixado um único espaço que o seu pincel não houvesse iluminado e pôsto a falar na mística linguagem da côr. E era esta sinfonia das côres, mais do que o poema das pedras, que falava à alma do pintor.

Tudo vibrava, comovidamente, nas culminantes scenas da paixão de Cristo e na deliciosa evocação de histórias e legendas franciscanas. Com que veemente fervor os velhos primitivos tinham ensaiado ali os hesitantes passos do realismo ! Ao hieratismo seco e inexpressivo dos gregos, Giotto viera opôr a mobilidade inquieta das almas, traduzida na desenvoltura natural de movimentos e atitudes. E com que naturalidade simplista, com que ingénua mímica pitoresca se desarticulara nas mãos sortílegas do Mestre o geometrismo oriental das ábsides romanas ! A grande alma dos pintores inspirados abafara nos seus

transportes eloquentes as insuficiências naturais da mão inovadora. Eram até deliciosos êsses desenhos incorrectos e êsses êrros de proporções e de perspectivas.

E foi um atordoamento confuso que êle sentiu deante daquêle velho livro iluminado, onde aqui e ali reconhecia, vivas e palpitantes, muitas páginas que percorrera nos frios reflexos de gravuras e fotografias.

Buscou na abóbada, que fazia dossel ao túmulo, a obra prima do Mestre e contemplou por largo tempo as famosas *Alegorias*, de tão delicada graça nas teorias d'anjos, que parecia ter por ali andado um pincel sienês. Mas era com certeza do mestre, porque ninguém como Giotto podia ter interpretado com tanto sentimento franciscano as três virtudes seráficas, e êsse maravilhoso poema do casamento de Francisco com a senhora santa Pobreza.

Depois, procurou ainda Giotto nas pinturas da banda de cima do cruzeiro, onde êle contava histórias da legenda franciscana, e a vida de Cristo na curva larga da volta. Por baixo da sua *Crucificação*, tão viva e movimentada, surpreendeu-o o fresco celeste de Cimabue, uma Madona num trono, ladeada de anjos, com S. Francisco ao lado.

Aturdia-o tanta beleza e não sabia em que se fixar. Sentara-se deante dêsse Cimabue, a surprender o que no mêstre de Giotto havia ainda de an-

tigo, e o que de novo despontava já nêsse grande e vago precursor, quando reparou num largo friso, onde se alinhavam algumas figuras em busto, duma maciesa de carnações que traíam a doce expressão de Siena. Era o pincel de Simão de Martini; e sobressaltadamente reconheceu, quase no extremo do friso, a bela figura de Santa Clara que em noites de luar passava nos olhos de Bianca Albanova.

Com curiosidade se aproximou.

Nunca um artista criára, com mão mais suave, uma expressão igual de pureza e de perfeição. Seria bem difícil realizar com mais idealidade a figura duma santa que era também mulher. Porque essa virgem nimbada d'oiro, sob a ingénua candidez da santidade, emitia um forte encanto feminino de carne mimosa e rósea. Os pintores primitivos sabiam ser castos sem deixarem de ser realistas. Mostrava-o bem essa encantadora criação feminina. A gravidade que melancolizava o fino rosto da santa nascia na comissura dos lábios unidos e ganhava relêvo nos olhos límpidos, que a vetustez das tintas e do emboço macerara, — uns olhos grandes, fendidos em amêndoa, de pálpebras lânguidamente cerradas através das quais espreitava a flôr azul das pupilas. A brancura do linho que lhe envolvia, monásticamente, a testa alta, dava mais realce e firmeza ao tom carmíneo da face; e a toalha, que mestres ciosos deviam mais tarde cingir e apertar, descia em pregas

largas, desafogava sem formar soqueixo, deixando ver uma garganta esplêndida e a linha harmoniosa do pescoço até à espádua. Esta cabeça admirável destacava, branca e casta, no fundo dum nimbo plástico, brilhante e vivo, como uma enorme moeda d'oiro.

O artista arrebatava-se :

— Senhor, como se perdeu o segrêdo de se poder ser assim belo e puro?

Arrancando-se d'ali, Vasco indiciado pela guiazinha, subiu uma estreita escada encravada nos muros, deu algumas voltas, e desembocou no cruzeiro da basílica alta. Ia enfim contemplar Giotto, senão na culminância da sua mestría, com certeza no esplendor da sua genealidade nascente.

Esta igreja alta, sem a lívida maceração de cripta da igreja baixa, era escorreita, bem proporcionada e harmoniosa, esclarecida por grandes janelas góticas que lhe davam elasticidade e desafogo aério nas alturas. Contudo, nesta bela nave sentia-se a frieza dos lugares mortos de museu, onde tudo repoisa impassível na inércia da vida ausente. E faltava a vida porque faltava o culto. Não se celebrava ali. Proscrito, o culto fôra-se, arrastando a misticidade do lugar santo. O coração da basílica palpitava lá em baixo, ao pé do túmulo de Francisco. Só aí na basílica velha circulava e pulsava a fé, como num gasto e carcomido tronco, sem forças já para fazer subir as seivas.

Quem visitava a igreja alta era principalmente para ver Giotto, e aí a visão dos frescos célebres reacendia o fervor da religiosidade ausente. Aí só Giotto reinava. A tôda a volta da nave desenrolava-se o imortal poema em vinte e oito frescos, vinte e oito cânticos sagrados da juventude inspirada do mestre florentino. Aí Giotto rompera as rígidas normas bisantinas, forjando almas e sentimentos, criando drama e vida.

Até ali, a legenda franciscana — fóra esses sumidos e inatribuíveis frescos da nave inferior — não saíra das pequenas táboas, e em volta do Santo efigiado é que se agrupavam algumas histórias episódicas da sua vida. Giotto precisára duma nave imensa para narrar á larga como nos cantos duma epopeia, o ciclo grandioso que a sua visão de génio concebera. E para ilustrar a mais bela e perfeita vida d'homem que Deus criára, viera também um génio novo, poderoso e forte.

No fundo da nave, à esquerda, Vasco lobrigou o perfil miúdo de Ambrogio Albanova, parado deante do fresco representando o Exorcismo de Arezzo. Atento às notas que estava garatujando, Albanova só deu por Vasco quando êste lhe chegou ao pé e irrompeu em exclamações.

— Como tudo isto é belo! Como Giotto é grande!

— Sim, é preciso vir aqui para surpreender a

transição do mundo antigo para o mundo novo. Tudo está nêstes vinte e oito quadros.

— E Giotto não soube talvez o que fez, quero eu dizer, não teve talvez a compreensão do alcance extraordinário da sua obra.

Albanova avançou agitando a pasta.

— E quem é que a tem? Quem é que pode prever as consequências últimas dum só dos seus actos? Podia Francisco supor, quando se rebaixou tanto para se apagar, que seria projectado tão alto? Podia êle prever nas cabanas de Rivotorto e da Porciúncula esta basílica triunfal? O génio é as mais das vezes uma força que se ignora. O grão não se vê jàmais florir.

Vasco Soeiro pensou que o velhote não era nada banal e que o seu espírito relampejava às vezes.

— O sr. Ambrogio Albanova foi artista, fez estudos? preguntou-lhe.

— Tive alguns princípios, tive. Gostava da pintura, tinha-lhe amor. Estudei até em Roma. Mas não continuei, vim para aqui, e o senhor sabe o que é o isolamento em mesquinhas terras de província. Era preciso viver e creei aí aquêle negócio. Os sonhos foram-se. Servi-me d'algumas aptidões que tinha para idear séries de bilhetes postais que ninguém guarda e se deitam fóra... Um bilhete postal! Que valor tem isso?

— E essas notas sôbre o Giotto?

— Para dar o ciclo franciscano numa série colorida... Ele sempre há quem dê mais apreço a trabalhos de mão, do que à fotografia. Mas a fotografia mata tudo!

E o malogrado artista desabafava com tristeza:

— Mas ficou-me sempre a paixão por estas coisas d'arte. Já agora é um entretenimento. Que ninguém faz caso, não se dá apreço. Um postal ilustrado! Que vale isso?

Vasco sentiu no fundo do coração uma grande piedade por aquela vocação falhada que chorava no íntimo as ilusões desfeitas. E condoído, mudou de assunto e pôs-se a falar do Giotto.

Deram a volta à nave, poisando deante de cada fresco do Mestre e comentando-o.

No cruzeiro, Albanova dizia:

— Lá em baixo é o caos encantador; aqui há mais equilíbrio, mais serena majestade, e há, sôbretudo, um simbolismo bem ordenado. A Virgem reina sôbre o túmulo do *Poverello*, mas em cada braço do cruzeiro, Francisco — nova pedra da Igreja e ao mesmo tempo seu libertador — é representado, duma banda por S. Pedro e da outra por S. Miguel. Um grande mestre, que só pode ter sido Cimabue, projectou nas paredes o transumpto alegórico, desenrolando-se dum lado a legenda de S. Pedro e do outro a evocação terrífica do Apocalipse que alude ao sétimo anjo, Miguel, personificado em

S. Francisco vindo ao mundo para combater o dragão da herezia.

Vasco olhava para os frescos atribuídos a Cimabue.

— Tudo perdido! — observava Albanova. — As tintas comeu-as a humidade e o que resta tomou, como está vendo, o aspecto de negativos fotográficos. Mas há aí desse mestre uma *Crucificação* que, embora em péssimo estado, é um alto documento para a história da pintura.

E apontava o fresco estragado, formidável de dramatização.

Vasco declarava-se atordoado, desorientado no meio de tantas riquezas. Precisava duma sintese que lhe desse a chave para poder ver e estudar com método. Perdia-se, confundia-se no labirinto das legendas.

Albanova sorria.

— Mas é fácil, facílimo! Repare bem. O ponto de partida é êste: Conformidade de S. Francisco com o Cristo. Este conceito do paralelismo entrou cedo no franciscanismo. Toda a decoração mural da basílica se reparte, pois, entre as Escrituras e as Legendas franciscanas. O pincel que canta uma *laude* a S. Francisco ensaia no mesmo tom um hino a Jesus-Cristo. Veja o senhor. Logo à entrada, na nave baixa, o mestre desconhecido, talvez Giunta Pisano, que historiou a vida de S. Francisco, replicou na

outra parede com a ilustração do Evangelho. No cruzeiro, Giotto e Lorenzetti alternam simétricamente o Pobre do Assis e o Nazareno, e aqui na zona alta, por cima do ciclo franciscano do Giotto, lá correm paralelamente scenas das Escrituras. Claro, como vê.

— Sim, isso é já alguma coisa, suspirou Vasco, aliviado.

— E' tudo, meu amigo. Há coisas isoladas, evidentemente. As riquíssimas Crucificações que por aqui se repetem, explicam-se porque o crucifixo foi sempre caro aos filhos do Patriarca, e não há igreja franciscana que não lhe vote uma veneração especial. A cruz, tão amada e reverenciada pelo Santo, porque foi um crucifixo que lhe falou e determinou a sua vocação, ergueu-se sempre deante dos conventos seráficos, sob a forma de calvário. Foi lá em baixo, em Rivotorto, que se levantou o primeiro calvário franciscano. Eram dois pobres troncos deante da cabana de Francisco.

Cá fóra pararam no largo. E olhando a imensa fábrica, Albanova dizia:

— Não, a basílica não seduz, não empolga por delicadezas de linhas ou minúcias de cinzel. Está longe de impressionar como outras belas catedrais. E' mais cofre do que relicário; um poderoso cofre, é certo, guarnecido de torreões maciços que defendem, como leões, a riqueza inegualável que se con-

tém lá dentro. Por fóra é áspera, rugosa; mas a epiderme interior é d'oiro, e nada há no mundo que se lhe compare.

— Tudo isso é verdade, meu caro senhor Albanova, mas não representa nada o espírito de S. Francisco.

Albanova sorria, abanava a cabeça.

— Sem dúvida, e é provável até que o Santo, se a conhecesse, sentisse lá por dentro certa gana de a derrubar. Força d'expressão, já se vê. Mas o *Poverello* era muito contrário a grandezas na sua Ordem. Só cabanas e tugúrios humildes; os pequenos *luoghi*, como êle queria que se chamassem os mesquinhos recintos das suas comunidades. Os biógrafos do Santo contam episódios interessantes. Ia realizar-se um capítulo em Santa Maria da Porciúncula e como S. Francisco estivesse ausente, lembrou-se a gente de Assís de levantar uma casa, onde os religiosos fizessem a reùnião. Não devia ser grande coisa o improvisado imóvel. Pois S. Francisco, mal põe os pés em Assís e sabe da coisa, de tanta indignação se enche que destelha a casa, entra pelo vigamento e tê-la-ia demolido se não intervem o podestá reclamando a casa para a comuna. D'outra vez ia o Santo para Bolonha, e soando-lhe no caminho que os seus religiosos tinham moradia em casa própria, muda de rumo e manda a Bolonha ordens terminantes de despejo. Tal repugnância

tem uma certa justificação. E' que Francisco rereceava que lhe desvirtuassem os intuitos da Ordem, que êle criara baseada na pobreza absoluta e no apostolado activo, movediço, errante, rolante.

— Mas frei Elias não o entendeu assim! observou Vasco.

— Frei Elias era um grande homem, mas não possuía espírito franciscano. Errou, edificando a basílica? Mas temos de lhe perdoar pelas maravilhas que êle tornou possíveis. Não era franciscano, mas tinha génio empreendedor. Sagaz, inteligentíssimo, Elias compreendeu logo que uma instituìção como Francisco desejava, ia-se abaixo se não deitasse raízes fundas.

— E bem fundas mergulhou êle as da basílica!

— Compreende-se. Como manter uma instituìção que não só estava impedida de possuir uma nesga de terra, senão que interdizia até a posse individual do que quer que fosse? Francisco era santo e supunha que tôdos o podem ser. As pessoas modestas de seu natural dão pouco apreço aos méritos próprios, e não podem admitir que se não encontre nos outros o que acham vulgar e sem valor em si. Mas voltando à questão. Na basílica está um túmulo, e um túmulo exprime acima de tudo a síntese duma vida. E' enorme, monumental a basílica? Grande, extraordinária foi a vida de Francisco, e prodigiosa a sementeira que êle fez. A basílica é

pois um voto, voto da humanidade agradecida. Quere o senhor achar o espírito de Francisco? Vá então aos *Carceri*, vá a S. Damião e à pequenina Porciúncula dentro de Santa Maria dos Anjos.

Estavam perto de casa. Vasco agradecia-lhe a companhia. Sem êle andaria às cegas na basílica. E cumprimentava-o pelos conhecimentos que mostrava ter d'aquelas coisas tôdas.

O velho voltou-se com uma grande sinceridade.

— Quere crer, senhor Soeiro, que sou eu que lhe fico grato? Adoro estas velhas coisas; gósto de evocá-las Os turistas que vão à loja pedem-me às vezes guias e lá venho eu com êles! Por amor, por prazer, para falar d'isto. Mas o senhor sabe o que são turistas. Gente apressada, que não se prende, que não sente nada. Tudo aldrabado e a correr. Depois, já se vê, é sempre o vexame da gorgeta que me magôa e entristece... Bem, para a basílica cá me tem sempre às ordens. Quanto ao resto, S Damião, a Porciúncula...

— Estou com tanto interêsse em ver tudo isso!

— Já não alcanço a tanto. Pesam-me as pernas, estou trôpego. Mas o Giacomo deve aparecer por aí. Tem um excelente companheiro para lhe servir de guia.

Vasco encarou-o, surpreendido, e preguntou-lhe com mal disfarçada irritação:

— O Giacomo? Mas quem é o Giacomo?

— O Giacomo é o noivo de Bianca.

IV

Vasco seguiu rua adeante, mirando d'um lado e d'outro as frontarias das velhas casas monacais, trigueiras, leprosas, teratologia estranha de palácios degenerando em casebres, ou casebres macabramente alçados a palácios. Caíra em plena Idade-média romântica, com balcões de paços e alpendres de conventos, ogivas e muros crenelados, gradões e portarias, ruelas e becos afunilados que em boqueirões de sombra se perdiam. Contudo, nada d'isto pesava, antes tinha leveza e graça, porque a pequena Assis era miniatura delicada duma velha urbe extinta.

Para lá dum arco, que fôra antiga porta de muralha, a rua agargalava em rampa íngreme até à praça, um rectângulo enquadrado por edifícios monumentais, e sua igreja que tinha ainda por pórtico a sólida calunata romana dum templo dedicado a

Minerva. Na praça palpitava, enfim, rumor de vida sob arcadas com casas de bebidas, em duas ou três lojinhas de *ricordi* e no vago errar de meia dúzia de estrangeiros. Musgosa e fresca, uma fonte decorativa alegrava um ângulo da praça, e para essa banda se decidiu Vasco, depois de contemplar por algum tempo as seis colunas do templo pagão, a bela torre comunal esguia e crenelada, e o palácio do capitão do povo, ainda imponente na gravidade antiga da tradição.

A rua de S. Rufino, onde residia o professor Alfieri, esgueirava-se muito apertada e íngreme, nêsse ângulo da praça, sobranceira à fonte. Procurou o número da porta e deteve-se deante da mais típica casa da escalavrada rua, casa negra, medieval, de dois andares, cuja entrada tinha ao lado, murada há séculos, uma dessas simples e elegantes portas florentinas, tipo Strozzi, em que o arco aduelado aviva no extradorso a linha ogival do vão.

A velha serva que acudiu, arrastando, levou para cima a carta que o pintor lhe deu, e pouco depois convidava-o a subir do alto da escada lôbrega. Vasco atravessou uma quadra às escuras e d'ali passou a outra câmara, parcamente mobilada, com o clássico fogão italiano de loiça, um sofá atravancado de papelada, duas enormes estantes de livros mal arrumados, — e um homem de pé a uma secretária. O crânio luzidio de marfim, e uma barba enovelada,

socrática, já branca, aparentava mais idade à personagem.

O professor Alfieri mediu-o dos pés à cabeça, através dos seus óculos frios de sábio, e preguntou-lhe duramente se vinha fazer quaisquer pesquisas nos arquivos comunais.

— Perdão, advertiu Vasco, a carta que trouxe não é talvez bem explícita. Sou um modesto artista pintor. Venho a Assis estudar pintura...

A fisionomia do erudito desanuviou-se.

— Ah, para estudar pintura! Tem aí às suas ordens o Vasari. O Vasari nem sempre é certo, mas sem êle não se pode passar.

Vasco teve então de dizer miùdamente que pintava, fazia quadros, e que o trouxera à cidade mística do *Poverello* o desejo de conhecer os frescos dos mestres primitivos e inspirar-se também nas legendas franciscanas. Admirára já o Giotto em Florença e Pádua; fazia agora a romagem de Assis. E para conquistar as bôas graças do ouriçado sábio com uma lisonja, aliás inteiramente justa, à obra giotesca de que se orgulhava a sua terra, insinuou amavelmente.

— O Giotto disse-me já muito na Toscana, mas só em Assis o mestre me revelou completamente S. Francisco.

O professor que o escutara com indiferença gelada, desfechou-lhe à queima-roupa, num tom desdenhoso:

— E depois disso que ideia fica o senhor fazendo do Homem de Assis?

Surpreendido, desconcertado, Vasco Soeiro engatilhou também à tôa:

— Que ideia faço? Mas, senhor professor... que Francisco de Assis foi não só um grande santo, mas um altíssimo poeta, um dos primeiros intérpretes religiosos da natureza...

— E para saber isso veio o senhor cá tão longe, consultar o Giotto? Pois é nada. Francisco de Assis à luz da história vale incomparavelmente mais do que o lendário Francisco do seu Giotto.

— A verdade — objectou Vasco, aceso — é que S. Francisco para ser grande e apreciado não esteve à espera que os senhores historiadores viessem.

O sábio fulminou-o num olhar irado e rompeu brusco:

— Creio que de nada lhe posso servir aqui.

Era uma despedida. Vasco levantou-se; mas Alfieri reteve-o com o gesto imperativo do professor na sua cátedra a um aluno na bancada. E de súbito mudado, com a voz velada duma vaga tristeza, disse:

— Os senhores são felizes. Contentam-se com os simples aspectos, sem descerem nunca ao fundo das coisas. De que precisa o senhor? De que é que precisou o Giotto? Duma qualquer legenda corrente. A missão do historiador é mais ingrata, senhor ar-

tista. Só faz fé nos encadeamentos lógicos para extrair dos factos esta coisa que é o que há de mais precioso e com que os senhores não se importam nada: — a verdade. E quantos ensaios vãos, quantas torturas para desembaraçar na meada que os séculos emaranharam a ponta que leva ao fim?

— E é sempre a verdade que está no fim, senhor professor?

Alfieri, alheado, não respondeu.

Vasco adivinhou nêsse homem, precocemente encanecido pelo estudo, a inquietação mental do século debatendo-se atrás do mito racionalista, para esquematizar e pôr em equação certos segrêdos da existência, que ficarão talvez para sempre, incógnitas cerradas. E com curiosidade de penetrar melhor a rebarbativa personagem, limou os gumes vivos da controvérsia com uma diversão interrogativa que se lhe afigurava mais penetrável à sensibilidade do sábio.

— E prepara o senhor professor alguma obra sôbre S. Francisco?

Alfieri reanimou-se.

— Quando trabalhava na minha *História das Instituições comunais*, encontrei algumas vezes esta figura estranha do Homem de Assis, rebelde às leis que regulam normalmente os factos, e logo me tentou a ideia de o sujeitar à craveira histórica.

— Empreza de respeito, senhor professor! observou Vasco.

— De respeito, sim, não porque seja nenhuma coisa impossível, mas porque está quase tudo por fazer. Repetem-se as legendas e hesita-se em romper ousadamente a poética casca d'oiro! Ora a verdade é que, por detrás das legendas, de apólogos e alegorias, reside sempre a substância dum facto histórico. Apanhá-lo, surpreendê-lo, aqui é que está o dever do historiador.

— E a dificuldade...

— Sim, e a dificuldade. Por exemplo este episódio legendário do lobo de Agobio. O senhor hade conhecê-lo, pelo menos de o ver pintado. Um lobo ferocíssimo andava nos arredores da cidade de Agobio, assaltando e pondo em risco a vida de quem passava. Vai Francisco, busca o lobo no seu antro, e com tal arte se conduz que traz o lobo manso que nem cordeiro, e concerta a paz entre a fera e a cidade.

— Um milagre.

— Milagre, sim, mas milagre da inteligência e da razão. E o senhor que não pensa e vai atrás das lendas, vê um lobo e pinta um lobo. Mas o historiador que analiza e prescruta, e vai ao fundo das coisas, não vê nenhum lobo. Vê mas é um homem!

— Um homem?! Pois não era um lobo? inquiriu Vasco, atónito.

— Qual lobo? Não há nenhum lobo! Sob a alegoria

poética do lobo de Agobio, está um tirânico senhor feudal que oprimia as populações, e a quem Francisco falou com tanta habilidade que conseguiu domá-lo e humanizá-lo. E como êste, quantos episódios que só o sábio é capaz de pôr a limpo? E vê o senhor como encarado à luz da história, o Homem de Assis é muito maior de que entrevisto nas fantasias das legendas? Chamar um homem à razão foi sempre tarefa mais custosa do que amansar um bicho.

E sem atender no embasbacamento do artista, o sábio Alfieri prosseguiu:

— As legendas explicam tudo por inspirações e sugestões celestes. E' um processo cômodo. A história não é tão fácil de contentar, senhor pintor! Veja isto. Reza a legenda, que o papa Inocêncio viu em sonhos a basílica do Latrão — que é como quem diz a Igreja católica — tôda tombada e prestes a desabar, e eis senão quando um homem surge, que lhe mete os hombros e começa a endireitá-la, — êsse pobre homem de Assis que êle escorraçára pouco antes, mandando-o para a sociedade dos porcos, tão imundo e miserável lhe aparecêra. Julga o senhor que êste refôrço do sonho é que apressou o esperto papa a chamar Francisco? Foi sim, uma inteligente intuição do excepcional valor do novo apóstolo. As legendas não só desfiguram, mas até apoucam êste grande e extraordinário homem. Tôdos os actos de Francisco são, em regra, determinados por

visões e revelações. Simples manequim das potências ocultas. Não é justo! O Homem de Assis teve imenso génio original, e é isto que é preciso realçar. Arranquemos Francisco à lenda para o tornar maior. Não se diminue o poder de Deus engrandecendo o das suas criaturas.

A' porta do gabinete assomou a figura risonha de um frade franciscano que, vendo o professor acompanhado, se retraía esquivo.

Notando-o, a fisionomia do sábio encheu-se de bonhomia.

— Entra, *pecorella di Dio*, vens na melhor das ocasiões. E êsse manuscrito do Clareno?

O religioso avançou, fazendo uma mesura a Vasco, e estendeu ao professor um pergaminháceo, onde se lia em letras góticas; *Liber epistolarum beati Angeli de Clarino.*

— Frei Ubaldo diz que há aí algumas cartas que não figuram na compilação de Cascia.

O professor acolheu com vivo interêsse a obra do autor da *Historia septem tribulationum Ordinis Minorum*, êsse Angelo Clareno, paladino audaz da regra estrita, que nas Marcas reivindicára o espírito puro da doutrina do *Poverello.*

O sábio folheou com avidez o manuscrito, absorveu-se algum tempo na sua leitura e pô-lo depois numa pilha de livros. E voltando se para o franciscano, apontou-lhe Vasco Soeiro:

— Frei Silvestre, êste senhor é artista pintor e vem a Assis para estudar o Giotto e entulhar a cabeça de lendas Confio-lh'o. Faça-lhe as honras do seu Francisquinho que êle entende melhor do que o meu.

O frade cumprimentou o artista, sorrindo :

— Ao seráfico Padre só posso dar o tributo do meu amor filial. O nosso sábio professor é que trabalha para a sua maior glória.

E dizendo isto depunha, muito còrado, sôbre a mesa um pequeno cesto de vime com cerejas.

— Oh, *pecorella di Dio*, soltou Alfieri, um só momento da tua vida dignifica mais o teu patrono do que o labor de tôdos os sábios juntos.

E levantando-se, depois de mirar um relógio, o historiador disse que tinha reùnião marcada, e passava já da hora.

Desceram S Rufino, e na praça o sábio deixou os bruscamente, abalando a tôda a pressa para a rua Principe di Napoli.

Frei Silvestre, que era de S. Damião, ia para o seu convento. Muito obsequioso e dado, quís logo o frade que o píntor o acompanhasse, se não tinha o tempo tomado. Vasco Soeiro resolveu aproveitar o ensejo que tão favoravelmente lhe proporcionava o conhecimento com um franciscano e achou-se compensado do aborrecimento que lhe ia causando a visita àquêle agreste e pouco acessível sábio. E o

frade parecia-lhe um bom homem, franco e simples.

Entraram na praça de Santa Clara conversando sôbre o professor Alfieri. Vasco parecia-lhe que suas ideias deviam brigar talvez com a ortodoxia. Achava-o, sôbretudo, muito ríspido e sacudido, quase intratável.

Frei Silvestre observou, risonho.

— O professor Alfieri é brusco, mas tem um excelente coração. Muito amigo dos franciscanos, que lhe querem também muito, por causa dos seus trabalhos sôbre a nossa Ordem.

— Mas êsse homem vê S. Francisco duma maneira...

Frei Silvestre sorria com malícia infantil:

— O professor começou por implicar com o nosso Francisquinho. Assanhou-se, deu por paus e por pedras. Como é frenético e combativo fez finca-pé, estudou, tomou o caso a sério. Foi uma armadilha: caiu no laço!

E frei Silvestre ria como se fôsse êle próprio que tivesse armado uma ratoeira ao sábio.

— *Amico*, é o que sucede a tôdos os que são sinceros; caiu no laço.

Para o bom do frade, «cair no laço» era cair no abraço que os filhos de S. Francisco estendem a tôdos os que se ocupam dêles, tão seguros estão de que os mais ferozes adversários, desde que sejam leais, hão-de tornar-se por fim amigos seus.

Vasco falava da simpatia que tôdos tinham pelos franciscanos.

— Já em Roma notei que os franciscanos são populares.

— O povo estima-nos; os cultos apreciam-nos. Tudo, já se vê, por causa do nosso Francisquinho que foi tão grande santo que até os incrédulos lhe querem... E agora deixe me ir aqui fazer uma oraçãozinha a Santa Clara. E como vamos para S. Damião, é bom conhecer o crucifixo que ali falou ao nosso padre S. Francisco e que as freiras trouxeram de lá quando se mudaram para êste convento da cidade.

Vasco sentiu logo nascer-lhe a simpatia por êste bom frade a quem o professor Alfieri chamava *pecorella di Dio — cordeirinho de Deus* — empregando o doce apelativo que S. Francisco usava quando se referia ao humilde frei Leão.

Frei Silvestre era baixo, ossudo, atrigueirado do sol, com mãos rugosas de cavador. Devia passar dos cincoenta, mas tinha ainda os cabelos tôdos pretos. Poderia tomá-lo, quem não lhe ouvisse as civilizadas falas, por um homem de lavoira que envergasse o hábito! e traía ainda no ar tímido e em certas incontinências súbitas de rubores, a índole nativa das serras. Pressentia-se, porém, sob a casca coriácea dessa aparência rústica, uma daquelas almas límpidas e sãs, que nas mínimas demonstrações supuram à superfície seus tesoiros interiores.

Vasco esteve olhando um pouco a praça e a igreja, e depois entrou com o franciscano.

A basílica dos claristas alteava uma imensa nave gótica, gelada e nua, cuja vida se refugiára numa capela escura e cheia de misticidade, onde as enclausuradas vinham assistir ao culto e respirar o ar da igreja, através de rejas altas. Ali, as religiosas mostravam, por detrás da janela gradeada duma câmara escura, a célebre relíquia cara aos franciscanos. Vasco, depois de mirar algumas pinturas, entrou na capela. Para lá da grade, suspenso sôbre um iluminado altar, aparecia o célebre crucifixo bisantino que há setecentos anos, na igrejinha arruínada de S. Damião falara ao filho de Pedro Bernardone e lhe dissera as palavras memoráveis que ficaram sendo o lema da sua vida: «Vai, Francisco, e repara a minha igreja que, como vês, está prestes a cair.» A imagem pintada do Crucificado, hirta e de cabeça erguida, olhava com os seus grandes olhos redondos, pensativos, olhos parados, bisantinos, vivendo ainda do prestígio que outrora os animara e enchera de fulgor celeste.

Cá fóra, frei Silvestre garrulava.

— O nosso Francisquinho foi em seus princípios muito alegre e divertido. Falava e cantava bem em provençal, porque sua mãe era francesa. Ele próprio se intitulou mais tarde trovador de Deus. Tocado pela graça, Francisco deixou as companhias

frívolas, isolou-se e andava por aí errante a pensar sòmente em Deus e na melhor maneira de o servir. Certo dia entrou em S. Damião, que era nêsse tempo uma ermida muito abandonada e quase a cair, e com tanta fé se pôs a orar a êste santo crucifixo, que foi Deus servido revelar-lhe por esta sua santa imagem a missão que lhe estava reservada.

— E fica ainda longe S. Damião? preguntou Vasco.

— Meia hora de marcha, com vagar.

E assim chegaram à Porta Nova. Fóra dos muros, as terras declinavam para a planície luminosa e verde, picada de ciprestes. O caminho seguia entre searas altas rolando vagas de espigas já granadas e túmidas, que só esperavam sol mais quente para amadurar. Um olival de oliveirinhas corcovadas e cavernosas fazia companhia estrada abaixo, amimado pela carícia terna dos trigais. Junho entrava, mas a terra fresca dava ainda viços de prado às ourelas do caminho, matizando-as duma viva floração de primavera.

S. Damião apareceu por fim, como um mendigo à beira da estrada, no grande isolamento dos campos. Cantava-lhe à porta uma veiazinha d'águas claras. A torrente surgia viva do chão, gorgeava um momento ao sol e sumia-se assustada por entre as ervas altas dos taludes. Para baixo, o terreno socavava-se, aflorava em rocha viva e descaía para fundos sombrios de bosque.

— Oh, frei Silvestre, — dizia Vasco encantado com a doçura do lugar e olhando a frontariazinha da igreja. — Isto dá-me já uma melhor ideia do seu Francisquinho.

— O nosso padre S. Francisco tinha dedo para escolher bons sitios. Já foi aos *Carceri?*

Vasco não fôra ainda.

S. Damião oferecia a frente simples e desornada duma pobre igreja rural, onde a casa de Deus se denunciava no frontão triangular encimado pela cruz, e na forqueta do campanário. Como vestíbulo, salientava-se um alpendre rústico, que resguardava a porta da igrejinha. Lá dentro era a mesma rude simplicidade de muros toscos e irregulares, que Francisco remendára, tudo pequeno, acanhado, insignificante e sem aparato como as coisas pobres. E nesta humildade e nesta pobreza é que estava o estranho encanto do santuário célebre.

Ali vivera e morrera santa Clara, o belo lírio místico da Úmbria, que era uma das mais puras joias do agiológio. Quando Francisco morrera lá adeante na Porciúncula, tinham-no trazido, encosta acima, para o último adeus de *sorella* Clara. Melancólicamente, os álamos pendiam ainda à roda, enternecidos por essas lágrimas e lamentações longínquas.

Frei Silvestre ia-lhe mostrando, risonhamente, os paços da senhora santa Pobreza, e quando o fran-

ciscano o levou ao côro primitivo, cujos assentos são feitos de táboas grossas, mal aparelhadas por singelos artífices nos bosques visinhos, Vasco compreendeu o que era a fé dessas grandes almas antigas que deixavam, muitas delas, o esplendor doirado do mundo pelo desconforto mísero das celas. Jàmais poderia esquecer essa pequenina quadra abobadada, seus toscos bancos carunchosos e a estantezinha puída e gasta, onde se liam ainda os lindos nomes das primeiras Senhoras pobres, companheiras de Clara ; Amata, Stella, Angeluccia, Chiarella, Iluminata, Pacífica, Consolata... Nunca em lábios mais puros florira a palavra de Deus, e passando pelo calor daquelas almas angélicas, a fé rejuvenescera e voára em pólen doirado, como hálito fecundo de primavera nova.

Internaram-se no convento. A cela de frei Silvestre ficava da banda da horta, no dormitório novo do século XVIII, e possuía apenas a enxerga da observância antiga, sôbre táboas, encimada pela cruz e a imagem de S. Francisco com água benta ao lado ; dois bancos mochos, e uma mezinha grosseira. Mas muito melhor do que o conforto ausente, era o bom ar perfumado que subia da cêrca e a luz divina que a inundava de alegria, logo que o sol assomava por detrás das cristas do Apenino.

O frade saiu e pouco depois voltou com um *fiasco* de vinho e cerejas frescas numa escarcela de pau.

Enternecia tanta simplicidade e mais do que isso a paz que se adivinhava naquela alma de homem bom.

Um pombo alvíssimo poisou no parapeito da janela.

— Acostumaram-se ás migalhas que lhes dou... sorriu o franciscano.

Outro pombo chegou. As aves pareciam assustadas e estendiam para dentro da cela as cabeças inquietas.

— Não entram porque o estranham.

E levantando-se, tirou dum armário na parede uma côdea de pão que começou a esfarelar no parapeito, com palavras amigas para os pombos que sôfregamente lhe davam bicadas na mão.

E como Vasco se admirasse da mansidão das aves que vinham sem mêdo para êle, o bom frade dizia com humildade:

— E' tudo por causa do nosso Francisquinho. Os passarinhos gostavam tanto dêle, que só de verem os nossos hábitos se alegram e são mansos como isto.

Da janela descortinava-se, para a banda do meio-dia, todo o vale umbriano, de oriente a poente. O frade indicava-lhe lá adeante, Perusa torreada, Spello, Cannaro, Bevagna e outras lindas terras que andavam nas legendas. E por detrás dos Apeninos ficavam as Marcas.

Na ternura com que êle invocou esta província adivinhava-se que o coração lhe não era estranho. Vasco interrogou-o. Como viera para ali? Porque se fizera franciscano? E na doçura da tarde que arrastava já nos vales tristezas elegíacas, e brunia d'oiro as montanhas, frei Silvestre abria o coração às solicitações curiosas do artista.

Ele era das Marcas, a velha província franciscana onde, no lindo dizer duma Legenda, tantos santos tinham brilhado como estrêlas o céu conta. Nascera em Soffiano, mesquinho *paese* acima de A's-coli Piceno, de humilde geração; e educado por um tio cura que cavava a terra, como êle se fizera cura e cavara a terra também. As histórias dêsse poema encantador das *Florinhas de S. Francisco*, que muitas delas ali decorreram, e com que entretinha o velho cura nos ríspidos serões da montanha, foram a sua «legenda aurea» de rapaz; e sempre os seus mais belos sonhos andaram presos a essa epopeia religiosa que aureolara do esplendor da santidade tantas grandes almas.

Só o amparo que devia aos velhos pais inválidos lhe tolhera por largos anos a vocação, e quando no presbitèriozinho de Sarnano se consumiram e morreram como duas mirradas e torcidas cepas, seus progenitores, só então êle trocara a batina pelo hábito e se fizera franciscano. Andara por várias províncias; demorara alguns anos em Greccio, no vale

de Rieti ; adquirira saber ; mas ficara sempre, na tradição das Marcas, um franciscano da mais intransigente regra estrita, entremeando os seus deveres de espiritual com o áspero labor da mão. E por onde quer que andara, sempre a sua alma vivera na querida Marca, nessa terra privilegiada das legendas seráficas, pátria de Bentivoglio de San Severino, de Pedro de Monticelli, de Conrado de Offida, de João de Penna, de Tiago de Massa e João do Alverne, de toda a sólida raça continuadora das tradições do *Poverello*, cujas histórias contribuiram com tantas flôres para o gracioso ramilhete das *Florinhas de S. Francisco*.

Tôda a bela terra que êle amava e evocava com lágrimas, vivia-lhe na lembrança associada a essa Távola Redonda franciscana, que no áureo ciclo das primeiras gerações cobrira tôda a Marca adriática de vias-lácteas de santidade e de virtude. Dessas regiões benditas evolava-se ainda o perfume antigo das singelas comunidades da regra estrita, os modestissimos *luoghi* irmãos gêmios das casas pobres das aldeias. Recanate, Monticelli, San Severino, Penna di San Giovanni ; Offida e Massa, da custódia de Fermo ; Sarnano, Soffiano, Monte Chiaro, Monte Rubiano, que eram de A'scoli ; tôda a centúria de comunidades que sete custódias da Marca adriática englobavam, tinham sido viveiro de santos honrados por altas mercês do céu.

Fóra dos trilhos batidos, e afastada pelo Apenino e o áspero Abruzzo dos férteis vales que abrem o passo a Roma, a Marca adriática recolhera e conservara entre o mar e os montes, a fragância primitiva das almas de Rivotorto e da Porciúncula, e herdara a tradição humilde e o fervor sagrado que, depois da morte do Patriarca, emigraram das terras umbrianas. E quando nos céus azuis do vale de Spoleto se apagaram os clarões em que Deus se deixava ver, e se aquietou o frémito alado das revoadas dos anjos, fôram as Marcas què receberam êsse augusto privilégio das presenças celestes e os favores preciosos dos prodígios e dos milagres.

— Sou da Marca, e espero em Deus que será na Marca o termo da minha peregrinação na terra.

E o olhar humedecido de frei Silvestre buscava a pátria para lá dos montes azuis da banda d'onde vem o sol...

Passando pelos olhos a manga áspera de saragoça, o franciscano desceu com Vasco para a cêrca. O solo era acidentado, montuoso. Para a banda de baixo verdejavam retalhos frescos de horta e pedaços mimosos de vinha de enforcado; da banda do norte o terreno subia mais grosso e vestia-se de basto arvoredo. Aqui e ali rompiam as lanças negras dos ciprestes.

Frei Silvestre mostrava um chão revolvido de fresco; ainda na véspera êle levantara d'ali uma boa

medida de batatas. Mais adeante afastava as ramas duma leira de tomateiros encaniçados e descobria os frutos verdentos para receberem melhor o sol. Nesta faina, sofraldava o hábito e mostrava os pés nús, trigueiros, dentro das sandálias.

— Pois frei Silvestre, disse Vasco Soeiro, quando o vi em casa do professor Alfieri com o manuscrito, imaginei que fôsse um frade sábio.

— Eu é que ajudo aqui o hortelão e como faço também as compras fóra, sucede levar algumas vezes a casa do professor os livros que aqui me entregam para êle. Os livros interessam-me pouco. Só folheio o breviário e as minhas Legendas predilectas. Hoje há já muito quem estude e se entregue às letras e às artes na Ordem.

— E não será uma ocupação absorvente?

— Desde que seja em louvor do nosso Francisquinho...

E distraídamente o franciscano voltou atrás, meteu-se por um couval e voltou com um braçado de couves que se pôs a lavar num tanquezinho.

— Ficam já prontas para a panela de frei Venâncio.

E sacudia no ar as mãos molhadas para as secar.

— Oh, frei Silvestre, toda esta vida sã e desprendida de vaidades, é sem dúvida bela e edificante. Mas como deve ser custoso chegar a tanto desprendimento e simplicidade.

— Hoje, *amico*, custa talvez mais chegar aqui do que subir a um trono.

— Grande verdade, frei Silvestre ! Ai de nós, as correntes da vida arrastam-nos sempre em sentido oposto ao bem da vida.

— Sem isso que mérito tinha a virtude ? E tôdo o mérito está em remar contra as más correntes. Só assim se chega à paz e àquilo a que o nosso padre S. Francisco chamava a perfeita alegria. Conhece a lição de alegria perfeita do nosso Francisquinho ? E' das *Florinhas*.

Vasco não se recordava bem. Não se dedicára nunca a essas coisas, e só últimamente, quando resolvera vir à Umbria, fizera algumas leituras franciscanas.

— Pois olhe que é uma lição de mestre, que o era e sabia ser o nosso padre S. Francisco. Tantas vezes a tenho lido que a sei já de cór, como os salmos do breviário. Oiça que não perde nada em ouvir.

— Tenho até tudo a ganhar, frei Silvestre ! disse Vasco a rir.

Enfiaram por uma alameda sombreada por grandes carvalhos verdes. E parando, o franciscano começou a recitar a lição célebre do seu Pai espiritual.

— Ora, o nosso Francisquinho saía uma vez de Perusa para Santa Maria dos Anjos, acompanhado

de frei Leão. Era d'inverno. Choviscava e fazia um frio fortíssimo. Em certo ponto, S. Francisco chama o companheiro, que ia um pouco à frente, e diz-lhe: «Oh, frei Leão, embora cada frade menor desse por tôda a terra grandes exemplos de santidade e de bôa edificação, fica sabendo que isto não é a alegria perfeita.» E andando alguns passos mais, tornou segunda vez o Santo: «Oh, frei Leão, mesmo que um frade menor expulsasse os demónios, desse vista a cegos, fala a mudos e ouvidos a surdos; fizesse êle andar os entrèvados e correr os trôpegos, e ressuscitasse até um morto de quatro dias, nada d'isso era a alegria perfeita.» Seguiram sempre andando, até que S. Francisco interpela de novo o companheiro, erguendo a voz: «Oh, frei Leão, soubesse o frade menor os idiomas tôdos, as sciências e tôdas as escrituras, e profetizasse e revelasse não só o futuro das coisas mas também os segredos das consciências e das almas, olha que nem isso era ainda a alegria perfeita.» Mais adeante, S. Francisco brada-lhe com veemência: «Oh, frei Leão, cordeirinho de Deus, ainda que um frade menor falasse com língua d'anjo, soubesse o curso dos astros e as virtudes das plantas e lhe fossem revelados os tesouros tôdos da terra; conhecesse êle embora as propriedades das aves e dos peixes e de tôdos os animais, e dos homens e das árvores, e das pedras, e das raízes, e da àgua, considera que nada disso era ainda a alegria

perfeita.» Um pouco mais longe, S. Francisco acrescentou: «Oh, frei Leão, nem que um frade menor soubesse prégar tão bem que convertesse a moirisma tôda à fé de Cristo, tampouco era ainda a alegria perfeita.»

Vasco interrompeu:

— Mas que linda coisa! Estou com curiosidade de saber o que entendia o Santo por alegria perfeita.

Frei Silvestre sorriu:

— A mesma tarântula mordeu nesta altura frei Leão. O bom do frade, depois de escutar, admiradíssimo, tôdo êste introito, volta-se para o Santo e diz-lhe; «Oh padre, da parte de Deus te requeiro que me expliques onde é que está então a alegria perfeita?» Oiça agora que resposta deu o nosso padre S. Francisco: «Imagina tu, frei Leão, que ao chegarmos logo a Santa Maria dos Anjos, encharcados como vamos, cheios de frio e de fome, o porteiro que vier abrir a porta nos pregunta de mau modo quem somos, e que depois de respondermos que somos dois irmãos seus, êle replica de lá irado: «Dois tratantes é que vocês são, que andam a roubar o que é dos pobres.» Supõe, frei Leão, que depois disto êle nos não abre a porta e que nós ficamos para aí, à chuva e à neve, tranzidos de frio e a arrebentar de fome, até que a noite se cerre. Se nós sofremos estas injúrias crueis e o mau acolhimento, moderadamente, sem impaciências nem murmuração, e con-

sideramos com humildade e caridade que o porteiro nos conhece e é Deus que quere que êle fale assim, toma bem nota, frei Leão, que isto é já a alegria perfeita. E se nós insistimos em que nos recolham, a ponto do porteiro furioso nos esbofetear e ofender com mais injúrias : «Fóra d'aqui, ladranetes, vão para o albergue ! Aqui é que vocês não comem nem dormem !» ; se nós toleramos com paciência êstes ultrages tôdos ; se os aceitamos caridosamente, de ânimo sereno, toma bem sentido, frei Leão, que isto é que éa alegria perfeita. E se obrigados pela força do frio e da fome, e pelo temor da noite que se aproxima tormentosa, tornamos a bater, e com lágrimas suplicamos que nos deixem ao menos ficar debaixo de telha, e salta de lá o porteiro com um pau e nos atira ao chão e nos moe o corpo com pancadas ; se nós suportamos tôdas estas coisas com resignação e conformidade, lembrando-nos de Cristo que sofreu ainda muito mais por nós, escreve, oh, frei Leão, que é nisto que está toda a alegria perfeita.»

Encantado, Vasco Soeiro exclamou :

— Que arte que S. Francisco tinha para animar e colorir tudo o que dizia !

Frei Silvestre rematou :

— E com isto queria o nosso Francisquinho mostrar que tôdo o mérito está em vencermo-nos a nós próprios e agùentarmos de cara alegre as más caras que a vida faz.

Morria a tarde. Voltaram para o convento. No adrozinho banhado pelos últimos raios do sol, Vasco felicitava-se por lhe ter acabado tão bem aquêle dia que entroviscado começara em casa do professor Alfieri. E dizia para frei Silvestre:

— Quando encontrar o sábio, já que é tão bom desenredador de apólogos, hei-de ver se êle me sabe explicar como é que eu entrei na jaula dum urso e saí de lá acompanhado duma pomba.

O frade atenuava, bondosamente:

— Alfieri tem aquêles modos, mas não é mau homem. E o Giacomo então é uma joia.

Vasco deitou ao franciscano um olhar espantado:

— O Giacomo?! Oh, senhor, mas quem é êsse Giacomo?

Frei Silvestre encarou-o, sem compreender nada d'aquela perturbação.

— Quem é o Giacomo? Mas o Giacomo é o filho do professor Alfieri.

V

D. Cesarina era viúva de guerra, e o velho Albanova, avô de Bianca, o pai do herói caído em holocausto à pátria. Foi a própria viúva, pondo mais dolência na voz suave, que falou de Ambrogio, ao contar-lhe Vasco, que almoçava só, como o encontrára na basílica e ali o ouvira com muito agrado e proveito.

O pai do seu sôgro Ambrogio, Luigi Albanova, — narrava D. Cesarina entre suspiros, — fôra um proprietário assisiata que se batera com denodo nas lutas da unificação nacional e privara com Garibaldi, distinguindo-se entre os que mais o obsequiaram quando o célebre *condotieri* passara em Assis. Luigi desempenhara algumas vezes o cargo de síndico da cidade; fizera parte da comissão real nomeada em 1860 para a conservação da basílica franciscana, e aceitara mais tarde a directoria do Collegio Convitto,

instituto educativo para órfãos filhos de professores primários, criado pelo govêrno no Sacro Convento secularizado. Ambrogio nascera por êsse tempo calmo em que, apaziguada a Itália, Luigi apaziguara também, depois de tantos riscos e trabalhos, no disfruto honroso dum cargo que, se nenhuma compensação trazia ao descalabro que a sua fortuna sofrera, denotava contudo o reconhecimento grato dos serviços com desinterêsse e devoção prestados por Luigi à causa da pátria e do rei.

Tinha Ambrogio vinte e dois anos e fazia em Roma estudos de pintura, para a qual cedo se lhe inclinára a vocação, quando o falecimento súbito do pai o chamara bruscamente a Assis para lhe fazer o entêrro e receber a posse daquela moradia, mesquinho resto dum bom património cívicamente sacrificado. Aqui se deixara ficar e aqui fundara uma pequena livraria em que se enxertou depois um *negozio* mais rendoso de *ricordi*, pobre terreno em que vieram definhar-se aptidões que a cultura teria realçado.

Com o único filho de Ambrogio, o Tomaso, que sucedera ao pai já velho no manejo activo do negócio, se casara D. Cesarina, filha dum notário de Perusa.

A casa prosperára com o acréscimo de esforços e cuidados. Mas Tomaso, mobilizado na grande guerra, caíra heroicamente em combate com os

austríacos no Alto Trento, próximo de Cortina d'Ampezzo, deixando-a viúva com Bianca de oito anos.

Tal era a história da lojinha Albanova, que D. Cesarina revolvera no fundo do coração e doridamente lhe assomara aos lábios lívidos e nos olhos humedecidos.

— Estamos muito ligados a estas coisas — rematava D. Cesarina, olhando a basílica para disfarçar a comoção.

Vasco observou vagamente.

— Bianca parece muito piedosa.

— Foi sempre assim desde tenra idade. Já o pai era o mesmo. O meu pobre Tomaso morreu com o escapulário e o cordão de terciário sob o uniforme. E' desta terra, *signore*, é da basílica. Tôdos vivemos tristes.

— Mas os frades são alegres! objectou Vasco.

— Os frades vivem na luz, nós vivemos nas meias sombras. Que os frades não estão quietos, não se prendem; mal poisam nos conventos, andam pelos povoados e vagueiam por montes e vales. Mas aqui em Assis! Assis é triste. Perusa tem mais vida. Vê estas ruas desertas? Vê estas casas cerradas? Que contraste com a alegria dos campos! E a basílica pesa, *signore!*

Com efeito, a basílica pesava. Do lado de lá da praça, a fábrica maciça enchia monótonamente o fundo do céu, com essa porta cerrada que não se

abria nunca, morta, aguardando a invasão das ervas — gusanos sôfregos das ruinas.

No doce torpor da sala, D. Cesarina expandiu-se:

— A minha filha não é como as outras criaturas. E' da basílica. E' desta terra, *signore!* Olhe, não há muito andou por Assis um mendigo esfarrapado. Correu até no povo que era S. Francisco. Parou aí à porta, mirou a minha filha, e disse: «Flôr d'Assis, flôr d'Ascesi!» A minha filha vai-se! «Flôr d'Assis, flôr d'Ascesi!» Flôr d'Assis, flôr de S. Francisco e para S. Francisco.

O desabafo doloroso d'aquela mãe comoveu-o, e sem lhe ocorrer mais nada, lembrou vagamente.

— Mas porque não a distrai, D. Cesarina?

— Distraí-la? Que distracções pode ela ter nesta terra morta? Não se sai, não se convive, porque não há ninguém para conviver. Só para a basílica, para Santa Clara e é um tormento para arrancá-la de lá. A casa também não lhe oferece grandes alegrias, coitadinha! Só vive para as imagens, para as santas, para as velhas coisas tristes como nós. E' uma flôr que se cria para o céu «Flôr de Assis, flôr d'Ascesi»!

Vasco recordou-se do que ouvira na basílica ao velho Ambrogio. Receou ser indiscreto; mas a mágua d'aquela mãe punha-o tanto à vontade!

— Perdôe-me, D. Cesarina, mas... supunha que Bianca tinha noivo. Foi o próprio avô...

A viúva sorriu tristemente.

— O Giacomo, o filho do professor Alfieri... O Giacomo aparecia muito aqui, porque o pai encarrega a nossa casa da colocação dos seus livros franciscanos. O rapaz creio que começou a gostar de Bianca e parece que Bianca acolhia sem desagrado a côrte. Nós víamos tudo com benevolência. Depois, não sei bem porquê, o rapaz rareou, mal se deixa ver e pouco pára em Assis...

— Talvez arrufos, — insinuou o artista. — O amor tem destas coisas...

D. Cesarina abanou a cabeça.

— E' da minha filha que não é como as outras criaturas! E' desta terra que a faz assim, *signore!*

Depois do almoço deu uma volta pelas ruas mortas, cuja solidão lhe sabia agora bem, porque não lhe distraíam o pensamento. Baralhavam-se-lhe no cérebro as revelações que ouvira a D. Cesarina chorosa. Ardia na mesma convulsão apaixonada de sobressalto temeroso. E todo êsse mistério de que ela envolvia a filha, mais lhe avivava o esquisito encanto espiritual e mais bela a tornava ainda. Tinha-a deante dos olhos, fina e pura como um lírio casto. ¿ Ia ela descer-lhe ao coração, e surpreendê-lo, e empolgá-lo, com toda a suavidade insinuante, com toda a unção religiosa perturbadora que êle pres-

sentia na sua alma cândida ? E sentia-se inquieto e preocupado. Que vinha fazer à sua vida aquela angélica rapariga, ressurreição dumas dessas virgens que os mestres primitivos tinham deixado, resplandecentes e nimbadas d'oiro, pelos velhos muros das basílicas ? Estaria também êle alucinado como essa pobre mãe, e não seria Bianca tão flúida e inexistente como a Santa de Simão Martini, que ela via rasgar na ceu um rasto luminoso em noites de luar ? E êsse Giacomo, êsse nebuloso e invisível Giacomo, que errava, ausente, teria também realidade ?

Foi dar ao largo de Santa Clara e debruçou-se no parapeito da esplanada, extasiado pela paisagem sortílega. Toda a planura umbra era uma calma baía verde, unida e lisa, até aos longínquos montes vagos, avançadas discretas do formidavel Apenino oculto na distância. A' direita, em baixo, a casaria velha de *Assisi di sotto* corria para S. Francisco, macabra, desgrenhada, às corcôvas. Da banda de cima torrejava a carcassa morta da fortaleza num monte escalvado. E ao lado erguia-se a frontaria listrada da basílica clarista, espècada por ciclópicos arcões que, em vez de a ampararem, parecia antes empurrarem-na para o abismo.

O ar largo dos montes desempoeirou-lhe o espírito, e o bom olor da terra verde reanimou-o. A forte natureza viva varreu-lhe as visões, meteu-o na realidade. Pisou com força o solo. Não sonhava, não delirava.

Ladeou a frontaria, e em busca d'arte, entrou na igreja pela portinha lateral, por onde passára já com frei Silvestre. Queria ver de novo essa esquisita capela do Crucifixo, boceta sombria e misteriosa, onde parecia ter-se refugiado todo o místico perfume de Assis. Devia ter pinturas, mas não as vira.

Entrou na capela. Era, porém, tão densa a treva, que mal pôde enxergar alguns frescos, tratados com delicadezas de Siena, mas bisantinos ainda nos alongamentos dos corpos. E mirava interessado um delicioso tríptico d'oiro, de acentuação giotesca, quando rompeu na sombra um fino jacto melodioso, lamentoso.

Era um fino murmúrio plangente que vinha não se sabe d'onde e fluía na sombra, como se a capela vibrasse cristalinamente. Lacerava-se-lhe a sensibilidade; iam-se-lhe os sentidos volatilizados e fugiu para não desmaiar sob a percuciência aguda dessas vozes límpidas que lhe davam a sensação dorida dum rasgamento interior.

Cá fóra, nas abóbadas do transeptum, entre grandes anjos ajoelhados, meditavam santas em atitudes graves, — Cecília, Catarina, Margarida, Clara e Inês, e a santa Virgem. Nos altos da nave cruzeira, faziam-se ressurreições de frescos, por detrás dos muros descascados. E mais virgens d'oiro, mais anjos e legendas íam surgir sob as camadas brancas da cal, deslumbrantes ainda no ardor dos pinceis febrís

que se tinham molhado nos corações. Outras pinturas e retábulos o solicitavam. Mas eram meses, eram anos que tudo aquilo pedia! E aturdido, desanimado, não sabia em que fixar-se.

No meio da igreja o chão abria-se, e uma escada de pedra levava ao sub-solo. Vasco sumiu-se, enfiou no subterrâneo atrás duns visitantes e parou com êles defronte duma grade, para lá da qual dormia uma monja dentro de rica urna de cristal. Era santa Clara! *Sorella Chiara* ressequida de ascetismos, mirrada de santidade, que a terra não quisera comer, por ter sido tão linda e tão perfeita...

De Santa Clara tornou para casa. No quarto foi encontrar sôbre uma cómoda a linda jarra de Deruta, florida de cravos, que êle tanto admirára à mesa, na primeira tarde que ali jantára. Era uma lembrança delicada de Bianca, e esta gentileza graciosa enterneceu-o tanto que pensou logo em ser-lhe amável com galantaria igual. Rebuscou nas malas e desceu ao rés-do-chão.

O pintor gostava de folhear na lojazinha os grandes albuns de estampas e gravuras. A casa Albanova andava relacionada com as mais conceituadas oficinas de arte do reino, os Alinari, de Florença, o Anderson e o Broghi, de Roma, e muitos outros, que guardavam no fundo negro dos seus *clichés* tôda a sedutora beleza da terra d'Itália. Os Albanova tinham também enriquecido as suas colecções com

uma notável produção original respeitante a Assis. Ambrogio, como pintor, criára as suas famosas séries franciscanas, muito apreciadas pelos coleccionadores. Uma interpretação ilustrada dos *Fioretti*, — tantos quadrosinhos quantos os capítulos, — em estilo giotesco, alcançára um bom êxito. Os modernos processos da fototipia e da fotocromia faziam criar interêsse pelas reproduções da pintura mural indeslocável e nêste género, a bocetazinha da *via* Principe di Napoli encerrava tudo o que em Assis havia.

Mas o que nos grandes armazens de Florença fatigava e aborrecia, por excessiva industrialização e impudente descaro com que freqüentemente se ofendia o bom gosto educado, tornava-se em Assis atraente e carinhoso pelo cunho pessoal que revestia uma boa parte da produção local. Como não amar as elegantes e flexuosas majólicas de Deruta, e êsses singelos bordados em ponto de Assis, que lindas mãos trabalhavam no recato íntimo das câmaras silenciosas, ou sôbre os terraços floridos debruçados para as paisagens?

Aqui em Assis era a delicada cultura do *fresco* antigo que tornava, sôbretudo, graciosos e atraentes os negociosinhos de *ricordi*. O encanto perfumado das legendas poetizava tudo. Madonas e virgens nimbadas d'oiro, arcanjos e serafins, aérias revoadas d'anjos, histórias e legendas pintadas como minia-

turas e patinadas pelos tempos; o drama tumultuoso de Giunta Pisano, Cimabue e Giotto; a finura deliciosa de colorido e de suavidade dos Lorenzetti e de Simão de Martini; Lippo Memmi, Capanna, Matteo Gualdo, Taddeo Gaddi, até aos artistas locais Andrea e Tiberio d'Assisi e Dono Doni, tudo acordava e revivia no esplendor moço do interêsse carinhoso. Oiros e azuis que tinham passado tantos séculos apagados nas sombras, olhares e atitudes, sorrisos d'êxtase e de beatitude, dramas de paixão e de ternura, formas gloriosas que a poeira da indiferença e do abandono escondera e amortalhara, rompiam como lázaros dos sepulcros mortos dos templos e vinham acordar cá fóra e levar a tôdo o mundo a fama eterna dos grandes mestres que não morrem...

Quando êle entrou, Bianca pareceu-lhe tão moça e sã, e com tanta graça virginal jubilando, que as tétricas apreensões de sua mãe esvaíram-se em fumo. Podia lá morrer aquele lírio rígido, imaculado, cuja palidez leitosa brunia a polpa da forma em pleno viço pujante da vida? Trabalhava num bordado e fazia florir no linho branco ligeiras aves azuis, na sombra duma árvore azul, para as quais se inclinava um vulto monástico com as mãos estendidas.

Vasco reconheceu o fresco de Giotto que ela passava para o pano, dum quadro pousado em estantezinha defronte.

Pediu que lh'o deixasse ver e cumprimentou-a pela delicadeza e perfeição do ponto.

— E' um trabalho que estou fazendo com muito amor, disse ela rindo.

Ele galantemente solicitou que lh'o reservasse, se era para o comércio e insinuou com uma pontinha de malícia:

— Se é que não tem já destino...

Bianca encarou-o com os seus olhos límpidos, inocentes.

— Destino?...

Ele ousou um tanto enleado.

— Um trabalho que se executa com amor, faz-se sempre em intenção d'alguém. Para o Giacomo, então?... Já me falou nêle, não ha-de estranhar que o seu nome me acuda à boca.

Ela pareceu compreender. E como um puríssimo cristal que um hálito embaciasse, assim uma sombra grave passou, apagou o júbilo vivo da face. Desceu os olhos, não replicou.

Sôbre um terreno que se lhe afigurava delicado, Vasco retraíu-se discretamente e falou-lhe na visita que fizera ao convento de S. Damião. Ela escutava-o, as mãos pousadas no bordado.

— Bianca, pensei retribuir com rosas os cravos que me deixou na linda jarra de Deruta; mas preferi as simples florinhas dêstes campos que S. Francisco abençoou.

E ofereceu-lhe um pequeno embrulho.

Bianca pegou-lhe, mirou-o sorridente, e preguntou com vivo alvoroço feminino:

— *Che cosa è questo?*

— Trago-lhe nêsse cofrezinho trevos doirados, ciclames, madresilvas das sebes, e outras fragrâncias silvestres colhidas em S. Damião.

Bianca desfez o papel de seda do embrulho e encontrou uma urnazinha de ágata com pés de bronze em garra, que êle desencantára num antiquário de Florença. E erguendo a tampa aspirava em êxtase o aroma suave e froixo, mas ainda fresco, das fibrazinhas tenras, acamadas. E olhando contra a janela a finura da joia translúcida, ela disse, risonha:

— Um cofre que guarda mas não esconde. Não mente, é sincero.

— Um cofre que é uma perfeita imagem sua, Bianca. Uma alma simples que se deixa ver sob o invólucro precioso.

O reposteiro agitou-se levemente, e à porta surgiu a figura moça e distinta dum rapaz, que Bianca saùdou com uma flama terna nos olhos:

— Giacomo!

VI

Vasco subira atordoado. Em cima, mais sereno e reposto do sobressalto, é que pôde reconstituir a fisionomia espiritual dêsse estranho Giacomo que tivera o primeiro contacto com êle num momento de perturbação confusa, e sob a fria hostilidade dum brusco despeito desembainhado. Rápido fôra êsse colóquio que, por discreção, abreviára; mas fundo lhe sentira os efeitos.

Depois de maduramente reflectir que, se havia um intruso, não era decerto o amigo de Bianca, forçoso lhe fôra convir que êsse Giacomo não só ultrapassára as fronteiras até onde podem ir, muito esticados, os limites exigidos a uma ceremoniosa cortesia, o que num lance daquêles não era já muito de esperar de um coração zeloso, mas lhe preparára até um acolhimento penetrado de sincera e quente efusão, dêsses que não reflectem do verniz

postiço da civilidade, mas despedem das claridades íntimas da alma.

Com certo espanto o verificava. Giacomo fôra mais do que polido e obsequioso. No vivo interêsse com que se apoderára dêle, enternecidamente sentira Vasco a pressão suave duma solicitude amiga.

Tal atitude surpreendia-o e dava-lhe que fazer, por singular e até ilógica. Giacomo não se portára como um apaixonado. Sua expressão não traíra, com a presença dum estranho junto de Bianca, o menor vislumbre de contrariedade. Não sofrera. Pelo menos não o dera a ver. E há certas feridas que sangram através de tudo. O que havia pois no coração de Giacomo? O que é que êle era para essa linda rapariga? Ia talvez sabê-lo em pouco. Com uma insistência que acabára por submetê-lo, Giacomo quisera fazer-lhe as honras da sua querida Assis, e maior instância posera nisso, sabendo porventura já, que êle viera recomendado ao professor Alfieri. O filho pretendia talvez saldar a dívida que o pai deixára em aberto.

— E parece que com capital e juros, — dizia Vasco a D. Cesarina, ao receber logo nessa tarde uma intimação amável de Giacomo, para que o aguardasse na via Principe di Napoli, o dia seguinte.

*

Giacomo tinha vinte e três anos. Seu pai, o notável historiador Matteo Alfieri, piemontês, que por uma larga temporada estanciára em Perusa e redondezas, talhando algumas das pedras fundamentais para a sua monumental *História das Instituições comunais na Itália*, consorciára-se por êsse tempo, quase quarentão, com uma rica Manfrini da visinha Assis.

Mais prêso à Úmbria com o casamento, trocára o professor o Piemonte pelo vale de Spoleto, suspendendo os seus celebrados cursos de Turim, para empreender excavações históricas de carácter franciscano nos arquivos poeirentos das cidadesinhas umbras, por todo êsse luminoso vale que vai desde Perusa às comarcas de Terni e de Rieti.

Muito entrára também nesta decisão o estímulo que o seu brio de italiano e de sábio sofrera, depois que Sabatier dera a lume uma brilhante e documentadíssima *Vida de S. Francisco de Assis*, e se entranhára com desenvoltura e garbo, no âmago dos estudos franciscanos. Tôdo o despeito que nêle podia haver, foi-se-lhe porém, quando o ilustre professor alsaciano lhe lisonjeou o seu amor próprio de sábio, solicitando-lhe, em nome da sciência histórica de que êle era em Itália um dos mais altos

representantes e na sua quase qualidade de assisiata, a cooperação valiosa nos trabalhos sôbre a Ordem seráfica. E logo fundára com Sabatier, na pequena Assis, uma sociedade internacional de estudos franciscanos, órgão de cooperação intelectual franciscanizante, que abrigava dentro da mais larga tolerância religiosa, tôdos os que por seus escritos, pesquisas e lucubrações concorressem para derramar mais luz em tôrno de Francisco de Assis e da sua ainda ennevoada história.

Giacomo, filho único de Alfieri, cursára o direito em Roma. O rapaz, que não herdára o nervosismo irrequieto do pai, mas saíra com a natureza branda e delicada da mãe assisiata, não se sentira nunca solicitado pelos bulícios e atracções da vida romana, e antes se acomodava melhor na pacatez dormente das êrmas ruas e *vicolos* do burgo umbriano.

Perdido nas profundezas das cogitações, ou açodado no farejo das pistas e na caça ao documento, só começára o sábio a dar pelo filho desde que viu que podia explorar-lhe em proveito próprio o seu dócil amoldamento àquêle exílio voluntário. E fôra Giacomo, muito cedo, um dos bons auxiliares do professor, na paciente e sedentária faina de organizar e catalogar a rica biblioteca especializada com que depressa se opulentou a Sociedade franciscana. Buscas e consultas nos visinhos arquivos comunais, traslados e comunicações pedidas de tôda a

parte, levaram-no, sem êle querer, ao encontro dos vários problemas da questão franciscana. Todavia, êste labor, embora quase maquinal e alheio a estímulos interiores, não passou por êle tão estérilmente que lhe não deixasse os germens de futuras inquietações.

Em pleno ardor juvenil, quando o coração se agita em voejos doidos de sonho, Giacomo deu em sentir evolar-se de códices e pergamináceos o aroma suave das Legendas, e alguma coisa de subtil e terno saiu das laudas secas, em íntima ligação com a alma da cidade e da paisagem.

Até ali conhecera só disputas e controvérsias, e êsse frio azedume irritante da erudição litigiosa. Era o *Speculum Perfectionis* um panfleto de partido? Tinha ou não tinha autenticidade a indulgência da Porciúncula? Donde saíra a *Legenda dos três companheiros?* E o Tomás de Celano fôra um faccioso ou escrevera de bôa fé? E tôda esta celeuma à roda das Origens, o debate sôbre Celano, que uns exaltavam e outros deprimiam; os torneios inflamados em tôrno de sucessos baços; polémicas e caturreiras; botes e zargunchadas, nada disso o comovera. Mas bastou que numa hora calma e recolhida êle penetrasse com o coração no íntimo das legendas para logo amar e compreender o Pobresinho de Assis.

A sciência reclamava os seus direitos. Inexorável

tinha de ser a crítica. Mas nada disso criára as poéticas Legendas, e elas e não os sábios é que haviam doirado a glória do Santo e é que reverdeciam eternamente a sua doce memória nos corações. E certa tarde luminosa, entalando uma velha crónica legendária debaixo do braço, deixou o palácio Giacobetti, meteu pela Porta Nova e buscou a sombra mística das oliveiras de S. Damião.

E foi por êsse tempo que êle se enamorou de Bianca...

*

Vasco desceu nervoso, quando o preveniram de que Giacomo viera. Por maior que fôsse o agrado que êle na véspera lhe deixára, oprimia-o, contudo, um vago constrangimento de se ver de novo na presença dêle. Nêsses ligeiros momentos do seu encontro, sem dúvida lhe mostrara Giacomo um interêsse afectuoso que não estava longe de interpretar-se por simpatia. Disso estava êle certo. O que é que havia, porém, por detrás, de tudo isso?

Não se demoraram na lojinha e logo na rua, Giacomo desculpava-se de não ter aludido na véspera a um facto que o consternára.

— O senhor saiu de certo molestado pelo acolhimento que lhe fez meu pai... Mas êle é assim com tôdos!

Cortêsmente, o artista protestava.

— Eu sei — dizia Giacomo. — Ele é desabrido, impetuoso, com os desalinhos próprios dos sábios, mas bom; e não é incrédulo como o senhor ficou talvez supondo. Meu pai tem o culto idólatra do seu tempo pela sciência. Mas dá valor a S. Francisco e sabe apreciar a força espiritual que êle criou no mundo. Trabalha pela glória do Santo, sob um ponto de vista que não concorda porventura com o da Igreja, mas que se aproxima cada vez mais dela. Volte, meu amigo, prometa-me que volta. Ficaria com pesar se partisse mal impressionado.

Vasco desculpava o sábio e ficára lhe até grato por tê-lo entregue a frei Silvestre, que lhe proporcionára uma tão bôa tarde em S. Damião. E prometia voltar.

— Compreende — continuou Giacomo; — êstes homens, ou por educados nos métodos positivos, ou por que teem a sensibilidade grossa, manifestam um desdém soberbo por tudo o que se não explique com clareza lógica. Os sábios téem talvez razão, mas não é com raciocínios que se faz a vida. E o sentimento é uma potência de primeira ordem, que ocupa um lugar primacial nas nossas determinações.

O artista sentiu-se a pouco e pouco à vontade, e tôdo o embaraço se foi em meia hora de conversa. Giacomo revelava-se uma destas criaturas inteiriças e sãs em que a vontade disciplinada comunica ritmo a quanto de desordenado possa vir de dentro. Um

carácter homogêneo e fino em que tudo se difundia harmoniosamente, equilibradamente. Sem perder nada do que lhe ia ouvindo, Vasco lia-lhe nas ideias repassadas de sinceridade, como através duma água límpida. Havia no seu dizer convicto uma elegância espiritual sem afectação, e tudo que êle dizia era o reflexo dum saber adquirido com sentimento e tempefado por certo gôsto artístico. Claras, transparentes eram suas ideias. Poderia dizer-se o mesmo do coração?

Iam descendo já a *fertile costa*. Adeante espraiava-se o imenso vale quadriculado de culturas, com pequeninas casas agrícolas que alvejavam entre arvoredo copado. A cidade ficava para trás, cada vez mais alta, acastelada e vaga, suspensa em varandim nas encostas do Subasio. Por cima, isolada e morta nas vertentes ásperas, torrejava a cidadela. E tão suavemente desciam cortando a esmeralda tenra dos campos, que parecia irem-se corpos e almas submergindo numa onda branda e veludosa.

— E então não estamos em Santa Maria dos Anjos? — dizia Giacomo olhando a basílica, cuja cúpula arredondada se engrandecia nos ares.

Vasco não estivera ainda na Porciúncula e aceitou contente o oferecimento solícito de Giacomo para lhe mostrar a igrejinha célebre.

Entraram no burgo e pouco depois percorriam o templo.

Embora tivesse visto cá de fóra a cúpula, Vasco estava crente de que ia encontrar uma velha igreja do tempo de S. Francisco; mas nem igreja nem convento denunciavam grande idade. Alguma coisa, porém, ficára das épocas heroicas. Sob a cúpula grandiosa da basílica moderna, lá estava a ermidazinha da Porciúncula, sem grande diferença do que era quando o Pobre de Assis ali orára com as primeiras almas lançadas por êle na via da perfeição.

— Foi um milagre — dizia Giacomo — que chegasse aos nossos dias esta relíquia, berço venerável da Ordem dos Mendigantes. A verdade é que isto era tão santo, que ninguém ousou tocar lhe. E até lhe queriam tanto, que construíram, para a guardar, um vasto templo que ficou sendo o cofre desta joiazinha.

Curiosamente olhava o artista aquêle minúsculo santuário, ennegrecido e tôsco, englobado na grande igreja vulgar, como uma pérola escondida dentro da casca duma ostra.

— Só em espírito podemos ver como isto era no tempo do *Poverello* — dizia Giacomo.

E evocava a Porciúncula pousada no meio dos bosques, beijada pelos raios do sol coando-se nas ramagens. Daquêle chão lageado, onde se elevavam agora pilares de pedra, subiam outrora os troncos vivos dos carvalhos, palpitantes de ninhos e do lento rumor das folhagens.

— E era assim mais bonita — observou Vasco.

— E também mais franciscana.

Junto da rústica capela, erguera Francisco, para se abrigar com seus companheiros, um cabanão feito de barro e ramos d'árvores, que outro agasalho não pretendiam êles, pois lá dizia o Santo: «Duma cabana sobe-se mais depressa ao céu, que dum palácio.» A solidão da mata era propícia à prece e à contemplação. As almas erguiam-se no mesmo êxtase religioso da floresta recolhida.

— Vejo que é um apaixonado de S. Francisco, dizia Vasco.

E S. Francisco entrava na conversa.

Concordavam que êsse homem soubera achar o caminho certo para levar de novo a Igreja à trilha primitiva do Cristo. A barca de Pedro nem sempre a governavam mãos firmes e parece que Deus queria que, de longe em longe, um seu eleito privilegiado se posesse ao leme. E sempre o mais humilde e mesquinho é que recebia o pesado encargo.

— Este Francisco — dizia Vasco — para se humilhar quase que deixa o convívio dos homens. Prefere os bosques ao bulício do mundo, dorme em cavernas e alimenta-se de raízes. E quando parece que êle vai retrogradar e embrutecer-se, então é que êle se afina, é que êle se requinta em beleza e perfeição. Que estranho ser!

Giacomo reforçava com calor.

— Não há uma vida que mais se escape às leis comuns, e mais custe a compreender dentro dum critério exclusivamente humano. Regra geral, ninguém se engrandece senão lutando, batalhando. O êxito é sempre uma escalada, e o triunfo uma ascensão sangrenta. Com vontade froixa, com perplexidades jàmais alguém se impõe. Pois bem, há um homem que em vez de se impôr se humilha, e em vez de ascender se degrada. Este homem, que é dum escol, abandona-o para se fazer miserável. Tem leitos fôfos em sua casa e dorme nas montureiras dos visinhos. Nas ruas onde se ostentára garboso, aparece imundo e roto, e a mendigar de porta em porta os sobejos das mesas. Sofre as vaias dos garotos, os escárneos dos foliões, os desprezos dos sisudos e a compaixão dos caridosos. Um dia surge na praça pública com momices de maninelo e pelóticas de saltimbanco e pede que lhe dêem... pedras. «Aquêle que me der uma pedra terá uma recompensa; o que me der duas pedras terá duas recompensas.» E põe-se a remendar uma velha ermida abandonada. Doido ou charlatão? Mas a alma de Francisco transparece puríssima em tudo o que êle faz, e o seu coração é um vaso de amor e de bondade. E sem mais actos do que uma exortação sempre sincera e quente, e uma humildade sempre serena e doce, êste homem simples, sem cultura nem saber, que saùdava as aves, as flôres e as águas, das quais se dizia ir-

mão, e cantava o sol em louvor de Deus seu criador e senhor; êste homem que assim se fez pequeno e humilde, que era simplesmente o Pobre de Assis, conquista um dos mais altos e mais nobres lugares no espírito e no coração da humanidade.

— Mistérios da vida humana — filosofou Vasco.

— Altos mistérios de Deus! — acentuou Giacomo com força.

Na pequenina Porciúncula, gente piedosa entrava por uma porta, saía por outra, e tornava a entrar, para ganhar as indulgências. Um pobre homem de longas barbas e mal trajado, não parava, entrando e saindo, com um rosário e um crucifixo que de vez em quando levava aos lábios.

— O *Poverello* Pietro — apontava-o Giacomo. — Acaba em qualquer convento.

Entraram também. A Porciúncula fôra alindada nos remates e recebera frescos no exterior; mas lá dentro a pedra negra e gasta atestava uma alta antiguidade. Teria seis ou sete metros de comprido, por três ou quatro de largura. A sua história perdia-se nos tempos. Sabia-se vagamente que alguns peregrinos, portadores dum fragmento do túmulo da Virgem, a tinham ali erguido no 4.º século, e que o nome de Santa Maria dos Anjos lhe viera dum retábulo com a Assunção da Virgem rodeada d'anjos. Abandonada e caindo em ruinas, pertencia a capela do bosque a um mosteirinho de monges

bentos do Subásio, que logo a cederam a Francisco, quando o santo, condoído pelo desprêzo daquela casa de Deus, e por lhe agradar o sítio apartado nas florestas, fôra ter com os monges à montanha e lh'a pedira.

Recolhia-se então Francisco, com alguns companheiros que o seguiam, num sítio, não distante d'ali, chamado Rivotorto, dentro de mísero tugúrio pertencente a uma gafaria. Alcançada a capela do bosque e reconstruída por Francisco, essa porçãozinha de terra, *portiuncula terreni*, formada pela igrejinha e pela tôsca cabana em volta, foi o primeiro *luogo*, o primeiro núcleo conventual d'onde havia de sair mais tarde a grande Ordem dos Frades Menores.

A ideia de S. Francisco, segundo Giacomo, não era criar conventos e mosteiros pelos moldes dos que já havia; por isso quís êle que se chamassem às poisadas onde oravam e pernoitavam, simplesmente *luoghi* (lugares). A missão dos *menores*, apelativo humilde que o Santo dera aos seus religiosos, não era a vida sedentária e recolhida, mas a deambulação missionária pela terra, conforme o modêlo do Divino Mestre. Nossa Senhora da Pobreza era a padroeira da nova comunidade.

— Vida difícil de realizar — notava Vasco. — Só almas privilegiadas como a de S. Francisco.

— Decerto, só almas como a de S. Francisco.

Mas longe de pretender que seja fácil imitar a vida desprendida do Pobrezinho, parece-me que um ideal franciscano de conformidade à vida simples e despretenciosa, não deve talvez custar muito. Trata-se dum deslastre apenas. Deitar fóra o que é supérfluo e contraría a plena expansão do espírito.

Vasco sorria um pouco daquela ingenuidade, e sob a grande cúpula de mestre Galeazzo objectava :

— O mal é tão agarradiço ! Erra-se, reconhece-se o êrro e persiste-se no êrro !

— Sim, um deslastre apenas — insistia Giacomo. — Porque afinal de contas, o que de mau existe em nós é uma crosta. O que nós temos tôdos é a alma suja. A natureza humana é bôa ; de contrário não seriam possíveis homens como S. Francisco e a pléiade enorme de santos, criaturas orgânicamente constituídas como nós.

E a caminho da capela do Trânsito, Vasco opunha:

— O pior é que o mal avança e cada vez há menos santos. Mas é inegável que se nota uma renascença da fé. Ela me abriu os olhos e para ela estendo sempre os braços.

Giacomo afirmou não estar longe o tempo em que um sôpro de fé levantaria de novo milhões de criaturas. Muitos supunham que a fé se extinguia, mas ela alastrava obscuramente nas almas. Grande argumento era o da ignorância dos povos. Mas havía cada vez mais luz, e havia cada vez mais fé.

— Sim, meu amigo há uma reserva cada vez maior de fé Ninguém se iluda com as frontarias. Sob certos grandes nomes não há já nada. Lá dentro tudo se desmorona e cai.

— Vejo-o também conquistado à fé — dizia Vasco. — E uma fé com azas!

Giacomo suspirou:

— Sinto-me arrastado. Não sei para onde, mas sinto-me levado. A's vezes perco-me aí nos caminhos, onde passa ainda o rasto d'oiro das Legendas, e parece-me que se vivesse no tempo do Santo, ia atrás dêle, era um dos dêle. E como eu, tantos que assim pensam já! A verdade é que se respira agora um outro ar. As filosofias não nos prendem já. Os idealismos não passam dos vinte anos. Ha só um recurso — grande recurso! — a religião. E como êstes franciscanos a entendem, como êles a entenderam sempre! São os cavaleiros andantes da Igreja.

E num entusiasmo quente, fogoso, onde transpareciam singulares simpatias que surpreendiam Vasco, Giacomo exaltava os franciscanos.

Esses frades menores corriam montes e vales, com a ebriedade das almas que erram livremente ao sol e bebem os perfumes da terra. Nos seus corações de simples brotava a palavra de Deus, impregnada de eflúvios fortes, como um sôpro que se carrega de aromas por cima dum vergel. O sentido

estético da natureza viéra-lhes do seu santo Mestre, que adorava a terra e sabia apreciar, como um artista, a beleza íntima das paisagens. Bandos d'aves gárrulas, em vôo pela linda terra d'Itália, os alegres frades menores tinham tornado mais suave o verbo divino que até aí rolára cavamente nas naves soturnas das catedrais, trazendo a prédica para o ar livre e ressuscitando o apostolado nazareno pelo povo humilde das aldeias; e ao contacto de eflúvios sãos, sua língua tornára-se poética e macia; os povos entendiam-na melhor, como se fôsse Deus a falar pela voz amiga das coisas. O génio provençal e trovadoresco de Francisco encarnára bem nos vales soalheiros da Úmbria, e fôra êsse génio que, levado nas asas dos seus discípulos, fizera raiar na alma popular o clarão novo da espiritualidade, d'onde saíra o lirismo das *laudes* e as vivas representações dramáticas dos *Mistérios*, origem remota da scena e do teatro...

Quando voltavam, Giacomo falava ainda da popularidade da Porciúncula, onde acorriam no segundo dia de agosto, à festa do Perdão, multidões de peregrinos de tôda a Itália, para alcançarem a indulgência célebre.

Duma vereda rasgada nas searas, saíram dois franciscanos, trigueiros, cabeças descobertas, que se dirigiam para Santa Maria dos Anjos. Os religiosos saùdaram-nos, risonhos.

— São simpáticos êstes franciscanos — observou Vasco.

— Herdaram de S. Francisco a simplicidade e a alegria, e êste amor pela natureza livre que êles não podem dissociar do seu amor a Deus. Uma longa tradição de caminheiros fê-los sólidos e rudes, e o preceito da pobreza e da mendicância tornou-os sóbrios e educou-os na humildade e na mansidão.

E olhando os frades que se sumiam na estrada, Giacomo parecia ter inveja da sua felicidade.

Subiam agora a *fertile costa.* A cidade brilhava ao sol poente. Torres e campanários erguiam-se doirados no fundo turqueza do céu. E à roda as velhas oliveiras históricas pareciam mais velhinhas e decrépitas na tristeza melancólica da hora.

Junto da Porta de S. Francisco, o artista notou a majestade da muralha:

— Um dos grandes encantos desta Umbria é a integridade das suas fortalezas medievais. Há ainda nêstes velhos muros qualquer coisa de temeroso e de agressivo. Espera-se a cada momento o grito duma atalaia bradando do alto das ameias: «Quem vem lá!»

— Por muito que isto o espante, creia que estas portas e estas muralhas não são ainda hoje simplesmente decorativas. Não seria se lhe disser que elas nos tranquilizam e nos fazem dormir melhor.

Vasco sorria:

— Quero crer !

O assisiata, no dizer de Giacomo, sentia ainda arrepiá-lo à noite o sobressalto dos seus antepassados, aguardando nos adarves as investidas dos bandos. A Itália fôra o último país da Europa, onde os povos se tinham pacificado e se criára a unidade nacional; e em parte alguma houvera tantas lutas e discórdias entre as cidades. Mal se apagára ainda o eco das guerras seculares entre o Sacerdócio e o Império, dos assaltos dos sarracenos, das tragédias sanguinolentas entre as rèpúblicas e entre as comunas, das facções e dos bandos aguerridos dos *condotieri*. Dêsse embate formidável de ambições e de cobiças, de ódios e rivalidades, tumultuava ainda nas almas o marulho vago, e esta sugestão mais se impunha, ante a visão dos castelos e cidadelas nos picos dos montes, e dos burgos entrincheirados nas escarpas.

Passaram junto dum convento mudo, cerrado como uma necrópole. Vasco admirava a construção maciça, à prova dos séculos.

— Quando passo junto dêstes muros conventuais dá-me vontade de me refugiar lá dentro — afirmava Giacomo. — E' o velho instinto da segurança !. . .

— Mas não há já bandos nem assaltos !

— Há outros assaltos piores. A verdade é que estas paredes fortes são ainda uma garantia de que

podemos isolar-nos e viver em paz. Mas o ideal é um dêstes êrmos campestres, franciscanamente pobres e rústicos, como S. Damião ou os *Carceri*. Aí o frade é ao mesmo tempo um religioso e um obreiro, homem de Deus e servidor da terra. E só esta religião franciscana conseguiu abranger, no mesmo abraço amoroso, Deus e a natureza, e criar um harmonioso equilíbrio entre o *pensum* espiritual e o honrado labor das mãos.

— O franciscano ora e labora — sentenciou Vasco.

— Tudo em que se resume o supremo ideal da vida, meu amigo.

Chegaram à praça de S. Francisco. A tarde morria serenamente. Já os autos e trens abandonavam morosamente o terreiro, e recolhida e forte, a basílica enchia-se de mistério e caía no sono pesado da noite

Afirmando-se num vulto que vinha dos lados da basílica, arrimado a um bordão e um saco a tiracolo, Giacomo disse de repente:

— Olha, é o pintor Biondi. Um que veio e ficou...

Ao ouvir êste nome, Vasco quase que deu um pulo.

— O quê? O pintor florentino? Mestre Michele Biondi, aquêle mendigo? E' possível?

— Um tipo original, que veio a Assis e aí ficou. Conhece o?

— Se o conheço !

E Vasco correu para o vulto alcachinado que descia a praça rente às arcadas.

— Oh, mestre Michele, mestre Michele, pois é possível ? Mestre Michele em Assis, e de que maneira o vejo, grande Deus ! Fez-se franciscano, querido mestre ?

O florentino olhava o, espertava a memória, mas não o reconhecia.

— Mestre Michele, aquêle discípulo português, o companheiro do Poirier e do Buchet, há cinco anos. Lembra-se ? Santa Croce, as suas lições do Giotto . . . E o Giotto, a nossa paixão, mestre Michele ? Sabe que estou aqui só por causa do Giotto ?

Mestre Michele alegrou se, apertou-lhe a mão. O Giotto ? Aprendia cada vez mais nêle.

— Mas como o encontro aqui, querido mestre ? Percorri Florença inteira à sua busca. O que foi isto ? Também o Giotto ? Ora, o mestre Michele !

O florentino declarou com simplicidade.

— Vim ver o Giotto. Gostei de Assis. Há tradições e uma alma popular vivendo ainda delas. Por aqui me fiquei a trabalhar. Para o povo, feito povo.

— Mestre, mas o seu nome ? Ele tem tradições também . . . E o grande público não dispensa o mestre laureado da *Descida da Cruz !*

Michele Biondi esboçou um gesto de desprendimento.

— Deixei-me de coisas de aparato. Isso visa sôbretudo à glória. Dizem que é um estímulo a glória. Será. Eu acho que o estímulo é o ardor cá dentro. Quando se está abrasado, arde-se, comunica-se, trabalha-se por se trabalhar...

— Mestre Michele, mas o prémio do trabalho e do génio é, muito justamente, a glória.

O pintor Biondi abanou a cabeça.

— Os mestres primitivos davam pouco apreço à glória. Trabalhavam nas igrejas para o povo ver, e nem por isso fôram menos belos e grandes. E não cuidavam de notoriedades. Sabe-se hoje que tais e tais obras pertencem a tais e tais mestres, por um simples rol de despezas duma confraria. O pintor de génio figura numa conta ao pé do alvanel que abriu uma porta ou concertou um telhado. Veja aí a basílica. Não tem um único fresco, um único vitral com atribuição precisa. Pois se não se sabe até quem foi o arquitecto de tão soberba fábrica! A Renascença é que estragou tudo. Os príncipes fizeram monopólio dos valores e envaideceram os artistas. O palácio arrogou-se o privilégio da beleza, e desde então a arte deixou de ser para o povo.

— Sempre filósofo! E em que trabalha, mestre? O que é que faz para o povo ver? Estou com curiosidade...

— Faço pequenas coisas, arte popular. Não custa caro e percebem tôdos. Já não pinto para os ricos;

não entro já nos palácios e nos salões. Mas estou nas casas pobres, e os olhos dos simples gostam de me ver.

— Ora, o mestre Michele! Estava tão longe de o encontrar aqui!

— Vá ver-me. Via Giorgetti, fresco por cima da porta, a tôda a hora.

E foi-se rés-vés das arcadas, abordoado ao pau nodoso.

— Em que havia de dar mestre Michele! Mas não me admiro, um filósofo!

— Um homem que é talvez feliz — suspirou Giacomo.

VII

Batia no campanilo a meia hora depois das sete. Do outro lado da praça a basílica resplandecia na manhã rosada e fresca, como flôr enorme aberta ao sol. Das alturas do Subasio rolava uma onda d'oiro pelos vales sonolentos levemente empoeirados, e no arvoredo dum recolhimento próximo chilreava jubilosa a passarada.

Vasco atravessou a casa adormecida, desceu as escadas sem fazer ruído e deslizou nas rampas solitárias. Mulheres madrugadoras sumiam-se no pórtico inferior da basílica esmagado pela carga da igreja alta. Lá dentro era sempre noite. No cruzeiro, à roda do altar-mór erguido sôbre o túmulo de S. Francisco, vergavam vultos negros ouvindo missa num silêncio surdo. Do fundo da ábside coava a luz pulverizada em côres e nas pontas do cruzeiro fulgiam como duas grandes rosas de brilhantes as pe-

quenas capelas góticas. Sob esta névoa luminosa que a fusão de tôdos os matizes vaporava na cripta em volta do altar-mór, a missa, mais sentida do que ouvida, revestia-se supremamente de tôda a sua augusta majestade sagrada.

Como os que chegavam, Vasco ajoelhou nos primeiros degraus do altar e ao baixar-se surpreendeu-o uma réstia doirada que clareava o chão, quase sob os seus joelhos. Através das pedras a auréola do Santo radiava das profundidades do túmulo...

Não tardou muito que, entre os vultos embiocados, seus olhos pesquisadores descobrissem Bianca Albanova, hirta, grave, alheia a tudo. Da banda d'onde estava, via-a projectada no fundo do cruzeiro, contra o fresco de Simão Martini, e pareceu-lhe que Santa Clara nimbada d'oiro, avançára da parede para o meio da nave.

Deixou-se estar até ao fim da missa. O recinto vibrava dramáticamente no borborinho rumoroso que os mestres primitivos tinham levantado por tôda a vasta basílica ao passarem nela há seis séculos. Giotto culminava nas abóbadas e os sieneses preciosos esmaltavam aqui e ali suas ternas criações aladas, de esquisita e delicada graça.

Quando Bianca acordou, sòzinha já no cruzeiro, Vasco assim que a viu erguer-se foi falar-lhe e veio com ela morosamente pela nave.

Ele quís conhecer o cemitèriozinho e os cipres-

tes cujas cristas negras avistava das janelas de casa, na ilharga da basílica, por cima de velhos muros. Bianca, cortando por uma capela, levou-o a um pequeno claustro de tejolo, franciscanamente pobre e gasto, que repoisava como angrazinha fresca entre o rochedo da basilica e do convento. Os ciprestes e outras árvores subiam emmaranhadas nos abraços das ervas bravas, e pelas fendas dos muros rompiam fetos e verduras húmidas. Uma estátua de S. Francisco perdia-se enleada nas ramagens

Como avesinha alegre, ela trauteava, distraídamente num fio de voz:

> Tanto è il bene ch'io aspetto,
> Ch'ogni pena m'è diletto.

E dentro do coração do artista soava na sua língua:

> E' tal o bem que espero ter
> Que a própria dôr me dá prazer...

Vasco desfalecia de comoção.

— Bianca, imagino sempre que é a um anjo que falo, a uma virgem d'oiro aí dos frescos, que voeja em tôrno da basílica, como a pomba mansa que não se afasta nunca do pombal. Bianca, diga-me que não é sonho meu, que não é quimera...

Ela ficou silenciosa. E com um pouco de amar-

gura em que se disfarçava certo despeito, Vasco recriminou a suavemente:

— Como os seus olhos riram quando o Giacomo entrou!

— Porque a alma dêle é melhor do que a sua! — replicou ela de pronto, com violência doce.

Sucumbido, mas sem revolta, Vasco defendeu-se:

— Sim, a alma de Giacomo é melhor do que a minha. Mas êle não a vê mais pura nem mais santa do que eu. Vê-a talvez como mulher. Eu vejo-a como aparição celeste. E quando aqui cheguei, Bianca, antes que meus olhos a conhecessem, já vinha na minha alma erguida em anjo.

— Giacomo olha-me já com outros olhos, desde que viu santa Clara.

Ele ficou um momento pensativo. Depois encarando-a:

— E eu... eu poderei também vê-la?

Bianca envolveu-o nos seus olhos límpidos:

— Então gostarei do senhor como gosto do Giacomo.

Cortaram o claustro e de novo a voz melodiosa trinou alegremente:

> Tanto è il bene ch'io aspetto
> Ch'ogni pena m'è diletto.

E o coração de Vasco repetia:

E' tal o bem que espero ter,
Que a própria dôr me dá prazer...

Chegaram por entre as árvores até à estátua do *Poverello*. Bianca desenleou do pedestal do Santo algumas ervas mais ousadas e quebrou um ramo que lhe roçava o hábito.

Notando o gesto, Vasco exclamou num ímpeto irreprimível:

— Oh, Bianca, assim as suas mãos decepam os desejos dos que pretendem chegar-lhe!

Ela deixou-o, silenciosa, meteu-se pelas ervas altas, colheu aqui e ali florinhas singelas e fez um ramilhete que foi depôr no pedestal da estátua.

Vasco disse num tom maguado:

— Fico triste, Bianca! Cuidei que eram para mim...

Ela replicou séria:

— Não vê que são do claustro? Pertencem a S. Francisco! — E numa voz mais grave, olhando-o nos olhos, acentuou com essa energia dramática que só a fala italiana tem: — *Tutti i fiori d'Assisi sono di San Francesco!*

Ele curvou a cabeça e murmurou:

— Flôr d'Assis, flôr d'Ascesi...

Deram a volta ao cemitério e enfiaram pela portinha de saída.

Sob a nave deparou-se-lhes Albanova, que descia da igreja alta sobraçando a pasta dos desenhos.

Vinha tôrvo, cabisbaixo, ferindo o lagedo com largas passadas, e não daria por êles se Vasco o não chamasse, inquirindo se ia muito adeantada a série giotesca.

Sem responder, Ambrogio Albanova rompeu em invectivas contra os alemães. Acabava de constar-lhe por um frade conventual que os *tedeschi* preparavam nova ofensiva contra o Giotto, para o banirem de vez da igreja de S. Francisco. Já o Rinteln voltára à carga e outros tinham marchado na mesma esteira. Armas mais fortes se engatilhavam e a coisa parecia séria.

E erguia os braços:

— Oh, senhores, mas quem foi então que fez isto? A quem é que êles querem dar estas pinturas geniais?

Vasco afiançou que nem tôdos os canhões germânicos desalojariam d'ali o Giotto, e para o distrair mostrou desejo de ver o túmulo de S. Francisco. Havia uma entrada subterrânea, mas êle não atinára ainda.

Albanova prontamente se ofereceu.

A um lado da nave muito escura, rasgava-se no solo uma fenda larga que ia ter à funda cripta, sob o altar-mór. Ali aparecia através dum vidro, como imagem reflectida em espelho, o túmulo agora descoberto. Como andavam obras para nova cripta, via-se entre os destroços das demolições um grande

arcaz de pedra tôsca, sem feitios, com fortes ligaduras de ferro.

Esta inumação do *Poverello* na basílica envolvia-se em mistérios ainda não desvendados.

Albanova referia pormenores interessantes.

— Andava S. Francisco nos arredores de Cortona e achando-se muito mal, mostrou vontade de o levarem para Assis. De jornada, já em território de Nocera, agravando-se o seu estado, trouxe-o frei Elias a tôda a pressa, por caminhos êrmos, quase escondido para lh'o não roubarem. Compreende quanto valia para qualquer terra uma relíquia destas! Veio o Santo para o palácio do bispo e d'ali levaram-no para a Porciúncula, onde morreu pouco depois. À' cautela depositaram-no logo na igreja de S. Jorge, dentro de portas, onde é hoje Santa Clara.

— Havia muito quem o cobiçasse! — disse Vasco.

— Se lhe parece! Uma relíquia tão preciosa! Ora, assim que a basílica pôde receber os veneráveis despojos, fez-se a trasladação com grande pompa. D'aqui em diante é que se perde o rumo, e não há quem saiba bem como as coisas se passaram. Dizem uns que frei Elias, com medo dos de Perusa, surripiou matreiramente o corpo do Santo, e que foi um esquife vasio, à prova de qualquer surtida, que figurou no cortejo, sem ninguêm desconfiar. Afirmam outros que o atrevido frade, arre-

batou o corpo em pleno cortejo conluiado com o podestá, e que mal se apanharam na basílica, trancaram as portas e enterraram no secretamente nas profundas da terra. O certo é que frei Elias e os cúmplices levaram para a cova o seu segredo, e durante seis séculos, por mais que cavassem, por mais que buscassem não se achou a sepultura aí no cruzeiro, onde se presumia que o tivessem enterrado.

— Corriam lendas — disse Bianca.

— Sim, corria que o Santo fôra sepultado em pé no rochedo e que tinha os olhos virados para o céu... Ora, em princípios do século passado, deram outra vez em fazer pesquisas, e tanto batalharam que foram dar com os santos despojos metidos nessa arca de pedra, sólidamente gradeada e emparedada num maciço formidável d'alvenarias, que as picaretas levaram cincoenta e duas noites a romper!

— Era previdente frei Elias! — observou o artista.

— Pudera! Tôdo o tempo que o Santo esteve doente rodearam-lhe a casa de soldados, ainda assim não viessem os de Perusa. Danada, esta raça de Perusa! Não roubaram S. Francisco, mas anos depois roubaram frei Conrado de Offida, o santo frade que veio lá da Marca deixar os ossos no convento de Bastia, aí perto. Uma noite abriram-lhe a sepultura, e lá o levaram para a sua igreja de S. Francisco *al* Prato.

Cá fóra, subiram a escadaria para a praça alta. O pesadelo da morte dissipára-se. A' treva sucedia a luz, uma luz doirada e leve que tornava as coisas femininas, vaporosas, quase fluctuantes. Bianca, mais fina e esguia, com os seus loiros cabelos de pagem, parecia entre êles uma figura antiga arrancada da basílica. Vasco olhava-a como se ela fôsse um ser diferente, duma outra espécie, feita para o vôo, e sentia que essa criatura animada por um sôpro de graça não era dêste mundo e não poderia compreender jàmais o amor humano. Tinha a certeza de que se alguém a abraçasse, ela esvaía-se, batia as asas para as alturas. Notava, com sorpreza, que dos seus encantos desprendia-se sôbretudo um doce influxo espiritual e que se os seus braços se estendessem para ela, suas mãos iriam postas em adoração...

Junto dos parapeitos, Vasco deteve com ímpeto Albanova.

— Senhor Ambrogio, venho a pensar numa coisa curiosa. Que estranhas formas terá o sonho nesta terra, quando um artista se apaixone?

Albanova encarou-o sem compreender.

— Não é pregunta vã, sr. Ambrogio. Atenda. Nas velhas cidades são os palácios e as catedrais; são as ruas tristes e sombrias; é tudo o que fala do passado o que nos sobe à cabeça quando o amor nos entra no coração. O sonho é qualquer coisa como uma elegia melancólica. Em plena natureza,

são as auroras e os poentes, são fragrâncias e voejos; é o encanto suave da paisagem que nos empolga. E o sonho é então doce bucólica enternecida. Mas aqui, sr. Ambrogio, aqui nesta terra d'igrejas que a arte povoou de virgens d'oiro e revoadas d'anjos, e em que as vielas do burgo e os caminhos floridos, palácios e florestas, conventos e casaisinhos se nos revela tudo sob aspectos santos e castos, o que é que poderá andar na mente duma criatura ébria d'amor? Aqui, senhor Ambrogio, a mulher com que a gente sonhe deve por força ter formas d'anjo. Sem eufemismo, sr. Ambrogio. Uma autêntica visão angelical, dessas que adejam aí nas basílicas, nimbadas d'oiro. E o sonho, sr Ambrogio, deve ser então um místico vôo celeste.

Albanova ficou um momento calado e depois abanou a cabeça, suspirando:

— Tem razão, senhor artista, e assim é. A's vezes paira-se até alto de mais...

— Alto de mais! — repetiu Bianca com expressão dorida.

— Sim, minha filha. Vivemos entre dois poderes, duas forças, a que devemos submissão igual. Ir contra qualquer delas é ir contra o que Deus dispôs. Só quando a morte vem, o equilíbrio se desfaz, e então o que é da terra em terra fica e o que é do céu para o céu volve.

Albano e sua neta entraram na loja.

Como era ainda cedo, Vasco seguiu rua acima, vagarosamente. Logo adeante, na quina dum *vicolo*, erguia-se, quase alegre, a pitoresca casa quinhentista dos *maestri comacini*, rugosa, pardacenta, mas simples como os artistas que ela evocava; e um pouco mais longe dormia o palácio Giacobetti pesado e gordo de saber.

Por cima do Arco, corriam nas alturas as *logias*, abertas para o espaço, do Seminário velho d'onde saiu em rustilhada um bando de seminaristas que se escoaram nas escaleiras quase a prumo sôbre a rua Vinte de Setembro. Depois perdeu-se em vielas e betesgas com arcos sôbre as ruas, ligando ou amparando prédios, e desembocou na pequena praça *del* Vescovado, onde grulhava o formigueiro dum mercadozinho de levante. Nos lagedos e sob as árvores, ao longo do arruamento, amontoavam-se em manchas verdes os mimosos produtos das hortas arrabaldinas.

Estava olhando a bela frontaria de Santa Maria Maior, quando viu vir da banda de Santa Clara, o pintor da praça da basílica, mestre Michele Biondi com o seu bordão e o saco a tiracolo. Ao passar deante duma fila de *contadini*, um dêles, que lhe servira talvez de modelo nalgum quadrinho, reconhecendo o florentino, fez-lhe aceitar uma bôa

porção de figos verdes que o filósofo aparou na sua sacola.

Vasco saiu-lhe ao encontro.

— Caro mestre, assim nas praças de Atenas os gregos pagavam a Panenos, irmão de Fídias, um nobre e cavalheiresco impulso!

O florentino replicou:

— Panenos, oferecendo os seus pinceis, fez o sacrifício máximo da sua glória.

— E mestre Michele Biondi faz a êste povo o sacrifício das vaidades da glória, o que não é pouco também.

O pintor florentino habitava próximo. Meteram pela rua Cristofani. Vasco acompanhou-o através de ruelas lôbregas, vias de nécropole, sem viv'alma, petrificadas, fossilizadas num desvão esquecido da história.

Pararam deante duma porta em bico, chapeada, remendada de tôscos bocados de táboa. Empurrando simplesmente, mestre Michele entrou. Vasco seguiu-o e achou-se num cubículo, onde mal entrava uma claridade baça.

— E' um sepulcro, mestre!

— Que não é caiado por fóra...

— E pôdre por dentro também não, mestre!

O florentino abriu de par em par a porta e então a casa transfigurou-se, tomou um doce e humilde aspecto de oficina pobre. Deviam ser assim por

aquelas velhas ruas da Ascesi de S. Francisco, as oficinas dos Francesco Zampa, Tiberio de Assis, Andrea de Assis, Dono Doni e outros antigos mestres assisiatas. Vasco relanceou a vista, curioso.

Compridas prateleiras recebiam filas de quadrinhos em táboa, miniaturas deliciosas com um forte sabor giotesco na expressão realista e dramática dos episódios, quase tôdos colhidos nas legendas franciscanas. As «histórias» de S. Francisco, de Santa Clara e dos homens bravamente humildes de Rivotorto e da Porciúncula, reflectiam primores de graça ingénua e delicada. Reconhecia S. Damião e os seus interiores desnudos — os paços da senhora santa Pobreza. O episódio, reconstituído n'uma taboazinha, da bênção dos pães por santa Clara no refeitório humilde, deante do Papa e das freiras graves e emaciadas, pasmas no temor surpreendente do milagre, fez-lhe arrancar um grito de admiração. Outros passos das Legendas: — S. Francisco e os seus discípulos orando em Rivotorto ante um singelo calvário; a prègação ás aves; o lobo d'Aggobio; o cortejo com o Santo morto a caminho de S. Damião, e muitos casos mais, maravilharam-no. E fundamente o comoveu o êrmozinho com a pequena Porciúncula dentro dum grande bosque, tal como Giacomo a evocára em Santa Maria dos Anjos. Como isso tudo, jà tão longe, tinha ainda força para reviver e florir com tanto frescor e brilho!

Mestre Michele dera com fidelidade e carinho a paisagem umbriana, a doce luminosidade das encostas, a fina e leve aerização dos fundos. E rejuvenesciam nas cristas dos montes, as rocas, os castelos e as cidadelas muralhadas e torreadas da velha Úmbria franciscana.

E então o sepulcro cavo que lhe parecera aquela velha casa, transfigurava-se num santuário iluminado, num berço nazareno, onde se denunciavam os clarões duma fecunda renascença espiritual.

Vasco, que não podera conter suas entusiásticas expansões, voltou-se para o florentino e ainda vibrando de comoção, disse-lhe vivamente:

— Mestre Michele, compreendo que ame Assis e que Assis o tenha inspirado. Mas, querido mestre, como pôde tão facilmente deixar o mundo? Como pôde trocar Florença por Assis que é uma pobre aldeia?

Mestre Michele, calmamente, indicou-lhe uma daquelas cadeiras de assento de bunho, vulgares nos modestos interiores italianos. Sua máscara que, por um momento, estremecera quando vira chamejar nos olhos daquêle rapaz uma comoção sincera de admiração, readquirira a serenidade fria do filósofo. E lentamente respondeu:

— Meu amigo, há uma coisa que não muda nunca, é o carácter da natureza humana. Já o Eclesiastes o disse para nossa edificação: *nil novi sub sole.*

Mas sentenças são palavras que se as não leva o vento, ficam mortas na letra morta dos livros. E sempre sucedeu que um pequeno e mesquinho incidente pode mais numa decisão que resmas compactas de sabedoria. Ora, quando vim a esta terra fiz reparo numa coisa simples, mas bem diversa do que é costume ver. Os homens de Assis descascavam as paredes rebocadas das habitações para pôr à vista as pedras rudes de que são formadas. Não sei se êles fizeram por dentro às suas pessôas a mesma sábia raspadura aplicada no exterior das casas. Eu é que senti logo um toque e sem demora iniciei em mim a salutar operação que um tão judicioso e comesinho exemplo me sugeria.

— E pelo que vejo, mestre, tem-se dado bem!

— Optimamente.

Vasco observava-o, tão senhor de si, com essa tranquila segurança de quem chegou, enfim, ao termo duma jornada custosa.

O filósofo insistia, com o seu pensamento fixo.

— Convença-se. *Nil novi sub sole.* Tudo o que o progresso e a civilização nos trazem é um rebôco novo numa parede velha. Os rebôcos gastam-se, as lindezas vão-se. A estructura é que fica sempre. Não lhe parece que vale a pena, como os sábios varões de Assis, deixarmo-nos de rebôcos e caiaduras, e mostrar o cunho eterno da nossa natureza?

Vasco, que se erguera, percorria outra vez as taboasinhas deliciosas.

— E esta arte, caro mestre? Ela é duma tão franca e tão pura realização! E' a vida na sua máxima expressão espiritual de beleza, de verdade e sinceridade. E' só S. Francisco, e é a vida inteira!

— S. Francisco dá para tudo! E' a mais bela síntese de vida que ainda foi possível realizar-se.

— E é uma harmonia, mestre. Não me admiro já de que a sua arte seja tão plenamente harmoniosa.

— A melhor arte, meu amigo, é a que mais harmonia cria na vida, ou por outra, a que melhor consegue conciliar as exigências da existencia material com as altas aspirações espirituais. Florir de rosas as pedras dos caminhos; embelezar, espiritualizar a vida, eis uma missão sagrada para o artista. E nêste particular S. Francisco foi artista máximo. E' o grande Espiritual de todos os tempos. E tôda a força da sua espiritualidade está precisamente em não se ter insensibilizado como o asceta ou intelectualizado como um doutor dogmático. Francisco foi um irmão das coisas, adorou as coisas com ternura afectuosa e soube apreender nelas a graça divina de que o Criador ungiu tudo o que fez. O maior mérito de Francisco está em ter descoberto na Criação um acto de amor, e em ter visto, com uma visão única no mundo, o laço fraternal que une tudo o que foi

criado. E eis porque S. Francisco foi o artista máximo.

O mestre deteve-se, e depois exclamou :

— Ah, eu não compreendo um grande artista sem a santidade. Eu não concebo um criador que não seja puro, e que as mãos sagradas que edificam a beleza não sejam mãos que se ergam, mãos que rezem. O artista é um eleito de Deus. Como os santos êle revolve os céus, vê os anjos, toca as estrêlas e sonda os infinitos misteriosos. O primeiro pintor que, para exprimir a santidade, pôs uma auréola em tôrno duma cabeça, criou num simples traço o mais belo símbolo de que pode orgulhar-se a arte.

O florentino calou-se, preso de uma viva comoção.

— Admirável tudo isso, meu caro mestre. Mas a vida moderna é tão pouco propícia a êsses nobres vôos ! Por isso a gente foge e se exila.

— Se vim para Assis foi porque descobri aqui um contacto inspirador que dificilmente se encontra já. O próprio artista cada vez perde mais carácter e banaliza-se, mercantiliza-se. O mal vem já de longe. Depois da primeira Renascença, perdeu o artista a sua bela função que é fazer o acôrdo das almas e criar no povo rude uma espécie de espiritualidade reflectida. Dantes a arte era feita para o povo ver e entender. Era para tôdos. As ruas, as

praças, as igrejas, os próprios edifícios particulares eram lições públicas de beleza. Hoje ninguém poria por cima da sua porta o mais modesto dos frescos que ainda há por aí pelas esquinas e portais da velha Ascesi. Tudo aferrolha, tudo guarda ciosamente.

Vasco concordava que o artista só hoje trabalha para raros e já não pinta para o povo. Assim o povo se alheava cada vez mais da arte.

— Foi a êsse intelectualismo e aristocratismo da arte que eu fugi! — exclamou Biondi. — Já não trabalho para os ricos nem para os raros.

— E encontrou aqui ambiente, não é verdade, mestre Michele?

— Se há um lugar em que as tradições persistam vivazes é êste. Elas foram também poderosas. E porque os artistas andaram sempre ligados ao povo, mal se nota aqui o divórcio que nas cidades cosmopolitas se vê entre tradição e arte.

E mestre Michele Biondi dizia como percorrendo êsses doces vales umbrianos, encontrára para o seu pincel a mesma luminosa côr de que revestia as coisas e iluminava interiormente as almas, tanto a paisagem e a vida se fundiam na mesma comunhão amorosa. E sentia mais prazer no religioso carinho e quase culto de coisa benta com que se guardava nalgum casebre humilde uma das suas tábuasinhas, do que no laudatório côro que rodeava nos salões

as suas grandes telas de laureado, com orgulho e pompa possuídas.

— Melhor apreciadas, talvez; mas menos amadas, com certeza.

— E sobretudo melhor cotadas, mestre!

VIII

— Oh, senhor Ambrogio, — preguntava Soeiro a Albanova, sentando-se à mesa para o almoço — o que é isso da questão franciscana? E' qualquer desavença entre os frades? Estou sempre a ouvir falar na questão franciscana!

Albanova sorriu da ignorância do pintor.

— Oh, não! Não há, felizmente, desavença alguma! A questão franciscana é uma simples caturreira dos sábios àcerca das orígens das Legendas, e prioridade dumas sôbre outras. Quem levantou essa celeuma tôda foi o Sabatier, principalmente depois de achar um manuscrito do *Speculum perfectionis*, cuja data estava errada e que êle supôs, por isso, anterior à crónica do Tomás de Celano.

— Não percebo como uma simples prioridade...

— Não vê o senhor que o espírito das Legendas diverge, segundo a maneira como as coisas são pin-

tadas! Meu amigo, quando uma doutrina sai do puro campo especulativo para o das realizações, sofre necessariamente desvios e quebras. E' natural, naturalíssimo. E formam-se logo duas correntes. Uma, moderada, que transige e se amolda às circunstâncias novas que a prática e a experiência criam; outra, puritana, zeladora, contrária a inovações, e que reivindica a pureza íntegra dos princípios. A primeira é a dos ordeiros e pacatos; a segunda, a dos irrequietos e rebeldes.

— Está muito bem, senhor Ambrogio. Mas não vejo que relação...

— Vai já ver. Quando se formou a Ordem franciscana, houve logo, até em vida de S. Francisco, duas tendências. A de frei Elias, ou da regra mitigada, que entendia que a vida dos frades como o Santo queria, singela, e sem amarras, era impraticável por demasiado rigorosa e áspera; e outra, a tendência dos frades puritanos que pretendiam a regra estrita de penúria e de pobreza, conforme ao espírito do Fundador. Cada uma diligenciou, já se vê, buscar apoio e justificação na doutrina do Patriarca, interpretando-a ao sabor das suas conveniências. Natural, naturalíssimo.

— De sorte que houve dois partidos...

— Exactamente. O partido dos Conventuais ou da Comunidade, moderado; e o partido dos Espirituais ou *Zelanti*, extremista. Ora, o Tomás de

Celano primeiro biógrafo e relator das palavras e actos de S. Francisco, foi sempre tido, por gregos e troianos, como homem sisudo, alheio a sectarismos, e tudo o que êle escreveu gosava dêsse crédito que só a imparcialidade austera alcança. E como os Conventuais acharam meio de se abonar com êle, e foram sempre mais ou menos favorecidos pelo Papado, a sua tendência tinha um certo cunho oficial. Tôdas as Legendas que depois vieram, sôbretudo o *Speculum*, enfermavam já do espírito de facção; tendenciosas, apaixonadas, e portanto de historicidade equívoca. Pode o senhor imaginar o espanto e o berreiro, quando Sabatier veio declarar, brandindo um cartapácio qualquer desencantado por êle num arquivo, que o *Speculum* é que falava certo, é que merecia crédito, porque fôra escrito antes da crónica do Celano, e que êste não passava dum trapaceiro ao serviço de frei Elias e dos frades relaxados!

— Creio que falou numa data errada, senhor Ambrogio...

— Sim, o copista do manuscrito achado por Sabatier, transcrevera uma data mal. Mas o senhor sabe as artimanhas de que é capaz uma inteligência arguta e inventiva para se livrar duma rascada, e então tratando-se dum sábio da força de Sabatier que, além de sagacíssimo, é um poço de erudição. Um homem que sabe mais coisas de S. Francisco

do que tôdos os franciscanos juntos! Travaram-se renhidíssimas batalhas. O Sabatier parece ter cedido um tanto, e o Celano regressa à primeira forma. Mas há perto de trinta anos que correm rios de tinta; imprimiram-se montanhas de papel, e a verdade é que pouca coisa se adeantou e volta tudo à mesma.

— Anda o senhor Ambrogio muito em dia com essas coisas todas!

— E quem é que o não anda aqui? As discussões apaixonaram tôda a gente lida. O professor Alfieri, que foi dos mais combativos, deu bem que fazer aí aos prelos. Nós é que lhe colocamos até as edições dos seus opúsculos.

— E de que lado se manifestou Alfieri?

— Do lado de Sabatier. Há muita gente com Sabatier. Mas o sábio está mudado. Êle é protestante, racionalista. Não falta, porém, quem afiance que, de tanto lidar com S. Francisco, hade acabar por se fazer ortodoxo. Lá que êle está mudado, isso está!

— Pois, senhor Ambrogio, tudo isso será interessante e é possível que entretenha muito boa gente. Mas, em que pese ao professor Alfieri, uma hora só de Giotto diz com certeza mais sôbre S. Francisco do que os trinta anos de caturreira franciscana. E a propósito de Alfieri, sabe que simpatizo imenso com o Giacomo? Vou hoje com êle a S. Damião.

— O Giacomo é uma destas almas que quanto mais se deixam ver menos a gente as percebe.

— Tem razão, senhor Ambrogio; há qualquer coisa nêle que nos escapa.

Enquanto esperava por Giacomo no miradoiro de Santa Clara, Vasco cogitava no mistério em que lhe parecia andar envolto aquêle rapaz. Com certeza êle tinha amado Bianca com tôdo o ardor da sua juventude. O grande lírio branco da basílica devia ter lançado nessa alma sensível os perturbantes aromas da sua beleza e graça. Mas o que era feito dêsse amor? Ter-se-ia a febre transformado nalgum sonho místico? Ou, sob a cinza da indiferença, queimaria ainda a brasa viva da paixão?

Aquecera, mas sob as grandes tílias do terreiro voejavam asas brandas de aragem espalhando as frescuras dos vales. Contudo o ar entorpecia. Dois cocheiros dormitavam nos carros sob os arcos da basílica, e a mole imensa sombreava mais viva na transparência prismática da luz. Num recanto da esplanada, um pintor loiro e romântico fixava numa tela o esplendor magnífico da paisagem, e para a banda da Praça marchava um grupo cerrado de alemães vermelhaços, cabeças ruivas descobertas ao sol ardente. Giacomo chegou também de cima, da Praça, e pediu-lhe desculpa da demora.

Costearam a basílica e dirigiram-se para S. Damião. Giacomo mostrava o fólio de Clareno, que seu pai restituía ao convento, e falava da erudição na Ordem franciscana.

— Em Quaracchi, lá para Florença, há um colégio, um viveiro de frades sábios que só se ocupam destas coisas de erudição. Publicaram já S. Boaventura em onze maciços tomos e estão imprimindo a *Summa Theologica* de Alexandre de Hales. E' incontestável que prestam um bom serviço à cultura e dignificam a Ordem, mas a maneira antiga sempre agrada mais...

— S. Francisco parecia pouco dado às letras — notou Vasco.

— E há quem diga até que êle as detestava.

E Giacomo divagava sôbre S Francisco e a sciência.

— O Santo não detestava a sciência, nem a sciência era nêsses recuados tempos a deusa prestígiosa a que hoje tôdos prestam culto. O que o desolava era o desprêzo da virtude pelo saber, ou uma excessiva preocupação por êle, com prejuízo do espírito de humildade e de pobreza. Se lhe desagrada um convívio frequente com os livros, é também pelo receio de que venha a ser esquecido ou preterido o livro por excelência que é a Escritura Santa. E a respeito de leituras, o Santo subordinava-as facilmente ao menor impulso da caridade. Conta o Celano que uma pobre mulher apareceu um dia num *luogo* a pedir esmola, muito necessitada. Não havia nada de valor que dar, senão o Novo Testamento por onde os religiosos liam. Consultado Francisco

naquêle embaraço, responde o Santo: «Pois dêem à pobre o livro, para que ela o venda e mate a necessidade. Creio que nêste caso há mais mérito em o dar do que em o ler».

— E' talvez por isso, por êsse desprendimento, — comentou Vasco — que o religioso franciscano passa por ser o mais popular e menos ilustrado dos regulares.

Giacomo observou:

— Sim, o tipo clássico é êsse. Convem mesmo que o continue a ser. A missão apostólica deve primar a tôdas. Mas deixe-me dizer-lhe que é caso para aplicar aqui o adágio de que o hábito nem sempre faz o monge! Os franciscanos, quando se meteram a sábios, deram mestres reputadíssimos na Escolástica. O franciscano inglês Alexandre de Hales, autor duma *Summa Theologica*, foi dos primeiros que aplicaram às sciências eclesiásticas os novos métodos de Aristóteles, alargando os horizontes da Teologia com os recursos dialéticos de que outros se serviram depois. Desde então os estudiosos franciscanos abraçaram com entusiasmo o espírito especulativo grego. Mas quantas lutas para que a Filosofia vencesse nas escolas! Quantas batalhas entre o espírito tradicionalista da primeira observância e a orientação laxista da Comunidade!

E Giacomo contava como, nos inícios do século XIV, os Espirituais se tinham batido audazmente,

galhardamente pela regra estrita que incarnava o espírito de Francisco, contra a tendência renegada dos Conventuais divorciados da pureza da doutrina; e evocava êsses dois ardentíssimos e bravos paladinos, Ubertino de Casale e Angelo de Clareno, nobres e belos na sinceridade do seu entusiasmo. Outros tinham vindo depois: — Gentile de Spoleto, Paulo Trinci, S. Bernardino de Seiena, Estevam de Molina, Mateus de Barci, o fundador do ramo dos Capuchinhos. Mas Ubertino e Angelo ficavam como os dois grandes e belos cavaleiros medievais descendo á liça por sua dama Madona Pobreza, viúva desprezada de Francisco Poverello. Ubertino reivindicava as ideias de Frei Leão colhidas da boca de João de Parma e Conrado de Offida; Angelo de Monte Chiaro, êsse erguera-se com tôda a fôrça dos rudes *luoghi* da Marca Adriática, a bela e heroica província franciscana que recolhera as tradições rigoristas e puritanas enfraquecidas no Vale de Assis...

— São dois espíritos que eu admiro e adoro, porque êles simbolizam para mim os últimos clarões que despede a Idade heroica franciscana da Porciúncula, do Vale de Rieti e da Marca Adriática. Os que vêem depois são como os rebentos froixos duma floresta, onde passou a devastação do incêndio...

Tinham atravessado o Borgo Aretino e esta-

vam na Porta Nova, com o imenso vale aberto até aos confins do horizonte. Pararam a contemplar a paisagem, fina e mimosa no ar translúcido, apesar do ardor do sol.

— Vejo que o apaixona a tendência espiritual — observou Vasco.

— Sem dúvida. Tem poesia, tem encanto ; e o arrebatamento iluminado dos paladinos impressiona sempre os corações moços. Mas as coisas são o que são. A Ordem seráfica ou se transformava ou morria. Compreende-se. A simples exortação piedosa de Francisco e dos seus companheiros tornou-se insuficiente com o desenvolvimento progressivo da Ordem, e desde que o franciscano teve que ser também prègador, impôs-se-lhe a necessidade de estudar, e estudar muito, não só para expôr os dogmas, mas ainda para defendê-los nêsses tempos assolados pela praga das herezias. E' preciso ser justo.

O artista observou :

— Mas podia-se estudar sem transgredir o preceito da pobreza, sem ofender o espírito de humildade.

— Certamente, e foi êsse caminho errado que as coisas tomaram logo, o que desgostou Francisco e lhe amargurou os últimos dias de vida.

— Muito deve ter sofrido o Santo !

Giacomo evocava o passado :

— Quando se criou a Ordem, S. Francisco, seu

fundador, foi naturalmente, o seu primeiro vigário. Mas em breve abdicava, resignava o cargo oficial. O Santo tinha mais jeito para fazer-se amar como pai do que para fazer-se impôr como chefe. Ai dele, a Ordem não era a mesma coisa que o cabanão dos bosques da Porciúncula, nem os frades menores a meia dúzia de iluminados que tinham ido juntar-se-lhe! Francisco e a sua velha guarda heroica, Bernardo de Quintavalle, Silvestre, Rufino, Gil, Masseu e o seu amado Leão, — a *pecorella di Dio*, apagavam-se, sumiam-se nos êrmos pobres para deixarem passar o turbilhão dos novos que chegavam aos milhares. E em breve se impunha frei Elias, o homem nefasto que ia dominar absolutamente a Ordem e desviá-la das trilhas seráficas. Pobre S. Francisco que morreu tão cêdo, talvez já com Elias atravessado na garganta, para não estalar de dôr alguns anos mais tarde, ultrajado por êle! Mas o espírito do Santo não morrera, o fogo sagrado não se extinguira. Nos humildes *luoghi* da Úmbria, do Rieti e das Marcas, os *antiqui frati* companheiros do *Poverello*, aureolados de prestígio e de santidade, deixavam caír dos lábios trémulos, suas memórias e lembranças saùdosas do Mestre amado com quem êles tinham convivido — *nos qui cum ipso fuimus*, — arrebatando almas ardentes que o relaxamento de Elias não pervertera ainda. E assim se formavam os Espirituais...

E neste vago discorrer, sempre ladeira abaixo, acharam-se junto da cêrca do convento com os primeiros ciprestes e uma linda Madona a fresco dentro dum nicho, no ângulo do muro.

Giacomo indicava-lhe Santa Maria dos Anjos, e à esquerda, na estrada para Foligno, entre arvoredo espêsso, Rivotorto, que era hoje uma igreja modernizada sem grande interêsse histórico. Desceram a encosta, e metendo-se pelas searas altas, para apanharem aqui e ali a sombra das oliveiras, chegaram a S, Damião.

Da igreja enfiaram à esquerda, para o claustrozinho sôbre o qual deitavam as janelas da Enfermaria. A' sombra, gosando o fresco das verduras e das árvores, garrulavam em palestra alegre alguns religiosos que tinham também chegado de fóra, encalorados. O cenáculo, nêsse pobre recinto de casas rurais com um ar antigo de *luogo*, evocava saùdosas tradições. S. Damião era dos frades da Observância, que estavam também na Porciúncula e ocupavam em regra os êrmos e conventinhos pobres. O Sacro Convento e a basílica monumental pertenciam aos religiosos conventuais ou de comunidade, com hábitos negros como os clérigos.

Giacomo abalára para o interior, a saber de frei Silvestre, e enquanto esperava no claustro, a uma sombra, Vasco ia ouvindo os minoristas que discutiam alto, risonhamente. Como várias vezes su-

cede, a tagarela desenrolava-se à roda da debatida primazia que devia dar-se, segundo uns, à vida activa, e no parecer de outros, à vida contemplativa. Eram frades cultos, e Vasco escutava com interêsse.

Um franciscano alto, nervoso e requeimado, semi-cerrando os olhos quando falava, defendia o ponto de vista da actividade, em seu entender, conforme às tradições da Ordem e ao espírito do Patriarca seráfico.

— O nosso Padre S. Francisco — dizia — não quís o poiso contínuo, a sedentariedade. Assim que se viu acompanhado, abalou por êsse mundo a exortar os pecadores à penitência. Estava-lhe no sangue, embora o misticismo o empolgasse algumas vezes. Mas êsse misticismo era consequência natural da santidade.

Um outro frade, pequeno, emaciado, que tinha propensões para ermita, contestou :

— Quando S. Francisco se recolheu aos bosques da Porciúncula, foi com a intenção de fugir ao mundo e dedicar-se apenas ao ministério da oração. Não levou ninguém consigo e o seu ideal era muito provavelmente o dos padres anacoretas do deserto.

O outro replicou :

— Lembre-se, frei Giovanni, que logo na Porciúncula, nas palavras do Evangelho da missa de

S. Matias, o nosso Padre teve a confirmação do que ouvira aqui pela boca do Santo Crucifixo. E mal apanhou consigo Bernardo Quintavalle, Pedro Cattaneo e Gil, sentiu logo arder-lhe a febre do apostolado e da propaganda.

— Mas não está esquecido, frei Ubaldo, de que S. Francisco hesitava ainda tanto, que mandou por frei Masseu consultar a êste respeito Santa Clara e frei Silvestre. E foi precisamente a chegada dos companheiros, o que o fez desviar da vocação ascética. E esta hesitação do Santo, depois das injunções divinas, é a melhor prova de quanto lhe custava arrancar-se à sua inclinação predilecta, a contemplação.

— E' possível, frei Giovanni; mas a verdade é que só S. Francisco possuía o fogo sagrado. Os outros tinham marchado para êle como as borboletas marcham para a luz. Foi preciso que o Mestre os inflamasse. E desenvolveram-se, prolongaram-se, como se desenvolvem e se prolongam os ramos duma árvore, — pela impulsão recebida do tronco. Sim, só o Serafim d'Assis tinha o fogo sagrado. Os outros eram seres de ascese e de contemplação. Um pegava aqui; outro enraizava acolá. Só a alma de S. Francisco era a seiva que levava a vida a um lado e a outro. O que resta de Bernardo, de Silvestre e de Rufino? Algumas grutas em êrmos desertos.

E como o seu contendor não respondesse, frei Ubaldo continuou triunfante:

— Santidade nem sempre é misticidade. O apostolado não exclue o recolhimento e o êxtase; mas longe de ser a característica dum santo, a misticidade é apenas um dos seus aspectos íntimos. S. Francisco nem por andar de terra em terra exortando, evangelizando, deixou de se recolher sòzinho em cavernas ou no âmago das selvas, para erguer a alma a Deus.

Lentamente replicou frei Giovanni.

— Santidade é sobretudo misticidade. Os inícios da Porciúncula são marcadamente ascéticos. S. Francisco procurou os bosques para se entregar de tôdo a Deus e viver uma vida recolhida, contemplativa. O Evangelho foi um mandato que êle recebeu de Deus. Cumpriu-o, — dignamente porque era um santo, e admiravelmente porque era um génio. Em S. Francisco há duas pessoas: o católico, que é da Igreja, e o franciscano que é da Porciúncula. E' êste que eu entendo, que eu compreendo melhor.

Frei Ubaldo observou risonho.

— E mais difícil de seguir, talvez. Já não há continuadores dos nossos heroicos antepassados, que se sentiam melhor nas cabanas de Rivotorto e da Porciúncula, do que nós hoje nos nossos conventos de bôa pedra.

— Muito melhor, sem comparação! — soltou frei Silvestre que chegava acompanhado de Giacomo e ouviu as últimas palavras do franciscano.

Frei Ubaldo ironizou:

— Agora, com êste tempo quente, talvez agrade mais uma cabana nos bosques. Mas de inverno, frei Silvestre, sempre sabe melhor um telhadinho de boa telha, como os de S. Damião.

Frei Silvestre encolheu os ombros:

— Há lá prazer maior do que acolher-se a gente numa lapa, sob uma bôa cama d'ervas? E com um bom borralho que até nos consola cá dentro a alma! Quando eu era cura lá na Marca atravessava os bosques de San Severino sem temer a chuva nem o temporal. Metia-me nas choças dos lenheiros, onde não entra pinga d'água, e era um regalo ouvir cá fóra o vendaval azorragar as árvores. E' êste contacto rude com a natureza que nos torna rijos e sàdios. Hoje degeneramos tôdos.

Os religiosos riram-se daquela eloqüente materialidade do rústico franciscano da Marca e subiram para a enfermaria.

Frei Silvestre seguiu com os seus dois amigos para a clausura, cuja parte antiga, do tempo de Santa Clara, tinha essa pátina secular que evocava saùdosamente a época heroica da Ordem. Embora muito mais recentes, os edifícios novos acrescentados não destoavam por sua singeleza da humildade

franciscana que fazia a glória e o encanto de S. Damião.

Na cela de frei Silvestre, ao desalterarem-se, Vasco exclamou:

— Cá estamos nos paços da senhora santa Pobreza!

E com animação celebrava a humildade bem franciscana do antigo conventinho de Santa Clara. Eram passados sete séculos e tudo ali falava ainda de *sorella Chiara.*

O minorista exaltava também o heroísmo daquela linda rapariga que fôra Clara d'Assis, nobre e rica, e que tão moça deixára nas mãos do *Poverello* as suas tranças d'oiro.

Vasco observou sincero:

— Oh, frei Silvestre não leve a mal, mas se acto há da mão de Francisco que faça talvez doer, é êsse oiro vivo apagado por um punhado de cinza. Simples critério d'artista, frei Silvestre!

Giacomo acudiu de pronto:

— Senhor artista, êsse oiro não se perdeu. Apanhou-o logo o Giotto e o Simão Martini.

Vasco lembrou-se do maravilhoso fresco senês na basílica maior e achou que Giacomo tinha razão.

Frei Silvestre rebateu por sua vez:

— Repare, *amico.* Se o nosso Francisquinho despojou *sorella* Clara das suas galas, foi para dar

maior realce a essa formosura que não morre, que é a da alma e a do carácter.

Giacomo acentuava:

— E a mais bela flôr d'Ascesi que, nas mãos dum outro, murcharia depressa, fanada, banalizada, converte-se nas de Francisco em um lírio místico imortal. Tirando Clara ao mundo para a dar a Deus, Francisco deu-a também aos poetas, aos artistas; deu-a sobretudo ao amor e à ternura dos que a veneram nas suas preclaras virtudes de santa.

— Valeu a pena o sacrifício, lá isso valeu! — corroborou o franciscano.

O artista declarou-se vencido. A beleza moral tinha primazia. Nisso fôra Santa Clara surpreendente.

— E se o senhor soubesse o que a Santa batalhou por certo privilégio! — disse frei Silvestre. — Mais surpreendente a achava ainda.

— E bem curioso privilégio, na verdade! — comentou Giacomo.

— O privilégio da pobreza, *amico!* A garantia de não se ser obrigado a possuír coisa alguma! O direito — percebeu bem? — o direito de se poder ser pobre! Uma coisa incompreensível nos tempos que correm!

E o franciscano contava.

— O papa Gregório, quando esteve em Assis pela canonização do nosso Francisquinho, veio aqui visitar Santa Clara. Conversou, conversou, e foi-lhe in-

sinuando que, no proprio interêsse da sua Ordem, aceitasse ela umas rendasinhas que êle lhe mandaria consignar. E que se eram os seus votos de pobreza que a inquietavam, êle, papa Gregório IX, a desligaria dêles. A Santa, assim que isto ouviu, rojou-se aos pés do pontífice, suplicando-lhe com lágrimas que não a obrigasse a renegar seus votos, nem lhe revogasse aquêle grande privilégio da pobreza que lhe fôra dado por mercê do senhor papa Inocêncio, e que era o seu mais rico tesouro. E dizia-lhe: «Oh Santo Padre, desligai-me dos meus pecados, mas nunca da obrigação de seguir Nosso Senhor Jesus Cristo». A súplica ardente comoveu tanto o velho pontífice, que êste não insistiu.

— E' realmente admirável! — encomiou Vasco.

— Assombroso! — exclamou Giacomo. — Pedir, suplicar, lutar — porque a Santa lutou a valer com frei Elias! — para lhe não arrancarem da constituição do seu instituto o privilégio de ser pobre, o direito de não poder possuir nada, nenhum benefício, nenhum rendimento! Repelir as ofertas que lhe assegurariam a ela e aos seus conventos uma vida desafogada e livre de preocupações, quando as desgraçadas freiras ao alcançarem o pão dum dia ignoravam se o teriam para comer no outro! Não há na história um gesto assim de tanta nobreza, de tanta grandeza!

— E de tanta beleza! — acrescentou Vasco.

— E foi o nosso Francisquinho que despertou estas grandes virtudes tôdas! — exclamou radiante frei Silvestre.

— Mas do que é que vivia Santa Clara? De que viviam os conventos?

— De que viviam? Do trabalho e de esmolas — esclareceu o franciscano. — O célebre «privilégio da pobreza» não permitia que os conventos possuíssem o que quer que fôsse, e mais ainda, obrigava quem quisesse entrar na Ordem a desfazer-se, sem sofismas, daquilo que tinha, distribuindo-o à clara luz do sol pelos pobres. E não faltava gente graùda e de teres a solicitar a entrada! Que tempos! Que almas! Lutava-se por esta extravagante garantia, o privilégio de não poder possuir nada; e era-se feliz. Hoje luta-se mas é pelas garantias que nos dêem mais dinheiro, mais fartura, e não há ninguém capaz de dizer: «Estou satisfeito».

Vasco declarava compenetrado:

— Sabem, meus amigos, o que eu encontro sobretudo nisto? E' beleza. Uma beleza moral que escapa ao vulgar critério dos moralistas, e que é feita das mais graciosas e delicadas posições que uma alma pode tomar. Aqui, o ensinamento e a edificação quase que se esvaem, porque, evidentemente, não há moral que possa estribar-se em tais extremos de desapêgo e de desinterêsse. O que resta, portanto? Beleza, encanto, graça maravilhosa de al-

mas. E só um artista é capaz de criar tais atitudes...

Giacomo rompeu:

— Tem razão! Só um artista!

E palpitante, comovido, Giacomo falava de S. Francisco e do seu amor pela pobreza.

S. Francisco fôra um tão grande artista que transformára esta coisa sórdida, despresível e execrada que é a pobreza, na mais apreciável virtude humana, e no mais refulgente raio da sua auréola. Nenhuma criação poética excedia em beleza essa maravilhosa flôr de graça cantada pelo *Poverello* e a que êle chamava a sua cara senhora santa Pobreza. Duma figura hedionda e miserável, de quem todos fogem porque a tôdos repugna, fez êle um lírio alvíssimo e perfumado, só em lhe pôr nos olhos um riso casto e nos lábios um cântico de alegria. Não a encheu Francisco de galas, nem lhe emendou sequer as atitudes simples de humildade e de modéstia. Foi só iluminando-lhe a alma com o seu amor que Francisco a transfigurou. A Pobreza errava pelo mundo, marcada de opróbrio como um condenado, batida e perseguida como lepra maldita. Um dia, Francisco, que era moço e tinha coração, pôs-se em busca daquela a quem desejava para noiva. Buscou-a nas riquezas e não a encontrou; nas honrarias e não a viu; nas glórias e não deu por ela. Descoroçoado e triste, deixou o mundo que o não fazia feliz e os ruídos do

século que lhe não davam paz. Despojou-se das suas vestes ricas e vestiu os farrapos imundos do mendigo. Trocou o convívio dos nobres e senhores pelo dos humildes e pequenos, e esta vida nova deu-lhe um tal prazer que se julgava já no gôso do paraíso. E foi então que ao deparar-se-lhe essa figura esquálida da Pobreza, que tôdos evitam porque tôdos a temem, de quem tôdos fogem porque a tôdos repugna, êle a exaltou e acolheu, saùdando-a com o ardente júbilo do seu coração apaixonado: «Oh, querida Pobreza! És tu a esposa que eu buscava!»...

— E se nós fôssemos um bocadinho até à horta? — lembrou o franciscano. — Sempre se apanhava mais alguma aragem.

Desceram para a cêrca. Da horta bem regada subiam aromas frescos de terra húmida, e sob os carvalhos frondosos o ar tinha uma carícia fina.

— Pois o nosso Francisquinho — dizia frei Silvestre — entendia e muito bem que o religioso não deve ter nada para poder cumprir, sem vis cuidados, sua missão evangélica. Quando o Patriarca foi a Roma apresentar ao Papa a sua Regra baseada na pobreza absoluta, os senhores cardeais repontaram e não queriam que o pontífice aprovasse uma coisa tão estapafúrdia e desacertada. E vai o cardeal de S. Paulo, que protegia S. Francisco, casca-lhes nestes termos: «Pois se os colegas vão dizer a êsse homem que é impossível viver como viveu Nosso Senhor Jesus

Cristo, bonita ideia fica êle fazendo do que nós pensamos do Divino Mestre» ! Os cardeais embucharam e o Papa confirmou a Regra do Santo.

Vasco considerava.

— Eu ainda admito transigências com o estudo. Porque, emfim, o saber é sempre útil, e S. Francisco não previu a imprensa nem o desenvolvimento da propaganda escrita. Mas, na pobreza devia respeitar-se-lhe absolutamente a vontade.

— E olhe que êle nisso foi rigoroso. Arreliava-o muito a mínima transgressão no capítulo da pobreza.

E sorrindo, frei Silvestre contava uma das do Santo, que as tinha bôas.

— Uma vez estava S. Francisco em Greccio, lá para baixo, no vale de Rieti, e sendo dia de Natal quiseram os frades melhorar um pouco a mesa em atenção ao dia e por estar de visita ao convento um provincial. Toca a campa para o jantar. O nosso Francisquinho sai da cela e depara-se-lhe no refeitório uma mesa ricamente posta, que é como quem diz, com toalha e copos. Não ficou contente o Santo e passando adeante sem ser sentido, pega no chapéu e no bordão dum mendigo de passagem, e foi aguardar là fóra que os frades se posessem à mesa, pois tinha determinado que nunca esperassem por êle. Lá quando lhe pareceu, começa o Santo a bater à porta : «Uma esmola por amor de Deus a um

pobre peregrino enfermo !» Acode um frade : «Bom homem, pobres somos também nós, mas por amor d'Aquêle que invocas, entra e vem comer conosco.» Assoma S. Francisco e aí vereis o espanto de tôdos reconhecendo o Patriarca naquêle disfarce! Sem dizer palavra, o nosso Francisquinho assenta-se no chão à roda do lume e aceita uma malga de caldo que um religioso lhe traz, confuso. E então exclamou o Santo: «Assim é que come um frade menor». — E voltando-se para tôdos, disse-lhes com brandura: «Não é digna semelhante mesa de quem anda a mendigar de porta em porta. A nós, mais do que aos outros religiosos, obriga-nos o voto da pobreza que fizemos por amor do Filho de Deus que nos edificou com seu exemplo.»

— Bôa lição ! comentou Vasco.

Frei Silvestre sorria :

— D'outra vez a palmatória bateu em mais finas mãos. O nosso Francisquinho não se fazia valente só em sua casa !

E o minorista contava outra do Santo.

— Esta passou-se em Roma. Foi S. Francisco visitar um cardeal que o tinha em muita veneração e o convidava sempre para comer. Parece que Francisco pressentiu nêsse dia lauto banquete e convidados d'alta estôfa. Esquiva-se o Santo, saí à esmola e quando tudo estava à mesa aí começa o bom Francisco a distribuir pelos convivas os bocados de pão

negro que tinha recolhido. O cardeal, está bem de ver, ficou vexado, porque tinha à mesa outros cardeais e nobres personagens da côrte. Com vontade ou sem ela enguliram alguns o pão da esmola, guardando-o outros por devoção. No fim levanta-se o cardeal e tomando o Santo à parte exproba-o: «Porque me fizeste esta humilhação, Francisco?» O Santo respondeu tranquilamente: «Meu senhor, longe de vos humilhar honrei-vos prestando à vossa mesa homenagem a um mais alto Senhor, porque a pobreza é agradável a Deus, sobretudo quando é voluntária e vai até à mendicância.» O cardeal, que foi depois o papa Gregório que canonizou Francisco, abraçou-o comovido: «Tudo o que tu fazes é bem feito, porque é Deus que obra por ti.»

Fazia-se tarde.

Giacomo declarou que tinha ainda que escrever aquela noite o extenso relatório duma missão a Foligno e Spoleto. Frei Silvestre ia tambem sachar ainda uma leirazinha d'alhos até Completas. E assim deixaram S. Damião, caía já o sol para as bandas da Porciúncula.

Ladeira acima, vagarosamente, iam falando daquela paz conventual. Vasco invejava o viver tranquilo de frades, tão integrados no bom espírito franciscano. Tudo nêsse convento era paz, alegria, felicidade.

— Se ali se podesse fazer também arte!

Giacomo voltou-se vivamente.

— Mas faz-se arte! Porque não havia de poder fazer-se? Justamente habita S. Damião um franciscano pintor, frei Leão Bracaloni que é ao mesmo tempo um escritor de mérito. Tem ali no convento a sua oficina e é uma pena que êle esteja agora ausente de Assis.

— Mas então êste convento é o ideal! Arte, erudição, labor da terra...

— E tudo ali se harmoniza dentro duma autêntica pobreza franciscana.

Pararam para descansar. Avistando lá em baixo os ciprestes da cêrca, Giacomo deixou escapar:

— Se eu um dia fôsse frade, era S. Damião que escolhia para viver.

Vasco sorriu:

— A vontade só não basta. O principal é a vocação...

Giacomo exclamou com força:

— E quem lhe diz que eu não a tenho? Quem lhe afiança que não sou chamado?

Seus olhos ardiam. Todo êle parecia aureolar-se dum fulgor estranho.

Seguiram mudos estrada acima. A cidade resplandecia ao sol poente. As vidraças incendiavam-se. Muralhas, miradoiros, cúpulas e torres e o velho casario de Assis *di sopra*, tudo era feito d'oiro. E

desta fornalha em brasa, erguiam-se os campanilos, serenos, mais altos, finos e castos como lírios, solitários como almas rezando.

O artista estendeu os braços para a cidade em fogo nesta hora religiosa da tarde.

— Oh, Assis, Ascesi!...

IX

Depois do jantar tentou-o a ideia dum passeio nocturno pelas velhas ruas de Ascesi, mais vivas na treva, quando o espírito arranca do Passado as tragédias da história e as surpreende na fantasmagoria do Sonho. Tudo recaíra, porém, num tal silêncio, que lhe veio o temor de lançar o alarme na quieta moradia adormecida.

Puxou uma cadeira para a janela e pôs se a prescrutar a solidão do largo. A noite estava calma. Já rompera a lua por cima do Subasio e banhava em cheio a frontaria da basílica, óssea, terrosa, e lívida como um crânio. Aprumava-se o campanilo altivo, espreitando pelos olhos negros das ventanas, e da outra banda corria o muro gasto e musgoso da cêrca, estirando nas relvas um pano fúnebre de sombra. Fantásticamente assomavam por cima dêste muro as cristas dos ciprestes, impassíveis. Do reco-

lhimento ao lado evolava-se um sussurro vago de rezas femininas.

Oh, êste silêncio múrmuro de Assis!

Jàmais êle tivera, como ali, a sensação dum invisível mundo bulindo; de coisas mortas, longínquas, que se apagaram completamente, mas que reagem, ininteligíveis, sob outras formas.

Assis vivia precisamente dum passado que Vasco não compreendia, dum tumulto antigo que lhe era estranho e que nenhuma comunhão podia ter com êle. Quando vagueava por essas ruas, sentia até que a gente d'hoje que ali passava, vivia alheia à cidade. Os que hoje a possuíam não tinham forças para arrancá-la do torpôr inerte. Haviam mudado as almas dos homens, mas não mudára a alma da cidade. Assis ficára Ascesi.

E era o que mais o feria ali, êste desacôrdo entre a vida actual e a vida extinta da cidade — feita para outra gente, talhada para outra idade. A morada é o reflexo de quem nela habita. Cada época que vem quebra o molde velho e cria um outro novo. Ali a tradição criára tão rijos moldes que as gerações passavam sem poder rompê-los, e dentro destas muralhas que não se alargavam nunca, a vida nova ou circulava mal ou retomava o trilho antigo. O que eram Bianca e Giacomo senão seres regressando ao Passado, ou rebentos tardos da raiz d'Ascesi?

Dentro daquelas casas que não se renovavam

nunca, reinava o mistério confuso dêsse compromisso entre a vida velha que se não quere ir e a vida nova que chega. E assim era tão difícil saber o que havia por detrás daquelas paredes mudas, como o que havia dentro de certas almas enigmáticas.

A gente de Assis parecia sonâmbula. Aferrolhava-se, mal saía fóra, e não compreendia a curiosidade dos que vinham dos confins do mundo surpreendê la, pasmados, e quebrar indiscretamente a monotonia do seu viver e o silêncio do seu burgo. Esse retraimento, sabia-o, era ainda o velho temor ancestral que levava a gente antiga a entrincheirar-se à noite em suas casas ou por detrás das defesas citadinas, à espera das surtidas ardilosas. Perúsia, lá adeante, terreada e hostil, continuava sempre o pesadelo secular. Nocera amedrontava com as suas bárbaras gentes sarracenas de que Santa Clara livrára um dia a cidade, milagrosamente; e êste feito celebrava-o ainda a Comuna... Assis vivera sempre medrosa, sobressaltada, e fôra esse mesmo temor que fizera da basílica uma fortaleza e sepultára nas entranhas dos rochedos o cadáver do seu Santo.

E evocando a basílica, Vasco fixava os olhos nela.

Vaga no luar e desamparada no êrmo, a basílica era deveras um túmulo, rodeada de solidão e de ciprestes, quase sinistra nessa colina do Inferno que a cidade odiára sempre, antigo lugar de patíbulo. O

edifício, grande de mais para a mesquinha comuna, não concorrera menos para a tristeza de Assis. O que faz a alegria das pequenas terras é a igrejinha airosa e branca, com seu campanário e as vozes ternas dos sinos saùdando alegremente os vales. Ora a basílica tinham-na querido tão grande que não coubera na cidade, e levantada no esporão dum cêrro fazia no flanco do burgo, a mesma temerosa ameaça que a cidadela fizera outróra por cima, nas vertentes do Subasio.

E que mistério vinha dessa necrópole augusta! Ignorava-se quem a delineara e construira. Só se sabia que fôra a vontade enérgica de frei Elias que a quisera assim, grandiosa e sólida, defrontando as colinas, ameaçando lá adeante Perúsia rival.

E Vasco via nascer e erguer-se essa fábrica formidável, símbolo da Igreja triunfante, quando a cidadela do poder feudal caía desmantelada, arrazada...

A basílica trepára numa encosta áspera sustida por arqueações ciclópicas. E mal tomára pé, envolvera-se de grossa muralha e cerrára-se sob uma abóbada firmada em pègões e feixes de nervos, como gigante que finca as mãos e reteza os músculos para agùentar uma carga enorme. E esta carga enorme era a igreja alta.

A igreja baixa fôra assim feita, taciturna e negra, consagrada à morte. A igreja alta, aéria e lumino-

sa, exprimia o triunfo e a glória duma vida. Mas a igreja alta estava morta e era a igreja baixa que vivia. Assis, dormente e sonâmbula, não tinha vida para animar essa imensa nave, e a igreja alta não se abria, sempre cerrada deante dum terreiro, com ervas quase até à porta. Debalde por aí começára o Giotto o seu ciclo de pinturas, abrindo defronte de Assis a cinematografia dramática da vida do seu Santo. A cidade enfiava para o túmulo, abismava-se nos sub-solos, talvez porque na sombra mística da cripta fluctuava ainda a alma de Ascesi...

E agora êle via a basílica iluminar-se, recamar d'oiro a epiderme interior, tornar-se uma legenda viva, louvando e exaltando a glória de Deus e os prodígios do Serafim. Na cripta desenrolava se em ténues frescos esvaídos a conformidade de Francisco com Jesus Cristo. E sôbre o altar-túmulo, Giotto alegorizára nas abóbadas as virtudes emblemáticas do Santo: a Castidade — *rocca de fortezza* — inexpugnável numa torre; a Obediência impondo um jugo, entre a humildade e a prudência; a Pobreza andrajosa e esquálida, ladrada, apedrejada e agredida, celebrando as núpcias com Francisco Poverello. Tôdo êste esplendôr d'oiro e de luz derramava-se no cruzeiro, escoava-se nas capelas. E das paredes alastrava nos vitrais, trepava à igreja alta, invadia tudo, doirava tudo, como se fosse o céu entreaberto...

Como pudera uma igreja-túmulo ser o berço duma renascença? Oriente chamára Dante à mística Ascesi por ter renascido ali, com Francisco, o espírito evangélico cristão. Oriente era também esta basílica por nela ter alvorado uma arte redimida pelo génio de Giotto. O mundo paganizára-se e Francisco viera recristinializá-lo com o seu coração cheio de amor. A arte escurecera e Giotto viera iluminála com seus fulgores de renovador.

A pintura perdera a vida, perdera a alma. Os bisantinos tinham dado só figuras, sem as saberem animar. Hieratismo, rigidez, sonambulismo. Personagens de mistério, indecifráveis, incompreensíveis, hirtas e mecânicas como fantasmas. Terror sagrado, alucinação. Giotto varrera êste pesadelo terrífico e creára seres vivos e humanos, com gestos e sentimentos humanos que se entendiam, com alma emfim, que era a nossa alma. E com a impulsão dramática dum verdadeiro criador, fizera erguer os braços, luzir os olhos, agitar os corpos numa tão intensa e comovedora revelação interior que a pedra estremecera e tôda a basílica vibrára num tumulto surdo de emoção apaixonada.

Outros tinham vindo também, suavizando o vigor plástico e trasbordante da força com a graça delicada e terna do sentimento. E por entre as convulsões violentas das tragédias, insinuavam-se como apaziguamentos calmos e musicais, santas doiradas,

leves como lírios, revoada d'anjos e serafins, arrastando atrás dos Eleitos, caudas d'estrelas em fundos azuis, celestes... E tôdas essas santas d'oiro eram Princezas transplantadas das côrtes sumptuosas; verdadeiras flôres reais como essa que Simão Martini alí deixára, colhida na côrte do rei Roberto d'Anjou! Princezas tinham sido, princezas de legenda ficavam, transfiguradas em Santas. A memória das grandezas e dignidades esvaía-se lentamente nos séculos, mas não passava a sua beleza que elas tinham dado às Santas e êsse sangue vivo que lhes corria nas carnações setinosas. Quem seria a adorável princeza que dera a Simão Martini essa peregrina formosura com que êle criára Santa Clara do cruzeiro?

E tôdas essas virgens nimbadas d'oiro, êsses anjos alados que abrasavam lá dentro a basílica, ali morta e muda na noite calma, é que retinham a misticidade da velha Ascesi e a transmitiam às almas cândidas das virgens que iam ali rezar, como essa linda e visionária Bianca Albanova, encantadora flôr de Ascesi.

A lua subira, inundava o terreiro, envolvia a basílica tôda. Na alvura cerosa da frontaria, destacavam mais nítidas as linhas góticas do portal e o círculo florido da rosácea. Só o recanto da praça baixa, onde se escondia o pórtico inferior, mergulhava em sombra.

Vasco lembrou-se que era em noites de luar que Bianca via Santa Clara, cercada d'anjos, correr no céu por cima dos ciprestes, e sumir-se na rosa gótica. D'onde a veria ela? Em baixo, no pequeno jardim não bulia rumor. Na imaginação decerto; em visões alucinadas é que a Santa lhe aparecia.

Aquela igreja maravilhosa, onde a luz entrava pulverizada em côres, com tantas histórias e legendas, com tantas santas lindas deslizando nos jardins das naves e tantos anjos voando nas alturas, dava uma real representação do céu. E para aquêles que, como êle, vinham de fóra, dum prosaico mundo sem legendas encantadas, Bianca, fina como um lírio, entre as virgens finas dos primitivos, devia parecer-se com uma delas. Assim a vira êle logo, assim continuava a vê-la, ideal e mística, fóra do mundo e da realidade, no fulgor da basílica que a doirava também.

E o pensamento voava-lhe ternamente para a angélica criaturinha...

Convencido estava de que esta visionária Bianca não fôra feita para o amor humano; reconhecia, contudo, que era cada vez maior o encanto e a sedução com que ela o ia dominando. E a verdade é que êle sentia com prazer essa prisão suave. Não apertam laços quando os dá uma mão feminina e terna. Tão linda, tão espiritual e fina para tentar um espírito d'arte como o dêle, visionário também, evocador de

beleza e de pureza! Se êle se deixava ficar em êxtase deante das Madonas e das Santas que resplandeciam por tôdas as igrejas de Assis, como não se deixar tocar por essa graça viva d'anjo que um doce perfume de Legenda poetizava e romantizava?

Uma sombra passou: — Giacomo! Mas Giacomo era um ser d'ascese que pairava alto de mais para deixar cair sôbre uma mulher seus olhos d'iluminado. Giacomo tinha apetências de claustro e incubava uma inequívoca vocação religiosa que acabaria por arrastá-lo a um *eremo*. Pois o que é que significava essa frouxidão nas relações com Bianca, senão o lento desapertar d'um laço até se desatar de tôdo? Giacomo não amava Bianca. E se alguma vez gostára dela, solicitado por maior paixão, orientára-se para outros rumos. Sob esta luz, êsse seu desconcertante proceder justificava-se e tinha lógica.

E tôdo êste raciocínio malicioso que ia separando cavilosamente Bianca de Giacomo, forjava também matreiros braços que lh'a puxavam para êle... Fechava os olhos e via-a perto de si, na quadrazinha recatada da loja, fresca como uma rosa, irmã mais velha das santas que pendiam das paredes, nimbadas d'oiro. Como êle em telas e táboas, também suas mãos faziam florir Legendas em linhos castos. Esta conformidade d'arte e d'espírito não os podia unir ainda pelo coração?

E porquê impossível um amor puríssimo naquela

suave e recolhida Assis, miradoiro de sonhos, varandim celeste debruçado sôbre os vales e ascendendo religiosamente para as alturas?

Ele era artista e, como mestre Michele, fazia da sua arte a razão da vida. Fama, notoriedade, nada d'isso lhe dava a pulsação febril para se inspirar e criar. Mas era o mesmo fogo interior de que mestre Michele ardia que o abrasava também e o trouxera a Assis. Ia, como o mestre florentino, ficar preso ali? Assis rasgara-lhe mais longe os horizontes espirituais. Assis abria-lhe novas vias aos seus anseios de artista. Ia Ascesi dar-lhe o amor também?

Mas outra sombra passou, — D. Cesarina com seus presságios trágicos, detestando aquela terra, quase odiando a basílica rival que lhe empolgava a filha. Não ia a flôr d'Assis transformar-se em flôr d'Ascesi?...

Um arrepio sacudiu-o, arrancou-o ao devaneio. A noite refrescára e a imobilidade arrefecera-o. Ergueu-se e apoiou-se no peitoril da janela. Ao poisar a vista no largo, ficou atónito, sorpreso, sem perceber logo o que seria aquilo. Dois vultos descobertos ajoelhavam no terreiro, sob o luar, em atitude extáctica, cabeças altas, voltados para a basílica! Depois compreendeu. E a beleza suprema que irradiava dum tal acto trespassou-o até à alma. Eram dois romeiros, estrangeiros decerto, dois artistas,

dois poetas talvez, vindos sabe d'onde, orar na religiosa Ascesi ao bom Francisco, poeta e santo !

Comovido até às lágrimas, Vasco exclamou :

— Oh, Senhor, poder ser assim também. Vergar, ajoelhar nesta terra sagrada pela santidade e pela arte, e erguer a alma com êste fervor, esta fé ardente e iluminada !

X

Aos domingos jantavam em comum e depois vinham tôdos para o jardim. Era a única distracção de D. Cesarina e de Bianca, o poiso demorado no jardimzito calmo, à sombra da velha casa, nessas tardes de descanso em que as lojinhas fechavam e Assis mais se recolhia ainda. O jardim não tinha sombras de árvores, e só alguns loendros de cachos vermelhos subiam com dois ou três limoeiros rente às paredes. Mas havia flôres, modestas flôres caseiras — rosas, cravos, gerânios, goivos e humildes violetas nos alegretes.

Bianca descera adeante com Vasco Soeiro, que espreitava o ensejo de lhe falar nas suas visões. E já no jardim preguntou-lhe:

— Bianca, não é agora por estas noites de luar que Santa Clara vem numa revoada d'anjos? Há duas noites que espreito o cortejo brilhante...

— Só brilha nos olhos o que resplandece no coração...

— Grande verdade, Bianca! E' por isso que eu nunca verei talvez a sua santa.

— Porquê?

— Porque outra santa resplandece no meu coração...

Biança afastou-se e foi regar uns vasos com fetos e avencas sob um telhadinho de colmo.

— E as minhas violetas? — preguntou Vasco aproximando-se. — As minhas violetas de S. Damião? Que pena se elas morrem!

— Não morrem. Veja como estão viçosas! Não se perdem já.

E Bianca mostrou-lhe, numa pequena majólica, alguns pés de violetas que êle trouxera do convento de S. Damião, para os levar consigo no regresso à pátria.

— E hei-de levar também dessas violetas brancas que vi aí num canteiro. Quando estiver lá longe, as rôxas dão-me saùdades do céu e as brancas dão-me saùdades da terra.

— Dizem que as violetas brancas degeneram quando se mudam. Depois confunde-as...

— Distingo-as pelas vozes! Umas falam-me do claustro, e outras falam-me de... Bianca.

— E crê que a minha voz não lhe dará também um eco do claustro?

Vasco encarou-a:

— Que diz, Bianca? Quere ir para o claustro?

— Eu quero o que Deus quiser...

D. Cesarina chegou com Albanova. Falavam do centenário e das grandes peregrinações da Itália e do estrangeiro à terra de S. Francisco. A humilde e calma Assis ia estranhar ver tanta gente dentro dos seus muros. Ele já não vinha pouca!

— Ainda se fôsse a fé que os trouxesse a tôdos! — notou Bianca.

Ambrogio Albanova considerava:

— Assis só tem interêsse para os que conhecem as coisas franciscanas. O vulgar peregrino de Lourdes vai ter aqui uma decepção e não faltará quem dê por mal empregado o tempo e tão comprida jornada.

Vasco Soeiro concordava. Assis não tinha preparação para receber as legiões de Lourdes. E ainda bem. Assis devia sempre ficar a cidade mística do *Poverello*, quieta, recolhida, sonhadora.

— Que o programa das festas é lindo — encomiava o artista. — E muito bem organizado. Há números encantadores, a celebração do *Cântico do Sol* em S. Damião, as semanas consagradas às três virtudes franciscanas que o Giotto tão bem interpretou na basílica baixa... E a propósito do Giotto, sabe, senhor Ambrogio, que o grande Mestre cada vez me empolga mais?

E chegando a sua cadeira para Albanova, contava-lhe que passára uma tarde inteira na basílica, a estudar os frescos da capela da Madalena, tão discutidos.

— Com certeza que andou por ali a mão do Giotto. A ressurreição de Lázaro é assombrosa! E digo-lhe, senhor Ambrogio, que êstes frescos de Assis me enternecem mais que os de Florença. Há menos virtuosismo e menos solenidade. E d'aí, talvez seja da basílica...

Albanova abanava a cabeça.

— O Giotto, embora hesite aqui e erre algumas vezes, é mais espontâneo e tem muito mais frescura. Não admira, era um rapaz, e quando se é novo trabalha-se sobretudo com o coração. Mas os próprios êrros e faltas que lhe notam, tudo isso é cândidamente adorável.

— Senhor Ambrogio, levo o Giotto na alma! Olho-o com ternura, com paixão! Os seneses são mais finos, mais esquisitos; mas o Giotto tem mais vida, mais ardor e sabe exprimir melhor a comoção.

O velho Ambrogio concordava.

O Giotto era um génio apreciado cada vez melhor, e um dos grandes antigos que não só alastrava nas preocupações dos críticos, mas que até mais simpatias adquiria nos corações.

— Até os russos! Até os americanos! — excla-

mava com ênfase. — Sem contar com êsses malditos alemães que m'o querem arrancar d'aqui e roubar-lhe o que êle aí deixou. O Giotto tem isto de grande: é sincero, é simples, e nada convencional. Um prodígio! Veja o senhor, deram-lhe uma vasta igreja para encher de frescos e meteram-lhe nas mãos um livrinho de S. Boaventura. Os artistas até ali faziam pequenas coisas e a escola romana dos Cavallini, Rusuti e Turriti pouco se abalançava fóra dos modelos bisantinos E digam o que disserem, aquilo cheira-me sempre a prenda de mosaicista! Pois o Giotto criou tudo novo, fez tudo novo, e é ai que está o seu mérito principal. Pela primeira vez, depois dum grande crepúsculo, se pintam os homens como êles são e a natureza como a gente a vê. Não tinha os aperfeiçoamentos da técnica; não tinha a experiência acumulada da tradição, como o Rafael e o Miguel Angelo. Tinha só o seu grande génio! Até Giotto pouco havia quem soubesse representar, com verdade e naturalidade, a alegria e o sofrimento. Os homens não riam, não choravam, não se mexiam. E' certo que Cimabue, ou quem quer que foi, deu numa *Crucificação* da basílica alta a primeira nota viva da comoção agitada. Mas o que é isso comparado ao grande ciclo franciscano da nave?

— De facto, senhor Ambrogio, hoje que a gente vê o Giotto com os olhos educados pelos seiscentos anos de progresso artístico que passaram depois

dêle, mal se póde avaliar o prodígio que a sua obra representa. Não exageram aquêles que o consideram não só o fundador da Renascença italiana, mas até o criador da pintura moderna.

— E foi, meu caro senhor, pode crer que foi o criador da pintura moderna. Durante um século tudo se regula pelos cánones que êle inventou. Nas representações da Legenda franciscana ninguém soube achar interpretações figurativas melhores. Imitam-no, decalcam-no, seguem-no, porque não há outra linguagem, outra forma mais expressiva e eloqùente de dizer. Ora esta simpatia pelo Giotto, êste interêsse que raros antigos alcançam, porque em quase tôdos o arcaismo os distancía e alheia de nós, resulta precisamente da simplicidade e da naturalidade da sua arte, qualidades que a tornam para tôdo o sempre actual e fresca.

— E sabe-se tão pouco dêle, senhor Ambrogio! As origens de Giotto escondem-se ainda no mistério.

— Incertezas, mais nada. Conta um velho cronista, que indo um dia Cimabue a caminho de Bolonha, encontrou na rua duma aldeia perto de Florença, um rapazito de nome Giotto que desenhava na terra um cabrito com tal fidelidade e perfeição, que o pintor trouxe o pequeno e o educou. Há quem diga ainda que o pai o meteu numa fábrica de lans e que o rapaz parava tôdos os dias deante da ofi-

cina de Cimabue a ver trabalhar os pintores, até que se fez pintor também. Tudo impreciso e vago. O que se sabe é que êle foi um génio equilibradíssimo. Num tempo em que as rixas políticas dilaceravam Florença e em que um outro grande génio, o seu amigo Dante se enredava na barafunda, o pintor florentino mantinha-se alheio a contendas e só da sua arte cuidava. Possuía um raro bom senso, era prudente, criterioso e um excelente coração.

— Parece que tinha espírito e que os seus ditos faziam rir Florença.

— Sim, o alegre Boccacio fala disso. Conta-se até uma anedota engraçada. Certo cardeal para quem o Giotto pintava um quadro onde figurava a mitra dum bispo, querendo divertir-se com o pintor, preguntou-lhe porque é que as mitras tinham duas pontas. Responde Giotto: «E' porque os bispos precisam de saber o Antigo e o Novo Testamento». «E estas duas fitas atrás?» inquiriu de novo o cardeal. Réplica de Giotto: «O mesmo, meu senhor. Significam também o Antigo e o Novo Testamento. Como, porém, os bispos d'hoje não sabem nem um nem outro, deitam-nas para trás das costas.»

Calaram-se. Um torpor lânguido errava, pesava nos olhos do senhor Ambrogio que adormeceu. D. Cezarina cogitava. Bianca alheava-se, mirando pensativa o arvoredo por cima dos muros do recolhimento ao lado. O sol pusera-se já por detrás dos montes, e

negrumes de gaivões passavam no céu em correrias doidas, chiando, guinchando rente aos largos beirais toscanos.

— Dorme para aqui tudo ? — exclamou Giacomo aparecendo à porta.

Espertaram. Tôdos quiseram saber d'onde é que êle vinha, que já não se deixava ver...

Giacomo estivera ausente para a Verna, a Alvérnia franciscana. Não parava desde que o tinham metido nas comissões das festas. Lá andára no Monte Alverne, onde ia realizar-se, com certo relêvo, a celebração das chagas.

E de novo se falava no programa das festas do centenário franciscano.

— Parece que foi elaborado por artistas — disse o pintor.

— E' uma encantadora comemoração, isso é ! — acentuou Giacomo. — E leva um ano inteiro !

E dava pormenores.

— O ciclo abre em 2 de agosto com a festa tradicional do Perdão na Porciúncula. Há uma procissão imponente aqui da basílica para Santa Maria dos Anjos. Nos dois meses seguintes reparte-se por semanas a memoração dos acontecimentos principais dos últimos tempos da vida do Santo — o seu regresso a Assis, doente ; a ida para a Porciúncula, o *Cântico do Sol* em S. Damião ; as chagas no Alverne ; as três virtudes franciscanas...

— Uma das mais belas deve ser essa do *Cântico do Sol* em S. Damião — notou Vasco.

— No dia 8 de outubro o trânsito, na Porciuncúla; em 4 a glorificação de S. Francisco aqui na basílica, e logo a 10 a celebração na basílica das claristas da trasladação do Santo... E assim por deante, até 2 de agosto do ano que vem, dia dedicado à fundação da Ordem Terceira.

— Um ano inteiro de piedade franciscana! — observou Vasco. — S. Francisco é digno de tal interêsse!

O senhor Ambrogio esclarecia.

— E abrangendo tôdos os lugares tradicionais, desde o Monte Alverne até ao Vale de Rieti.

— E há também um lindo número no êrmo dos *Carceri* — relembrou Bianca.

— E' verdade, o *Amor das Criaturas* — confirmava Giacomo. — Mas um dos números mais significativos deve ser o da festa da cidade em 22 de junho do ano que vem, solenizando o milagre de Santa Clara que salvou Assis dum assalto dos sarracenos. Esta comemoração fazia-se sempre noutros tempos. E a das chagas no alto do Monte Alverne deve ser empolgante também.

E preguntava a Vasco se já subira ao Alverne.

Vasco não subira ainda.

— Não deixe de ir ver o Monte Alverne. Vai a Arezzo. Ali tem um pequenino comboio que o leva a

Bibbiena. De Bibbiena ao Monte são duas ou três horas de caminho.

Giacomo tinha uma afeição especial à célebre montanha seráfica.

— Não subo nunca ao Alverne que me não deixe lá ficar uns dias. E' uma marcha para as alturas, uma ascensão para o céu. E rude, e áspero, uma natureza brava.

— Porque é que S. Francisco gostaria tanto dessa montanha? — preguntou Vasco.

— Por ser um êrmo agreste e solitário. O Santo gostava dêstes retiros selváticos a que nós chamamos *eremi*. Desde Greccio e Poggio de Bustone, lá em baixo no Rieti, até ao Alverne, na alta Toscana, há sempre dêstes êrmos bravios, inacessíveis quase, que guardam a tradição da presença do *Poverello*. Aqui nos arredores temos o êrmo dos *Carceri*. Qualquer dia levo-o lá. E' surpreendente! Mas não deixe de ir ao Alverne... Fica deslumbrado!

E Giacomo evocava o monte sagrado, onde o Serafim d'Assis recebera as chagas, por favor divino.

S. Francisco subira um dia àquela montanha pertencente a um senhor feudal, o conde Orlando de Chiusi, que tinha próximo o seu solar acastelado. Rejubilára o conde desde que soubera que os frades menores queriam ali fazer uma fundação e quando Francisco chegou com alguns dos seus discípulos,

logo o nobre Orlando mandára erguer um santuário, humilde como o Santo queria, em sítio desafrontado e sob uma grande faia.

O Monte era uma aspérrima eminência de basalto, atormentada, convulsionada, quase a prumo sôbre a planície. Retalhavam-no ravinas sinuosas, carcavões, gargantas fundas. Para o sul desdobrava-se a Úmbria Verde; escondiam-se as Marcas por detrás do Apenino; e via o sol erguer-se das bandas do Adriático e sumir-se nas ondulações suaves da Toscana. Vestido de espêssas florestas de abetos, de pinheiros e faias, era o Alverne um lugar solitário e de meditação, despedido da terra que se agachava lá em baixo com seus mesquinhos povoados ante a majestade austera dos rochedos.

S. Francisco escolhera os sítios mais altos e abertos aos horizontes e não se esquecera de buscar nas fragas as grutas recolhidas para a oração e para os êxtases. Logo a montanha se tornára Tabor. Houve aparições. Deus mostrou-se, revoaram os anjos alegres como as aves que tinham acolhido os eremitas, esvoaçando e cantando à roda de Francisco. E clarões sobrenaturais envolveram o Santo, quando êle se escondia nas grutas para falar com Deus ou meditar nas penhas.

Criado e santificado o *luogo*, fôra-se Francisco, e muitas vezes voltára à querida montanha, onde as aves o conheciam já e um falcão o acompanhava

sempre. Duma vez, que foi a última, chegou o Santo preocupado. Não trazia aquela alegria costumada. Enchia-o de cuidados a família que criára. Sentia próximo o seu fim e mais do que isto o atormentava o rumor confuso, prenúncio de cataclismos que perturbavam já a paz dos *luoghi*. Desta vez também o Evangelho, que êle consultava sempre, persistia em abrir-se-lhe nos transes dolorosos da Paixão, e teve o vago pressentimento dum Calvário que se lhe ia erguer no termo da jornada.

Ora, uma doce manhã de setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz, quando o sol rompia por cima das montanhas violáceas e Francisco orava num alto, de braços erguidos e voltado ao oriente, eis que êle vira de súbito rasgar os ares um serafim deslumbrantíssimo com seis asas de fogo, entre as quais aparecia a imagem de Cristo crucificado. O serafim voára, andára à roda dêle como uma águia de luz, deixando círculos d'oiro nos céus; depois parára, ficára suspenso, olhos nos olhos de Francisco fascinado, abismado. E quando a visão se desfez, o Santo notára que suas mãos, seus pés e um lado estavam trespassados por feridas que vertiam sangue... Deus quisera honrá-lo, marcando-o com as chagas que seu Filho unigênito recebera para nossa redenção...

Anoitecera. Vasco e Giacomo saíram juntos a di-

vagar na noite bela. O artista parava nas ladeirinhas ensaibradas das humildes ruas sem ninguêm, e como bom português expandia-se com alegre pasmo.

— Mas isto é uma aldeia, Giacomo. Assis é uma aldeia. Eu já estive em Bruges a ver o Memling. Chamam também a Bruges uma cidade morta. Há ruas desertas e soturnas, cais melancólicos à beira dos canais dormentes. Mas sempre se conhece que é uma cidade e não falta certo ambiente mundano à roda do Lago do Amor. Mas Assis é uma terra de lavradores. Nos arrabaldes cheira a feno, cheira a estrume, cheira a lenha queimada nas lareiras. E há rebanhos e pastores, há searas e olivais. De tanto que tenho corrido, nunca encontrei terra que mais se parecesse com a minha. Mas por aqui andou S. Francisco, andou o Giotto e o Simão Martini, e esta rudeza é só por fóra, franciscana, porque a alma é polida e fina como em parte alguma. Êle sempre são seis séculos de tradições artísticas e espirituais!

Giacomo preguntava-lhe se havia na sua terra o mesmo renascente fervor religioso que se notava nas novas camadas intelectuais d'alguns países.

— Sim, no meu país sente-se alguma coisa nêsse sentido. E o que é extraordinário entre nós, muito castigados pelo escalracho da descrença, manifestam-se vocações religiosas em pessoas cultas. Mas

um claustro é tão triste! E' a renúncia à vida! Só refúgio para uma dôr inconsolável.

Giacomo replicava pensativamente.

— Sem dúvida, o claustro ou é uma vocação ou um refúgio. Os que sentem um natural pendor vão para as núpcias místicas radiantes de ventura. Os que sofrem duma dôr moral buscam-no também como alívio.

— Mas para êstes, Giacomo, o convento deve ser uma coisa lúgubre.

— Quem sabe? A's noites tempestuosas seguem-se quase sempre dias claros. Nem tôdas as portas se cerram à vida, quando na vida há desilusões!

— Mas uma desilusão de amor... O que é uma vida sem o amor?

Giacomo ficou um momento calado e depois replicou.

— Se fala do vulgar amor, o amor a uma mulher, digo-lhe que êle só enche completamente uma existência e só deixa de ser embriaguez passageira, quando se confina no âmbito espiritual. Fóra d'aí é ilusão efémera. O grande amor perseverante que não perde nunca o frescor idílico e é sempre primavera no coração, é o que resulta duma comunhão espiritual. Dirá que isto é já velho, que é sèdiço romantismo. Pois creia que é o que há de mais real e positivo.

— Muitos dirão também que é um critério de místico — observou Vasco.

Seguiram pelas ruas silenciosas. Das bocadas, à direita, avistava-se, por vezes, a planura calma, dormente.

Vasco exaltava aquela paz d'Assis, o que não era um dos seus menores encantos. E dizia:

— Ha paz nas coisas. Reina até, felizmente, a paz entre os homens. Mas nos espíritos, nos corações, quantas lutas íntimas!

— E' certo — replicou Giacomo com vigor — mas a luta é a vida; a vida inteira é uma luta. E sabe bem lutar. A vida foi feita para combater; a felicidade é um triunfo. Querer alguma coisa, querê-la com ardor e ânsia, é até as vezes a razão maior de viver!

Vasco arriscou:

— Mesmo contra o coração?

— Mesmo contra o coração!

— Olhe que o amor, Giacomo...

— A fé suplanta tudo. Veja a energia dos mártires!

— Mas um mártir não está pegado à terra. E quando há raízes...

Giacomo considerou melancólicamente.

— Sim, o que custa é desenraizar, o que custa é desagarrar... Sentir despedaçar as fibras íntimas! Seria uma tortura infernal, se ao desagarrar da terra, o coração não fôsse enraizar no ceu.

Vasco encarou-o;

— Enraizar no céu?...

Giacomo repetiu com firmeza:

— Enraizar no céu!

Estavam no fim da rua Garibaldi. Na praça do Bispado desceram para a porta Moiano. Quando costeavam um muro, Vasco deteve-se, fixou um vulto sentado num portal embocado à Porta que se abria para os campos.

— Oh Giacomo, aquêle homem àlém sentado é por fôrça mestre Michele Biondi!

Aproximaram-se. Era efectivamente o pintor florentino. Saùdaram-no.

— Toma o fresco, mestre?

— Medita, mestre Michele?

O florentino voltou-se. E sem se levantar, respondeu:

— Estava a pensar na beleza oculta que há na vida, e que caudal de felicidade se perde, por não se saber captá-la.

— Pois nós discutíamos também o problema da felicidade — disse Giacomo.

Mestre Michele ficou um instante pensativo.

— O grande segredo de ser feliz está ainda, podem crê-lo, numa melhor compreensão estética da vida.

— Acredito-o piamente, mestre! — apoiou Vasco.

— A vida, a natureza, tôdo o universo sensível que Deus criou é um harmonioso equilíbrio de

que a estética não tirou ainda as suas mais fecundas lições. Nós não apreendemos senão uma parte mínima da beleza das coisas. Quando um dia se fizer a vida como ela deve ser feita, tirar-se-á do seu conteúdo um maior quinhão de felicidade.

— Mestre — disse Vasco — creio na arte regeneradora da vida.

— Na verdade, nós não fazemos a vida como ela deve ser — notou Giacomo com tristeza.

O filósofo prosseguiu.

— A nossa vida, a vida de quase tôda a gente é um caos horrível. Um amálgama doido de ideias, de sentimentos e de vontades que se chocam e se baralham. Tudo se contradiz e se opõe. Não é da essência da vida em si, não é da nossa natureza. E' de nós próprios. Queixamo-nos do ambiente. Queixemo-nos da nossa fraqueza, da nossa cobardia. Somos cegos, não porque nos falte a vista, mas porque fechamos os olhos.

Giacomo impressionado, encarou mestre Michele Biondi.

— E conseguiu, mestre, conseguiu realizar a vida boa, a vida ideal que o senhor sonhou?

O florentino respondeu depois dum momento de hesitação.

— Talvez, mas não é tudo ainda.

Giacomo inquiriu com avidez:

— E como foi, mestre Michele? Diga como foi?

O filósofo explicou:

— Como foi? Por eliminações, simplificações... Depurei-me, deitei muita coisa fóra.

— E' isso mesmo! — Deitar fóra, deslastrar...

— Como não tinha riquezas de que despojar-me, comecei por alijar tôda a vontade de as ter...

— O que é um pouco mais fácil, mestre! — observou Vasco, rindo.

— Mas não deixa de custar. E' a maior e mais funesta das ambições esta ambição do ter... E assim me acostumei a ser sóbrio, a dispensar superfluidades, futilidades, que não compensam, pelos cuidados que lhes dispensamos, o frívolo prazer que dão. Um catre espartano, dois bocados de pão franciscano, e eis contente frei burro, como dizia o Santo. Pús também de parte as ambições de glória e fama, vistosas prendas das mais precárias e que, por instáveis e volúveis, acarretam sempre à vaidade sérios percalços. Extirpei do coração, ódios, invejas, malquerenças e outras ruindades daninhas. E' uma preocupação absurda que àlém de nos tirar o sono nos não traz vantagem nenhuma.

— Simplificações importantes, mestre! — exalçou Vasco.

— Não é tudo; mas quem conseguir alijar tôdo êste lastro inútil, está já apto para avançar mais rápido.

— E depois mestre Michele? — inquiriu Giacomo.

— Depois, pús de parte idolatrias e cultos por ideias e princípios. A minha larga convivência com filósofos e sociólogos mostrou-me a inanidade e a vacuidade de tantas concepções que tôdas se contradizem, como incertas verdades que são e jogos malabares do engenho. E desde que liberto me vi de metafísicas e subtilezas, desde que varri do cérebro uma camada espêssa de vão especular, brilhou na minha alma, puro como um diamante de fina água, límpido como um sol sem nuvens, êste conceito simples, claro e eterno — Deus no centro da criação.

Ficaram suspensos. Mestre Michele perdera o tom faceto que arlequinava sempre mais ou menos no fundo do seu dizer. A máscara do filósofo caíra e por detrás aparecera, na franqueza rude da profissão de fé, a alma nua, límpida como a verdade que êle acabava de enunciar.

Um pouco comovido, o florentino continuou:

— Com uma crença bem firme em Deus, tôdas as torturas, tôdas as dúvidas sôbre o misterioso *àlém* se vão, e o espírito não é mais do que uma ave alegre em vôo, cantando na terra, presa ao céu, presa a Deus. Tôda a negrura da vida vem da ofuscação de Deus. Não o compreendemos? Mais uma razão de que êle é superior a nós e nos transcende. Também eu não compreendo porque é que o mundo existe e porque é que os astros giram, e nem por

isso o mundo é menos real e os astros deixam de girar. Tôda a base moral e espiritual da vida é esta crença e êste amor em Deus. Sem isto a vida é uma chaforda, sem elevação, sem flama e sem projecção infinita.

Emmudeceram compenetrados.

Depois mestre Michele ergueu-se.

— Meus amigos, dão-me licença? Eu recolho-me. Via Giorgetti, fresco por cima da porta, a tôda a hora...

E o filósofo seguiu lentamente para os lados da praça do Bispado.

Vasco voltou-se de chofre para Giacomo;

— Oh, Giacomo, mas então Assis é isto? Giacomo, meu amigo, eu sou um simples pintor, sou um português alegre, dum país divertido, onde tudo se leva a rir e se faz gala até em materialismos valentaços. E' certo que eu já dera provas d'intrepidez deitando-me a pintar santos e me meti agora em cavalarias altas vindo estudar o Giotto, conversar com frades e profundar coisas que estão trinta mil léguas distantes do pensar da minha gente. Sim, amigo Giacomo, na minha terra ninguém já crê que haja ainda frades e conventos, nem poetas religiosos que se ponham de joelhos num terreiro ao luar, a rezar a santos, como ainda os vi há poucas noites das janelas da poisada. Ora, pois, amigo Giacomo, embora tenha certa queda para es-

tas coisas, declaro-lhe que isto é muito forte para mim.

Giacomo sorria.

— Sim, meu amigo, Assis é isto. E' o Sabatier, racionalista e protestante, há quarenta anos à roda de S. Francisco que o atrai como a chama atrai a borboleta. E' o scéptico Renan reconhecendo que «o sórdido mendigo de Assis foi o pai da arte italiana». E' o Johannes Joergensen, lá da fria Dinamarca, racionalista também, que vem a Assis e fica preso para tôda a vida. E' mestre Michele Biondi a falar como acaba de ouvir. São os tais poetas — que por sinal são dois polacos — que o senhor viu ajoelhados no terreiro da basílica; são os alemães agarrados às igrejas, numa obsessão. E' meu pai... E que sei eu?

— E é também você, Giacomo!... E é Bianca também...

XI

Eram deliciosas as manhãs na lojinha de *ricordi*. Vinha um ou outro forasteiro, escolhia coisas, sortia-se, e novamente a casa ficava deserta e calma na rua recolhida. Lá dentro, na quadra contígua, quase que o poiso constante de Bianca, as estampas, os retábulos, as jarrinhas de Deruta e as engraçadas estatuetas nas mísulas, criavam um ambiente doirado e piedoso de capela. Bianca trabalhava sempre nos seus bordados em «punto de Assisi», e só vinha à loja quando D. Cesarina subia. As legendas brincavam-lhe sob as mãos travêssas e surgiam mais ingênuas e vagas na simplificação do ponto.

Vasco coleccionava reproduções de frescos. Tôda a basílica estava ali, desde as grandes séries das escolas romana e giotesca, até às pinturas suaves dos mestres de Sena. Tôda a basílica e tôda a As-

sis, em pinturas e desenhos, gravuras e fotografias. E nêste recinto esquisito de arte velha e patinada, a figura nobre e perfeita de D. Cesarina e o talhe fino e lirial de Bianca, pareciam integrar-se e fundir-se na mesma suave e emaciada visão do Passado.

Vasco, familiarmente, afastou o reposteiro, e entrou.

Bianca ergueu os olhos, que riam duma alegria feliz, e preguntou-lhe, lânguida, na dolência rítmica da sua vòzita d'anjo:

— *Cosa volete da me?*

Êle respondeu que vinha escolher gravuras e pôs-se a folhear distraìdamente um álbum.

— Assis deve já cansá-lo e aborrecê-lo — tornou Bianca sempre alegre, vendo-o alheado a folhear o álbum.

— Porquê? A arte não aborrece e a beleza não fatiga. E depois há tanta doçura nesta solidão! Assis é um convento espiritual. As coisas parece que nos olham...

Bianca cortava com malícia:

— E êste olhar das coisas é mais sincero que o das criaturas...

— Talvez, Bianca; mas aqui não é menos inquietante, menos perturbador o olhar das coisas.

Ela preguntou-lhe se estivera já em Santa Clara.

— Na basílica das claristas? Duas vezes. A

igreja é fria, mas tem uma capela adorável, onde se refugiou tôdo o perfume místico de Assis.

— E' a capela de S. Jorge...

— A segunda vez que lá entrei ouvi um côro que era com certeza um côro d'anjos. Não vi senão sombras, e não sei d'onde é que as vozes poderiam vir. Mas vinham com certeza do céu, e tive que fugir.

— Fugir?!

— Eram tão finas as vozes, tão penetrantes que me rasgavam a alma. Ia-me já pelos ares e fechavam-se-me os olhos, hipnotizado. Tive que fugir para me não dar algum delíquio.

Bianca soltou uma carcachada argentina.

— Eram as vozes das freiras!

— Eram vozes celestes, vozes d'anjos!

— Pois se as freiras são anjos!

Bianca, contente e gárrula, numa disposição de espírito que êle lhe não vira nunca, preguntou-lhe se sabia, se lêra já as Legendas franciscanas.

Ele não lêra nada. O pouco que sabia ouvíra-o a um e a outro ou ficára-lhe de leituras em livros d'arte.

— Para conhecer S. Francisco e Santa Clara nada como as Legendas. São mais bonitas e contam tudo melhor.

E foi buscar alguns livrinhos.

Eram curiosas edições florentinas, de capa apergaminhada como nos velhos fólios, com fantasias

xilográficas duma singeleza franciscana. Lia os títulos: *Specchio di Perfezione*, *Leggenda dei Tre Compagni*, *Leggenda di Santa Chiara d'Assisi*, *Fioretti di Santo Francesco*.

— Lindas coisas — dizia. — Mas tenho eu lá tempo, agora, para ver tudo isto com sossêgo? Ando às voltas com uma vida de S. Francisco escrita por um poeta, e mal passei meia dúzia de folhas. Não me concentro. Fogem-me as ideias para a basílica, para as pinturas. Tenho a cabeça cheia d'anjos e de virgens d'oiro. E' uma revoada cá dentro. Mas que bem que me hade saber tudo o que êstes livrinhos contam, quando estiver lá longe, a lembrar-me, a recordar-me...

E olhando à roda o pequeno comércio de *ricordi*.

— Estes pequeninos nadas, Bianca, de que nós aqui quase que não fazemos caso, tornam-se depois lá longe, nas nossas casas, coisas preciosas que enternecem. São línguas palradoras dos lugares que percorremos, das coisas belas que extasiaram nossos olhos e que nos criam saùdades do que cá deixámos. Mal imagina, Bianca, o que a sua mão dá no mínimo objetozinho que aí oferece a um estrangeiro. Dá a sua terra em bocadinhos, dá tôda esta beleza e santidade de Assis. Cada nadazinho insignificante é um mundo de evocações e de lembranças gratas...

Comovido, sentindo já a nostalgia de Assis, o ar-

tista calava-se e passava nervosamente uma série ilustrativa de qualquer legenda.

— E o que leva de cá para se lembrar de mim? preguntou ela erguendo os olhos.

Êle respondeu arrebatadamente, portuguêsmente;

— O que levo? Levo-a a si, Bianca! Levo-a tôda no coração!

Ela sorriu e murmurou còrada:

— *Grazie! Grazie!*

Momentos depois a sua vòzita garganteava em surdina:

Tanto è il besse ch'io aspetto
Ch'ogni pena m'è diletto...

Êle inquiriu com curiosidade:

— Que bem tão grande é êsse, Bianca, que até as penas lhe dão prazer?

Ela não respondeu e preguntou:

— Gosta de Santa Clara?

— Da basílica ou da santa?

— Da santa, *sorella Chiara*.

— E' uma santa encantadora. Falámos muito dela outro dia em S. Damião, nos seus paços, os paços da senhora santa Pobreza.

— Foi a mais bela flôr d'Assis...

— Uma flôr d'Ascesi, Bianca!

— Tôdas as flôres d'Ascesi, são flôres de S. Francisco.

Vasco suspirou :

— Meu Dens, e a vida, o amor, o coração ! . . .. E' tão triste sacrificar tudo isto à negrura dum claustro !

— Negrura ?

— Pois acha ainda pouco lúgubre essa capela de S. Jorge !

— Mas se o senhor soubesse como é lá por dentro !

E contava-lhe singelamente como era o convento lá dentro, alegre, voltado para S. Damião, para a Porciúncula, e com o sol a rir em tôdas as celas. Tudo moradas pobres, velhinhas, mas tão bonitas e com tanta graça, abertas para a cêrca com parreiras e arvoredo mimoso ! E as freiras ? Mais mansas que pombas, leves como plumas, resando e cantando como anjos. Tinham seus jardins, seus canteiros com flôres, e suas mãos de prata teciam rendas e bordados para os altares.

— E falam com sua santa Madre que as vem vêr ao côro. Foi lá que eu vi pela primeira vez santa Clara como àlém está.

E olhava para o fresco de Simão de Martini.

Vasco disse com mágua na voz :

— Não a imaginava tão ligada a Santa Clara, ao convento. . .

— Nunca mais deixei d'ir desde que fiz lá a primeira comunhão. Nêsse dia as freiras beijaram-

me as mãos e ficaram gostando muito de mim. O ano passado, pela festa da Santa, quiseram que eu vestisse um hábito de madre Felícia, que é delgadinha como eu. O que elas riram e que bem que me ficava !... Mamã não gosta, mas será o que Deus quiser e S. Francisco.

— Flôr d'Assis, flôr d'Ascesi ! — murmurou o artista com desalento.

Vasco saíu triste, a pensar naquela virgem que o claustro ia talvez sorver. Tão linda, tão encantadora ! E suspirava com pena dos vagos sonhos desfeitos... Que êle não sentia por ela mais do que um afectuoso interêsse ! E antes assim !

Reagiu e marchou rua adeante.

Quase defronte do palácio Giacobetti reparou nas pinturas do Oratório *dei Pelligrini* e logo a arte o empolgou. Viu a porta aberta, entrou.

Nas paredes havia frescos de Mateo da Gualdo e de Pier Mezzastris de Foligno, dois pintores locais que tinham sofrido a influência de Benozzo Gozzoli, o mestre florentino que deixára lá em baixo em Montefalco tão belos frescos franciscanos, que êle contava ainda vêr.

As pinturas aludiam anedóticamente a Santiago e Santo António Abade, patronos do antigo hospício que ali houvera. Gualdo pintára os frescos da frontaria e tinha dentro uma Anunciação e a Virgem entronizada numa revoada d'anjos, com os santos tu-

telares. Mestre Pier Mezzastris pintára os mesmos santos, mas dera-lhes uma forte acentuação perugina. Vendo êsse Santiago langoroso, recordava, com saùdade, a ternura apaixonada que êle sentira em seus inícios de artista, pelo doce e cândido Perugino, o pintor suave e religioso do êxtase. Já êle notára em S. Damião, num fresco de Tibério d'Assisi, a mesma inspiração perugina nas atitudes lânguidas e elegíacas, na flacidez dolente dos corpos moles, abandonados, os membros flectídos num ar quebrado de morbidez e lassidão. Sorriu ainda para um espiritual santo Ausano, belo e miùdo como um pagem, e saiu.

O Oratório fôra no século XV uma albergaria de repoiso para peregrinos indigentes e Vasco considerava o luxo artístico que recebera uma mesquinha casa destinada a recolher necessitados. E Assis inteira estava cheia dêstes pequenos tesoiros da pintura. Não havia capela, hospital ou confraria, por mais humildes que seus destinos fôssem, que a arte não tivesse embelezado e ennobrecido. Os pobres, os mendigos, os desvalidos mereciam então dos corações piedosos não só a caridade do agasalho e do pão, mas estas gentilezas delicadas da arte.

No arco do Seminário desceu a escadaria e foi sair á rua Vinte de Setembro. Alguns passos mais e deu com os olhos numa linda Madona sienesa

pintada na parede. Desceu ainda por *vicolos* torcidos e betesgas lôbregas sem viv'alma e foi ter à praça de S. Pedro com uma porta antiga nas muralhas e um camposo rocio debruçado sôbre a planura. No largo erguia-se a bela igreja de S. Pedro, dos beneditinos, com um pequeno mosteiro pegado. Faltava-lhe o frontão que imprime solenidade, mas ostentava três delicadas rosas de renda. Entrou pela portinha lateral, avançou às escuras. Buscou frescos, viu uma Madona perto do altar, e saiu para respirar.

Trepou a larga rua Borgo San Pietro deserta, entre quintais e no alto, depois de passar o Educatório feminino de S. José, enfiou pela via Giacomo de Martini, onde se lhe deparou uma outra Madona cercada d'anjos. Meteu ainda por vielas escusas, foi ter à Praça e tornou para casa, a pensar na estranha educação dêsse povo duma modesta cidadezinha de provincia, que conservava, nas vias públicas, pinturas delicadas que tinham séculos d'existência.

*

O senhor Ambrogio acedeu nessa noite a dar uma voltazinha pela cidade.

— Para desentorpecer, senhor Ambrogio! —incitava-o Vasco. — Faz-lhe até bem!

Qnando passavam deante do Oratório dos Pere-

grinos, o artista contou lhe a sua visita demorada.

— Um albergue para dar poisada a pobres com tôdo êste aparato decorativo! E não há senão frescos pelas ruas; Madonas, santos e anjos a cada esquina!

E como lhe enunciasse o que tinha visto, Albanova acrescentou que isso não era ainda nada.

— A Confraria das Chagas na via Garibaldi ostenta lindos frescos franciscanos por cima da porta e no oratório tem-os também bons. O convento de S. Quirico, para os lados de Santa Maria do Bispado, mostra um fresco encantador com a Santa Família, e é também franciscano. S. Lourenço e S. Rufinuccio, para a banda de cima da cidade, tem também pinturas exteriores. Quere observar uma bela Madona senesa? Passe pela via Giorgetti, mesmo ao pé da casa de Bernardo Quintavalle. Crê o povo que a Virgem aparece ali noite alta...

Quase ao pé da Praça, Vasco deteve-se e apontou para uma porta em arco, entaipada.

— A cada passo se me deparam destas antigas portas muradas, com um portalinho de serviço ao lado. Porque é isto, senhor Ambrogio?

— E' a «porta do morto» — esclareceu Albanova.

— A porta do morto? Que coisa tão tétrica!

— E' tradição corrente — elucidava o velho — que, quando morria o dono duma casa, a família

emparedava a porta por onde o cadáver saía, para nunca mais servir. Isto é o que se diz. E bem pode ser também que fôssem precauções contra os bandos assaltantes.

Seguiram um momento calados. Vasco notava o silêncio quase fúnebre das ruas e os boqueirões de sombra para lá das pequenas lâmpadas da iluminação.

— Pura medievalidade, senhor Ambrogio! E não me admiro que os alemães, que téem ainda no sangue a nostalgia do Feudalismo, venham para aqui sonhar à sombra das torres e das cortinas ameadas, e andem em corridas doidas por tôdo êsse Vale de Spoleto eriçado de cidadelas e baluartes.

— Oxalá viessem só para isso! Mas não são sòmente os alemães que véem. Chega gente de tôda a parte. Porque Assis é uma atracção.

— Assis é tão calma, tão suave!

— O lema franciscano *Pax et bonum* — Paz e bondade — podia figurar como brazão heráldico de Assis.

— Quere crer, senhor Ambrogio, que vejo aqui mais estrangeiros do que nacionais?

— Assis, meu amigo, anda lá por fóra em muitas almas. Não há, de-certo, outra terra com uma atracção assim. E é raro que os artistas e os pensadores que se deteem aqui uma vez, não voltem mais vezes. E note que nem só as pessôas religiosas sentem

o encanto de Assis e do seu Santo. E' até sôbre espíritos indecisos, sôbre as sensibilidades delicadas de artistas e intelectuais que S. Francisco maior influência exerce. Roma, vendo aliás com simpatia o facto, franze a testa e ralha às vezes. E' que há uns tantos que não compreendem bem o Santo e o divorciam da Igreja, fazendo dêle um panteista. Ora, o nosso S. Francisco foi acima de tudo um ortodoxo, um filho obediente da Igreja romana. Isso mesmo é que o separou de Pedro Valdo e doutros inovadores cristãos que se tornaram depois rebeldes e heréticos. O Sabatier, que tanto quís opôr S. Francisco à Igreja, não pensa já da mesma forma.

Na Praça tomaram para S. Rufino, ali pertinho, e detiveram-se em frente do *duomo*. A sombra adormecia a fachada pesada e rugosa, que não tinha menos de oitocentos anos. Sôbre o pórtico corria uma estreita galeria arqueada, meramente decorativa, e belas rosas românicas filigranadas, aligeiravam a rigidez do fundo. Ao lado erguia-se o campanilo, sentinela hirta e muda.

Vasco declarava não ter visto ainda, o *duomo*, — a catedral de Assis. A basílica patriarcal tomava-lhe o tempo tôdo.

— Contente-se com a vista por fóra — elucidou o velho. — Porque se entra tem uma decepção, cai-lhe a alma aos pés. O interior foi estragado há dois séculos e é uma igreja vulgar, sem interêsse. O que

há lá curioso ainda é uma cripta e as fontes onde S. Francisco e Santa Clara fôram baptizados.

O sr. Ambrogio quís então seguir pela *via delle Rose*, para avistar cá de baixo a Rocca Maggiore.

Devia estar a nascer a lua e a velha fortaleza tinha então um aspecto surpreendente.

Meteram-se por vielas lôbregas e chegaram a uns terrenos vagos, desabitados, na encosta do Subásio. Lá em cima erguia-se a cidadela medieval. Subiram lentamente uma estrada lisa e pararam próximo duma cêrcazinha. A lua vinha rompendo amarelada e torta, clareando o vale e o velho casario em baixo. A' esquerda erguia-se longínquo, como um cipreste, o campanilo de Santa Clara, e à direita no outro extremo da cidade amontoava-se a mole imensa da basílica e do Sacro Convento. Por baixo corcovava a cúpula do *duomo*, feia, amachucada.

A cidadela feudal era fantástica, batida pela luz, na solidão do monte. Da banda de baixo via-se um maciço torreão redondo, e nos ângulos outros fortins se erguiam, imponentes, esboroados já nos cimos. Ao centro levantava-se a torre de menagem com o varandim desmantelado, onde se destinguiam ainda os *machiculis* salientes. De longe as fiadas dos cachorros bordando as torres e as cortinas simulavam uma renda fina.

— Quase inexpugnável! — admirava Vasco olhan-

do a fortaleza enorme. — Os homens de Assis impunham d'ali respeito.

O velho Ambrogio atalhava:

— A cidadela serviu mais d'opressão aos assisiatas do que propriamente de defeza. Foi o feudalismo germânico que a levantou para ter submissa a cidade. De longes tempos êsses malditos alemães abusam de nós. Quando o duque teutão de Spoleto dominava aqui, a gente de Assis, cansada do jugo estrangeiro, trepou um dia por esta encosta, e lá em cima escavacou tudo. Foi o último suspiro do feudalismo, conquanto outros senhores viessem depois. S. Francisco, que tinha então os seus dezasseis anos, entrou talvez no assalto, porque pouco tempo depois fazia parte das milícias que atacaram Perúsia e ficou prisioneiro no combate junto à ponte de San Giovanni, ali adeante ao pé de Bastia.

O velho contemplava a cidadela morta.

— Esse duque de Spoleto, Conrado de Lutzen, que ali viveu, era parente consanguíneo dos Hohenstaufen, e àlém da jurisdição ducal, recebera do Imperador o condado de Assis. Quando se viu perdido, abalou para Narni, a entregar a cidade ao Papa, mas os homens de Assis tinham entretanto desfeitiado a guarnição tudesca e arrasado o temível baluarte da opressão feudal.

— Agitados tempos êsses, senhor Ambrogio!

— Foi terrível a luta dos povos para se emanci-

parem. Quando Assis desceu triunfante do assalto à Rocca, ferrou o dente nas castelanias à roda ; os barões, porém, aliaram-se com os de Perúsia, fizeram-se fortes e venceram os *popolani* que tiveram que aceitar uma composição. Mas o poder feudal ficou abalado, e à custa dos domínios senhoriais que se desagregavam, se engrandeceu a pouco e pouco a comuna assisiata.

— Mas não ficaram por aí as provações de Assis !

— Isso sim ! Depois do Império véem os *condottieri*, e a cidade passa de mão em mão. E' de Biordo Michelotte, de Broglio di Trino ; cai em poder de João Galeazzo, sofre o peso de Montefeltro, passa ao destemido Fortebracchio e dêste a Francisco Sforza. Com Pio II entra nos domínios dos Papas, mas só no século XVI, desfeitas as facções, se intégra definitivamente nos Estados da Igreja e depois na monarquia italiana.

— Tantas lutas nesta terra sagrada !

— Imaginar a gente o que esta Itália foi ! Que barafunda, que turbulência, que desassossêgo infernal ! Povos contra povos, cidades contra cidades. E hoje esta grande paz ! Como é bôa a paz !

E era a paz que reinava à roda da cidadela, que só uma curiosidade histórica mantinha ainda de pé, mas morta, vasia como a carcassa dum antidiluviano. Nas torres e adarves povoados outrora de

atalaias e vigias, faziam ninhos, tranquilas, as aves nocturnas, e ao retinir das armaduras sucedera a calma profunda da solidão e do abandono. E a mesma paz que descera do castelo morto, enchera Assis de silêncio e de mistério e tornára religiosa e extáctica a paisagem...

Chegaram tarde a casa. O sr. Ambrogio recolheu-se logo, fatigado. Na saleta de jantar, Vasco encontrou D. Cesarina mais triste e acabrunhada. Seus olhos dolentes tinham vestígios de lágrimas. Vasco preguntou por Bianca.

D. Cesarina respondeu magoada e lenta:

— Bianca passou quase tôdo o dia em Santa Clara e voltou há pouco sem me dar palavra.

— No convento? Mas então, sempre essa ideia?... E eu que a vi de manhã tão alegre! E' verdade que não falou noutra coisa senão nas freiras de Santa Clara.

Os olhos de D. Cesarina enchiam-se de lágrimas.

Deante dessa mulher ainda bela, alta e fina, duma palidez macerada que o vestido preto realçava, Vasco sentiu uma doce ternura piedosa. E nos seus gestos vivos d'italiana, na maneira como às vezes erguia as mãos, nas atitudes eloqüentes de mater-dolorosa, o artista admirava-a e comparava-a a uma dessas lindas mulheres giotescas que sofriam dramáticamente nos frescos da basílica.

— E' talvez das freiras — dizia-lhe. — São as freiras que impressionam Bianca.

A viúva atirava um gesto vago.

— E' das freiras, é da basílica, é desta terra, *signore!*

Vasco não sabia como consolá-la.

— Eu julguei que ela gostava do Giacomo. Leio-lhe sempre nos olhos um contentamento quando êle vem!

— A minha filha só vê fantasmas e aparições, e não se importa com mais nada nêste mundo!

Vasco atalhava:

— E ela que é tão dócil! Meiga como um passarinho, e diz tudo singelamente.

D. Cesarina torcia as mãos, febril, veemente.

— A minha filha não é como as outras criaturas. Se a visse de noite andar aí pelas casas! Então é que ela é mesmo um anjo. Tão bonita, com o rôsto que parece uma rosa desabrochada, os olhos levantados, sem fazer ruído, porque me parece que ela nem poisa os pés no chão. Falo-lhe, não me atende; toco-lhe, não sente nada. E trejeita para visões que só ela vê, e ri-se, e canta, e beija e abraça o ar. Ah, o medo que eu tenho d'isto tudo! Até me parece que vejo também sombras deslizarem e que oiço coisas arrastando. Este casarão apavora-me cada vez mais. E' da basílica aqui ao pé! E' desta terra morta que nos mata, *signore!* Oh, minha querida Perúsia!

Vasco sentia calafrios e apelava para a sua energia d'homem procurando animá-la.

— D. Cesarina, isso é tudo da imaginação. A pequena é nervosa; são crises próprias da idade. Hade passar.

Mas ardendo sempre de emoção, em voz abafada, a viúva golfava palavras convulsivamente.

— Desde muito nova que se passam coisas misteriosas com Bianca. Eu não conto isto a ninguém, mesmo porque não há ninguém! Uma vez, tinha Bianca sete anos, nesta mesma sala, estando eu distraída a pensar no meu Tommaso que lá andava na guerra, trepa a pequena à janela, põe-se de pé no peitoril e diz-me que ía voar. Olho, dou um grito, côrro, mas não a alcanço já. Ia lançar-me também, cega e louca, mas uma força deteve-me. Abro os olhos e vejo a minha filha lá em baixo, a rir, a bater as palmas, ilesa! Meu sogro diz que a salvou um buxo que ali estava para uma procissão. Mas era uma leve camadinha, e é uma grande altura! Venha ver! Só um milagre, *signore!*

E febril, agarrava-lhe no braço e puxava-o para a janela. Vasco mergulhou a vista em baixo no jardinzinho escuro.

E na mesma ansiada voz, prosseguiu:

— Ficou-lhe sempre a tineta de voar. E não me admiro se ela um dia atravessar os ares e fôr poisar àlém na basílica. Mas se fôsse só isto! Quando

comungou a primeira vez em Santa Clara, tinha doze anos, afirmaram tôdos os que estavam que a viram erguer-se no ar. Diz que o padre notou e ficou pasmado. Quando depois lhe preguntei respondeu que não vira nada. Mas eu bem percebi que êle disfarçava. Desde então as freiras cubiçam minha filha!

— Mas as freiras são santas, D. Cesarina!

— São santas, mas não são mães, *signore!*

D. Cesarina, extenuada, deixára-se cair sôbre uma cadeira.

Vasco falou-lhe do marido.

— Lembro-me que me disse que o pai de Bianca era muito piedoso...

— Meu marido tinha muita devoção e passava também noites agitadas. Levantava-se a dormir e corria as casas às escuras. Muitas vezes acordava aos gritos, com sufocações e uma grande opressão no peito. Dizia que eram os demónios que lhe carregavam em cima e borrifava-se d'água benta que tinha sempre à cabeceira...

No campanilo da basílica bateram horas compassadamente. Vasco, que não se entendia ainda com aquêle complicado carrilhão, viu no seu relójio dois quartos depois da meia-noite e levantou-se.

D. Cesarina despertada pela lenta toada dos sinos, virou-se sombriamente para a janela aberta:

— E' da basílica, *signore!* E' desta terra feia e triste! O que me custou quando vim para aqui. Lá em Perúsia meus pais moravam no Corso Vanucci, uma larga rua cheia de gente e de barulho. As noites horríveis que aqui passei sòzinha nêste casarão de três andares, antes de Bianca nascer, até que o pai recolhesse! E se Bianca me foge é outra vez o mesmo horror! Ali defronte, vê aquêles ciprestes? São dum velho cemitério. A basílica, à noite, nêste rossio cheio d'ervas, quase às escuras, sem viv'alma mete-me pavor. E o que aí aparece às vezes no terreiro à roda da basílica, santo Deus! Dizem que são romeiros que véem de longes terras e se põem aí de noite a adorar a basílica. A mim parecem-me almas penadas, e nunca vi coisa semelhante nas igrejas lá em Perúsia. E não há ninguém, não há visinhança, tôdas as casas cerradas como sepulcros. Aqui ao lado, da banda de cima, há um recolhimento de religiosas. Suas rezas são lamentações. Oh que terra tão feia, S. Francisco me perdoe!

E trepando a escada de pedra para a sua torre, Vasco reconhecia na desordem daquela alma, o ódio antigo, o ódio de raça sempre aceso entre as duas cidadelas rivais, Perúsia contra Assis, Assis contra Perúsia, defrontando-se do alto dos seus montes escarpados...

XII

Percorrendo essa velha rua Principe di Napoli, que tanto dizia ao seu sentimento de artista, Vasco Soeiro ia fazendo o balanço espiritual do que Assis lhe dera, e com prazer averiguava que os seus critérios d'arte se tinham robustecido ao contacto dos mestres primitivos. Excelente era a terra que êle lavrava, mas ela não lhe daria tudo sem um aperfeiçoamento moral e uma fé mais viva. Tal era a lição que êle recebera já.

Vasco Soeiro não conhecia só a técnica. Muito penetrado de intelectualismo, os rumos novos tacteados com ânsia tentavam-no sempre e êsses mesmos rumos é que o tinham decidido — depois da iniciação florentina, sobretudo sentimental e apaixonada — a uma pintura de carácter religioso, sugestiva e simbólica, simples e verdadeira, com seus toques de primitividade ingénua. Do malabarismo

das tendências alguma coisa aprendera, e que não desdenhava. Impressionismo, simbolismo, até o próprio cubismo, o que é que significava tudo isso? Menos um desvairo de exotismo e de novidade do que o esforço sincero duma adaptação. Mas nenhuma adaptação podia vingar sem as virtudes que tinham feito grandes e poderosos, sem prejuízo da simplicidade, os pintores primitivos.

Êle não era já dessa geração que sonhára integrar na técnica moderna, com o antigo esplendor da pre-Renascença, a pintura mural decorativa de Giotto e dos primitivos italianos. Mas se êsse ideal não tivera expansão plena, e não o podia ter, tanto por motivos de dependência como pela deslocabilidade cada vez maior da arte, é certo que a tendência persistia acompanhando a evolução espiritual das ideias e revelava-se freqüentemente em certos artistas, como êsse mestre Michele Biondi, que depois da sua *Descida da Cruz* nas paredes da capela dum palácio moderno de Florença, continuára na pintura de cavalete obstinadamente giotesco na mão e no sentimento.

Certamente, nessa modalidade de Assis, a obra do pintor Biondi impressionava mais como significado moral duma atitude do que como fisionomia característica d'arte. O excessivo simplicismo prejudicava a, fazia dela um caso isolado. Semelhante a Francisco que oposera à gravidade teológica as

suas palavras de exortador piedoso e tomára à margem da Igreja hierárquica uma posição primária e popular, assim lhe parecia mestre Michele Biondi, com os seus quadrinhos cândidos, libertos de fórmulas e de hieratismos.

Todavia, nessas pinturas forçoso era reconhecer aquelas qualidades que, acima de tudo, uma obra d'arte reclama e que são virtudes nos mestres primitivos. Havia expressão singela e natural, frescura de sentimento, candidez de visão, e êsse realismo da natureza que só é puro e são quando o recolhe uma curiosidade ingénua.

Como dizia mestre Michele, a Renascença sacrificára a visão directa dos primitivos ao virtuosismo orgulhoso e subjectivo da forma idealizada. Mas ver como os primitivos viam era coisa possível já? Mestre Michele poderia refazer êsse estado d'alma, dum modo perdurável, apesar de tôdas as suas simplificações e deslastres? Sem dúvida, o supremo ideal em arte seria ver tudo cândidamente, com o espírito liberto de formalismos teóricos, de preconceitos de escola, de academismos e do belo ideal de convenção. Mas até onde era possível obter isso hoje?

Nêsse cogitar chegou Vasco à Praça, sem destino, e ali lembrou-se de que prometera a Giacomo ir visitar seu pai. Mas o artista hesitava afrontar-se de novo com o hirsuto sábio, e metia já direito a Santa Clara, quando o professor Alfieri assomou à

bocada de S. Rufino, com a sua barba branca, socrática, e rabona académica adejando.

O pintor viu-o, e vencendo o embaraço pensou que podia, sem sacrifício de maior, desobrigar-se já do seu compromisso. E caminhou direito ao sábio que o não notára.

Encarando-o, o professor Alfieri manifestou um espanto alegre.

— Ainda em Assis, senhor pintor?

— E' verdade, senhor professor, em Assis ainda.

E com bonhomia Alfieri manifestou interêsse:

— E pintou já muito? Fez muitos quadros?

O artista sorriu;

— Por enquanto nada, senhor professor. Simplesmente ver, observar, estudar...

— Não lhe hade causar fadigas essa espécie de estudo!... Ah, felizes criaturas êstes artistas! Os senhores, com certeza, não téem hemicrânias, nem cansaço no miolo!...—E num tom de voz familiar: — O Giacomo, aquêle madraço, falou-me no senhor...

— O Giacomo tem sido incansável comigo. Afinal, é ao senhor professor que eu devo os meus melhores amigos de Assis, frei Silvestre, seu filho...

O professor segregou a sua acidez.

— Giacomo de há nm tempo para cá não traz a cabeça no seu lugar. E aplicadíssimo que êle era!

Ajudou-nos aí bastante. Eu e o Pennacchi pensámos fazer dêle alguma coisa, mas deu em poeta e atacou-o o sentimentalismo das legendas. Esta mocidade não sei o que quere nem para aonde vai. Hão-de ser famosos aquêles que àmanhã nos sucederem. No meu tempo, com a idade dos senhores, já pertencia a três academias estrangeiras, e aos vinte e quatro anos defendi uma tese em Bonn sôbre os áugures etruscos que me valeu uma doutoração e referências lisonjeiras do Mommsen.

— Há inteligências privilegiadas — articulou Vasco com humildade.

— O que há é estudo, é trabalho. Hoje ninguém estuda, ninguém se aplica. A latinidade está em crise. O que vale à civilização é a sciência alemã. Sem os alemães acabava-se o saber no mundo.

Iam seguindo pela Praça. Vasco deteve-se;

— Creio que nem tôda a gente está por isso, senhor professor. Há mesmo aqui quem o conteste...

O professor interrompeu brusco:

— Quem o conteste?

— Sim, senhor professor, ou pelo menos quem julgue prejudicial aos créditos de Assis certa crítica desagradável à basílica.

— Desagradável? Sempre gostava de saber quem foi o sabichão que lhe meteu essas patranhas na cabeça. A crítica germânica não é agradável nem desagradável; pretende apenas ser justa. E' certo que

últimamente alguns eruditos alemães téem contestado a Giotto a autoria das pinturas da basílica. Mas isso é feito com a maior imparcialidade e tôdo o rigor scientífico, se bem que a questão não esteja ainda resolvida satisfatoriamente.

Vasco parou.

— E o senhor professor não tem pena de virem lá de fóra uns estrangeiros esbulhar o Giotto duma atribuição seis vezes secular?

O historiador virou-se com desdém:

— Se não tenho pena? A única pena que eu posso ter é que isso não esteja ainda deslindado. Demais, o professor Frederico Rinteln, que é o alemão que depois de Thode melhor estudou o Giotto e o exclue completamente da basílica, não faz mais do que deslocar o centro d'influência dêsse artista sem lhe cercear os méritos de bom pintor que é, segundo oiço dizer.

— E que pensa disso o senhor professor Alfieri? Qual é a sua opinião pessoal?

O sábio encarou-o como que espantado da pregunta.

— A minha opinião pessoal? Mas eu não tenho opinião nenhuma, mesmo porque nunca vi o Giotto. Importa-me cá o Giotto! Não faço história d'arte. Sigo os debates dos entendidos e tiro as minhas conclusões.

Vasco exclamou, atónito:

— O quê, o senhor professor Alfieri nunca viu o Giotto? Mas então não entrou nunca na basílica!

— Nem tenho lá nada que fazer.

Vasco considerava com assombro êste sábio famoso, autor duma história célebre das instituições comunais na Itália, que vasculhára os arquivos e bibliotecas duma província inteira e não sentira nunca empolgá-lo a necessidade de enternecer o espírito numa suave visão d'arte.

Arriscou ainda:

— Mas o historiador tem sempre alguma coisa que ver num quadro antigo. Quando mais não seja, a indumentária, as arquitecturas...

O professor ripostou pronto:

— Com respeito a arquitectura, o senhor deve saber que o Giotto fez da insignificante *chiesetta* de S. Damião uma sumptuosa igreja gótica! Vá lá fiar-se a gente na probidade histórica dos senhores artistas! Estávamos servidos! A mim só me interessam as fontes, e o Giotto é uma péssima fonte em tôdo o sentido, o que basta para lhe passar de lado.

Estavam no fundo da rua Brizi. Vasco despediu-se e retomou lentamente o caminho da Praça. Ficára aturdido; e sózinho no meio do velho *forum*, notava com tristeza que se sentia quase abandonado entre gente esquisita e subtil que êle mal compreendia. A alma de Assis, suas pedras e tradições,

entendia já melhor tudo isso do que a psicologia de certa gente sua. Esse Giacomo? Franco, sincero, cordealíssimo, sem contestação; mas mostrando-se só metade, e escondendo egoistamente a vida interior da outra metade. Bianca? Uma visionária abstracta que êle não conseguia prender e em que não era capaz de fazer criar nenhum interêsse sério. O que restava? Talvez um só: — frei Silvestre, o bom franciscano aberto e rude, sem refôlhos nem complicações. Esse, sim!

E abalou para S. Damião a desafogar.

Ia triste e oprimido. Observava que à medida que Assis entrava nêle sua alma se melancolizava. Era talvez êsse sobressalto do espírito que se sente infiltrado e invadido por coisas novas que o trabalham. Ele não era um simples fixador de côres e muito menos um impressionista superficial em que a visão das coisas não vai além dos olhos. Assis entranhára-se-lhe, e com Assis o complexo mundo que ela condensava.

Antes de chegar sabia de S. Francisco o que se pode saber dum vago e ennevoado santo dum Legendario. Abstracto como um mito, brilhante, é verdade, mas plano, sem relêvo e reduzido a um ponto luminoso. Achava belo o santo, como achava belo um astro perdido nos confins celestes ou a montanha longínqua esfumada no horizonte. Ora êle tocára o astro, aproximára-se da montanha, interná-

ra-se nela. E foi um mundo novo que se lhe abriu e perspectivas novas que se lhe rasgaram...

Passou o arco da Porta Pucci, tomou pelo viale Mazzini, e para lá da Porta Nuova desceu à direita para S. Damião. A paisagem entendia-a já melhor, porque uma paisagem não é o que os olhos vêem, mas o que a alma sente. E êle sentia d'outra maneira agora...

Olhando as encostas suaves, enternecidamente evocava os tercetos de Dante celebrando Assis na *Divina Comedia*, versos que êle sabia já de cór de os ouvir a tôda a gente e de os ver transcritos por tôda a parte.

E melancólicamente sua voz modulava baixinho o delicioso ritmo;

Intra Tupino e l'acqua che discende
Del colle eletto del beato Ubaldo,
Fertile costa d'alto monte pende,

.....

Di questa costa, là dov'ella frange
Più sua ratezza, nacque al mondo un sole,
Como fa questo tavolta di Gange

Però chi d'esso loco fa parole
Non dica Ascesi, che direbbe corto,
Ma Oriente, se proprio dir vuole.

Dante tinha razão. Para se nomear êste santo lu-

gar, não se devia dizer Assis, mas Oriente. E S. Francisco era bem comparado a um sol.

Buscou o doce caminho que declivava para a planície, mais atalho do que estrada, entre searas loiras que se despediam, sob vergada tristeza, das mansas oliveiras — essas históricas oliveiras-múmias, corcovadas e carcomidas, que viam tôdas as primaveras subir para elas a graça mimosa dos trigais, alegria dos seus olhos de velhinhas.

E então tôda a paisagem se lhe afigurou uma legenda viva marcada pelo rasto d'oiro do Santo, serpenteando para os quatro pontos cardeais. Era a legenda completa de Francisco que se abria por tôdo êsse mar largo de verdura, desenrolado até o temeroso Apenino.

Da banda de cima, numa prega alta do Subasio, assomavam os *Carceri* umbrosos, êrmo dos êxtases do Serafim e tebaida dos seus primeiros discípulos. Pelas vertentes do Monte: — S. Bento, Satriano, Valiegloria, Nottiano e Spello; e na linha de Perúsia, Ospedalaccio, San Giovanni e Bastia em cujo convento Santa Clara se acolheu depois de deixar nas mãos de Francisco as suas tranças d'oiro e os seus votos. Em baixo, à beira da Estrada da Alegria Perfeita: — Rivotorto, S. Masseu, Santa Madalena, *chiesettas* abrigadas entre bosques sagrados. Adiante Santa Maria dos Anjos guardando a pérola da Porciúncula, e na estrada para Assis os sítios

das gafarias onde Francisco buscou os lázaros, acompanhando com a boca o gesto da mão que dava a esmola. Mais longe, Bevagna com Pian d'Arce ao pé, onde Francisco vê tantas aves juntas que se põe a falar-lhes: «Oh, avesinhas, irmãs minhas...» E para o fundo do vale, à beira do amplo mar verde, Cannara, e mais ao largo, Montefalco e os caminhos abertos para Foligno, para Spoleto, para os lugares santos do Rieti, nas vertentes da Sabina...

E' com tôdo êste rumor na cabeça que êle desce para S. Damião. Acompanha-o Francisco Bernardone cheio de sonhos e olhos iluminados de renovador. Os horizontes são ainda os mesmos, mesmas as paisagens e as montanhas violáceas. Chega com êle à *chiesina* abandonada. Vê-o ajoelhar deante do crucifixo bisantino, estender lhe os braços abrazado em fé e numa tal violência d'amor e de paixão, que o crucifixo estremece, anima-se, mexe os olhos parados e os lábios lívidos: «*Vade, Francisce, repara domum meam, quod ut cernis tota destruitur*». «Vai, Francisco, concerta a minha casa que, como vês, tôda ela é ruína»...

Foi só deante de frei Ubaldo que Vasco despertou. O minorista, que já o conhecia, andava mostrando a igreja a dois eruditos alemães, e não sabia se frei Silvestre estava.

O artista pôs-se também a percorrer o santuário. Gostava daquêles giros lentos, sòzinho, sem a intro-

missão do pensamento alheio que lhe fazia sempre flectir o seu.

Demorou-se um pouco deante dum fresco arcaico, a *Madonna col Bambino* que inspirára talvez o de Cimabue na igreja baixa da Basílica e passou à cripta ou *sepulcretto*, repoiso imperturbado das cinzas veneráveis das primeiras Senhoras pobres, companheiras de Clara. Depois subiu uma tortuosa e gasta escadinha de pedra e foi ter ao gracioso terraço a que os frades chamam o *Giardinetto di Santa Chiara*, onde a Madre clarista tinha as suas flôres e onde vinha espairecer a vista pelos horizontes. Entalado entre as paredes altas da igreja, êste retiro era menos mirante do que cela, uma celazinha descoberta, um êrmo de meditação e de sonho rasgado em frente ao sol e ao ar largo das planícies umbrianas.

Nunca êle sentira como em S. Damião a doçura franciscana de Assis. Tudo ali era singelo e delicado como os seus diminutivos em *etto*. O antigo côro de Santa Clara era o *coretto*, o côrozinho; a cripta mortuária, o *sepulcretto;* o terraço de Clara o *giardinetto*, o jardinzinho. Nos corredores não cabiam duas pessoas a par; as entradas pareciam feitas para crianças; mas tudo maciço e sólido, como talhado na rocha viva.

S. Damião era a mais bela estrofe do grande poema seráfico. Poiso ideal para um poeta, para um

artista, êsse *luogo* primitivo santificado por sete séculos de virtudes, austeridades e mortificações.

Vasco encostou-se ao parapeito com tôda a paisagem deante. Colinas, vergéis, bosques e montanhas, tudo vibrava na mesma intensa emoção religiosa com o místico convento ungido pela graça divina. Da cêrca em baixo subiam perfumes acres d'horta e os ciprestes esparsos entre as videiras elevavam serenos suas almas a Deus. E nêste lugar santo, onde uma grande Santa viera tantas vezes meditar e d'onde ela ouvira seu Pai espiritual entoar o hino célebre ao irmão Sol, Vasco sentiu-se tão comovido que não compreendia que podesse haver dois momentos assim na vida. E a legenda da Santa rompia do fundo das Idades...

A loira Clara, filha de *messer* Favarone di Offreduccio, opulento senhor feudal, era a mais bela flôr d'Ascesi e não tinha ainda vinte anos quando, ao entrar uma manhã no Duomo, defronte do qual se erguia o seu palácio, ouviu prègar Francisco. O apóstolo, mais velho do que ela dez anos, era um mesquinho ser, enfèzado e miúdo, descarnado pelas privações, barba negra e rala, descalço e embrulhado num hábito sórdido, remendado, preso à cintura por uma corda. Só a voz era bela e insinuante.

Francisco Bernardone, depois que saíra de casa e entregára ao pai irado tudo o que dêle recebera, até a própria camisa, envolvera a nudez num balan-

drau coçado, fizera-se mendigo e pernoitava numa choça feita por êle nos bosques do Porciúncula, a menos de meia légua da cidade. Para vencer as repugnâncias físicas, em que via ainda um pecado de orgulho, beijára leprosos nas gafarias e comera lavaduras de bácoros. O escândalo que nos soalheiros da pequena Ascesi causou o proceder dêste mancebo, filho dum comerciante rico e ainda há pouco garboso donzel, vestindo ricamente e tão amigo de folias que os companheiros lhe chamavam o rei da festa, deve ter impressionado também a bela Clara que o viu, com certeza, errar nas ruas apupado pelo rapazio e deu talvez por êle estendendo à porta do seu palácio a gamela de mendigo.

Poucos atractivos devia ter para os vinte anos gentis e fidalgos de Clara, um homem precocemente envelhecido pela miséria, envolto em trajos asquerosos, pés negros e gretados das caminhadas, sórdido duma existência de bicho nas cavernas e sôbre as ervas secas duma choça. Era Francisco já de seu natural fraca figura, e quando pedia esmola em companhia de Frei Leão, conta um biógrafo que êste é que recolhia sempre os melhores bocados de pão, enquanto que Francisco só alcançava canelos duros.

A impressão que a piedosa filha de *messer* Favarone recebeu de Francisco em S. Rufino foi, pois, tôda espiritual, e conjugando certamente as exorta-

ções que lhe ouvia com a atitude de desprendimento e de renúncia que êle mostrava, ela viu em Francisco Bernardone, não o simples homem que lhe teria causado asco, mas o Santo, cuja alma bela e nobilíssima era digna de adoração.

Clara não esqueceu mais o prègador do Duomo. Depois de o tornar a ver e ouvir muitas vezes, pede um dia a Bona de Guelfuccio que a acompanhe à Porciúncula em segrêdo, e revela a Francisco o estado da sua alma que ela quere consagrar inteiramente a Deus. Arrojo duma mulher que procura um homem para se lhe abrir, embora em assuntos de religião? Houve murmúrios. Mas Clara sabia bem a que pessoa se dirigia. O homem que voltára costas a tôdas as alegrias mundanas, a tôdos os prazeres da mocidade, e trocára por um balandrau grotesco seus vestuários brilhantes, e a opulência sumptuosa por uma escudela de mendigo, tinha a alma bastante pura e sã para receber as confidências duma rapariga linda.

Francisco ouve a filha do mais poderoso senhor d'Assis, sonda-a, penetra-lhe as intenções e vê nessa diligência um desígnio altíssimo de Deus escolhendo aquela mulher para pedra angular duma outra obra acabamento da sua. E era também uma consolação para a pobre alma de Francisco, essa rosa pulcra, a pérola da cidade, atirada por vontade divina ao seu monturo, à sua «vileza», como o

pai e os grandes da cidade consideravam a penitência dêsse dementado. Clara vinha sagrar-lhe a missão incompreendida e vilipendiada com a sua virtude, o seu nome e a sua beleza. No pântano floria d'ora àvante um astro...

Domingo de Ramos seguinte, à noite, Clara foge da casa paterna e surge em Santa Maria da Porciúncula, com Pacifica di Guelfuccio, pronta para a libertação suprema. E' uma festa no êrmo! Francisco e seus religiosos acolhem-na com hinos e cânticos, e levam-na ao altar da igrejinha, onde ela se despoja das ricas vestes e recebe a estamenha áspera da penitência. Seus lindos cabelos loiros despedem-se dessa real cabeça, onde um fulgor mais vivo vai resplandecer dali em deante. Clara castelã e nobre morria para o mundo. Santa Clara dava os primeiros passos para a mais bela e mais alta imortalidade que é a da santidade.

Messer Favarone, mal sabe da fuga da filha, exaspera-se, enfurece-se. Manda que a busquem, e vão dar com ela nas beneditinas de S. Paulo de Bastia, onde Francisco a recolhera. Falam-lhe, increpam-na de «vil». Querem trazê-la. Clara resiste, mostra a cabeça devastada, agarra se à toalha do altar.

Abalam impotentes. Mas já Inês, irmã mais nova de Clara, sente a falta do terno apoio em que se enlaçava a haste débil dos seus verdes anos. E

como uma criança que busca o regaço da mãe, escapa-se, vôa para Clara.

Messer Favarone ruge, embravece com êste novo golpe. Temendo-se do seu sangue que ferve, comete a seu irmão Monaldo o encargo de ir buscar Inês e de lh'a trazer, viva ou morta. O emissário segue com uma comitiva armada. Investe o mosteiro, devassa o claustro, e arrancada dos braços da irmã, Inês é trazida de rastos, deante das monjas trémulas de pavor, e de Clara que ora e suplica. E então, oh milagre, o corpo de Inês torna-se pesado como chumbo, pega-se à terra como a rocha viva. E os sicários partem enfurecidos e logrados.

No pântano outro astro floria...

E atrás de Inês outras véem, é uma sementeira d'astros, é um céu estrelado êste conventinho de S. Damião que Francisco alcança para Clara e suas filhas, como alcançára a Porciúncula para êle e seus companheiros amados.

Mas êste santo lugar de S. Damião não estava só sagrado pela pureza das virgens claristas. Vinte anos são passados e uma radiosa manhã de julho, S. Francisco, por debaixo daquêle terraço, improvizava ao sol, braços abertos ao sol, um maravilhoso cântico.

E Vasco olhava em baixo, contra o muro, o recanto viçoso e fresco, onde se erguera a voz do trovador de Deus.

Francisco viera do Monte Alverne trespassado

pelas chagas e recomeçára penosamente na Porciúncula sua missão evangélica. A doença e o depauperamento por vinte anos de jejuns e mortificações, tinham-lhe gasto a existência. Já em Foligno frei Elias fôra prevenido da morte próxima de Francisco por uma visão. A' debilidade do corpo juntava-se uma enfermidade da vista adquirida no Egito. O cardeal Ugolino, protector da Ordem, manda-o ir a Rieti tratar-se com um cirurgião da côrte pontifical. E' uma longa jornada. Logo em S. Damião detem-se e não pode ir mais àvante. Santa Clara manda então fazer na cêrca, por baixo de seu terraço, um abrigo como o Santo tinha na Porciúncula. O seu sofrimento é horrível. Os ratos não o largam tôda a noite e a inflamação dos olhos cega-o quase. Tal é o estado mísero de Francisco prestes a desanimar quando uma visão consoladora lhe segreda a posse do reino do céu; e isto lança-o num tal transporte que mal rompe a alvorada, chama os companheiros e confia-lhes sua ventura.

E' uma bela manhã de estío. O sol vem rompendo por cima dos montes arroxeados e inunda os campos de rumor e de alegria. Então êsse pobre ser enfermo, estendido na mísera esteira duma cabana, e quase cego, ergue ao sol os braços descarnados e num dos mais sublimes momentos d'inspiração que ainda raiou num espírito, saùda o irmão Sol e tôdas as criaturas em louvor de Deus seu criador.

E Vasco abria comovidamente a Legenda do *Speculum Perfectionis*, que êle agora gostava de trazer sempre, e lia com o coração, como numa reza, o famoso cântico :

« Altíssimo, Omnipotente e bom Senhor, teus são os louvores, glória e honra, e as bênçãos tôdas. A ti só, Altíssimo, convéem, e homem nenhum é digno de pronunciar teu nome.

Louvado sejas, Senhor meu, com tôdas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão Sol que nos traz o dia e pelo qual nos alumias ; e que é belo e radiante com grande esplendor e de ti, Altíssimo, nos dá testemunho.

Louvado sejas, Senhor meu, por nossa irmã Lua e pelas Estrêlas que no céu formaste, claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, Senhor meu, por nosso irmão Vento, pelo ar e a nuvem, o claro céu e tôdo o vário tempo, porque é por êle que aviventas as tuas criaturas.

Louvado sejas, Senhor meu, por nossa irmã Água, que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, Senhor meu, por nosso irmão Fogo pelo qual iluminas a noite e que é belo e alegre, e robusto e forte.

Louvado sejas, Senhor meu, pela nossa irmã

Terra, mãe nossa que nos sustenta e governa e nos dá tôda a espécie de fruto, e as flôres coloridas e as ervas.

Louvado sejas, Senhor meu, por aquêles que por amor de ti perdoam e padecem enfermidades e tribulações; benditos os que as suportam em paz e que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, Senhor meu, por nossa irmã morte corporal, a que nenhum vivente pode escapar. Desgraçados daquêles que morrem em pecado mortal; ditosos os que se acharem conformes às tuas santas vontades, porque não lhes fará mal a segunda morte.

Louvai e abençoai o meu Senhor, rendei-lhe graças e dignificai-o com grande humildade.»

Vasco desceu, buscou o lugar célebre. Modestas leiras de horta bucolizavam o recanto pobre com um pequeno tanque e a bica d'água cantante. Flôres, videiras, figueiras, solidão, e o horizonte imenso de colinas repousando . . .

Deixou a cêrca e num corredor encontrou frei Ubaldo, que fôra acompanhar os dois germânicos até à porta. Seguiram ambos para a horta em busca de frei Silvestre. Vasco contou as voltas que dera sòzinho, e as gratas evocações do terraço da Santa. E dizia :

— Frei Ubaldo, S. Damião é uma antecâmara do céu. Muito feliz deve ser quem vive aqui, longe do inferno do mundo. E' feliz, não é, frei Ubaldo?

O minorista respondia:

— Tanto quanto é possível sê-lo na terra, meu amigo.

Em baixo encontraram um hortelão plantando couvinho numa terra fresca. Frei Silvestre saíra cedo para Assis e não voltára ainda.

Sentaram-se à sombra do muro da cêrca, num rebordo do terreno. Para cima corria a mata de carvalhos com os seus verdes novêlos roliços. O convento trigueiro poisava defronte, avançando para êles a construção pesada do dormitório novo, de linhas mais firmes, com uma carreira de janelinhas rente à cornija, frestas discretas de celas. Da banda da cidade descia para o convento uma fila de ciprestes que entravam e se espalhavam na cêrca, erguendo os capuzes sombrios por cima das parreiras; e a forqueta do campanário mostrava a humildade e pobreza da *chiesina*.

— Frei Ubaldo — dizia Vasco — não se me dava ficar aqui nesta paz abençoada.

O franciscano sorria:

— E' o que tôdos dizem! O convento tem beleza, tem poesia, mas tem mais alguma coisa que se não vê e se não conhece. Os senhores que véem de fóra encaram-no apenas com olhos românticos, mas não

é com os olhos que se vive no convento... E' com a alma, e alma dos senhores não está formada para viver num êrmo.

Soeiro concordava.

— Tem razão, frei Ubaldo.

— Os senhores são só tocados pelo pitoresco. Chegam das cidades, do ruído, do bulício, e esta solidão agrada-lhes como um lugar d'ócio e de recreio. Ora um convento não é, como parece, uma casa de repoiso e de boa vida. E', sobretudo, uma casa de trabalho espiritual que ocupa mais a vida do que vulgarmente se crê. E êste trabalho espiritual não é possível sem uma fé profunda, uma fé absoluta que se sobreponha a tudo e salte por cima de tudo. Para viver aqui é preciso renunciar a tudo. Tem essa coragem o senhor?

Vasco não respondeu. E depois dum curto silêncio encarou o frade.

— E o Giacomo tem?

Frei Ubaldo considerou um momento.

— Sim, o Giacomo tem. O Giacomo virá. E' uma vocação.

— Mas êle é tão novo, frei Ubaldo!

— E não encontra aqui rapazes como êle e como o senhor?

Vasco Soeiro arremeteu:

— Eu sei lá que gente é essa, frei Ubaldo? Conheceram êles o mundo? Não fôram criados à som-

bra das sacristias e no ambiente môrno do cantochão e dos incensos? — E arrependendo se dêste impulso arrebatado deante daquêle religioso culto, emendou logo. — Perdoe me, frei Ubaldo, eu sou dum país devastado pela incredulidade e tenho às vezes, por contágio malsão, dêstes assomos bruscos. Mas não ignoro que há imensas vocações nas camadas intelectuais. Nos artistas até. O pintor Verkade, que fez pinturas giotescas no convento franciscano de Fiésole, vi-o eu em Beuron com a cogula beneditina. Mas é nesta Itália que as vocações surpreendem!

— Não se admire, meu amigo. Nós somos dum país que S. Francisco e as primeiras raças seráficas iluminaram com os clarões da mais intensa fé. Tôdas as almas nesta terra téem mais ou menos o vinco profundo da passagem de S. Francisco. Nas Marcas e nêste Vale de Spoleto então, tudo é franciscano, almas e coisas. Porque S. Francisco não foi um homem que se dirigisse apenas aos seus semelhantes. O nosso seráfico Padre falou às aves, às feras e às arvores; falou às aguas, às pedras e às montanhas. S. Francisco entranhou-se em tudo, fez tudo franciscano.

— Oh, frei Ubaldo, quanto mais sei de S. Francisco mais me convenço de que o seu génio era apenas alma. Uma grande alma de que Deus se serviu para confundir o orgulho da inteligência.

O franciscano sorriu.

— O senhor acerta sem o supôr! Quere ouvir um episódio muito a propósito? Um dia frei Masseu teve um rasgo de franqueza que era, aliás, um preito de admiração. Encarando o Santo sai-se com esta: «Oh, Francisco, tu não és formoso, sabes pouco e não é grande a tua inteligência; nobre também não és. Porque é então que tôdo o mundo corre atrás de ti?» S. Francisco, lisonjeado como se lhe tivessem feito um grande elogio, replica-lhe: «Queres saber porque tôdos me buscam? E' porque Deus não viu entre as criaturas ser mais ínfimo para cumprir a sua obra maravilhosa, e escolhendo-me tão mesquinho, tão vil e miserável, quis confundir a nobreza, a força, a beleza e a sciência do mundo».

— E na verdade, frei Ubaldo, assim parece ter sido.

— E', de facto, a humildade que faz triunfar Francisco em tudo. Uma humildade que alcança muito mais do que a força orgulhosa. O senhor deve ter lido em certos historiadores que Francisco foi um imitador de Pedro Valdo, o *Pobre de Lyon*, um homem que em Lyon quis ser também renovador cristão adoptando os mesmos ideais do *Pobrezinho d'Assis*. Mas quere saber um caso que define admiravelmente as posições dêstes dois homens e dá a razão do êxito de Francisco? O bispo de Lyon retira um dia a Pedro Valdo a permissão de prègar.

O apóstolo insurge-se e arremete contra o bispo, orgulhosamente: Que só a Deus devia obediência, porque Deus é que criára a instituição do apostolado. Dentro em pouco Pedro Valdo era um rebelde e hostilizava a Igreja católica, sem nenhum proveito para o Cristianismo de que êle se dizia renovador. Oiça agora como procedeu Francisco num passo igual. Foi o *Poverello* ter com o bispo de Imola e pediu-lhe licença para prègar na sua diocese. O bispo, de mau humor, responde-lhe que, para prègar aos seus fieis, bastava êle. Francisco retira-se humildemente, mas volta pouco depois e afronta o bispo, que lhe pregunta, irado, porque é que o vinha importunar de novo. Eis a admirável saída de Francisco. «Senhor, quando um pai deita fóra um filho por uma porta, o dever do filho é entrar por outra». E com esta lição de respeito e de humildade desarmou o bispo que o abraçou e lhe deu as licenças tôdas.

— E' isso, frei Ubaldo! E é assim mesmo que eu vejo S. Francisco.

Depois voltaram para o convento falando de frei Silvestre.

— Esse é da velha guarda! — afirmava o minorista com admiração. — E' da raça sólida da Marca. No tempo de S. Francisco daria um frei Ginepro. Hoje a raça é outra. E, verdade, verdade, é uma pena!

— Os frades intelectualizam-se! — dizia Vasco a rir.

— E' do tempo. Hoje a instrução é mais acessível que d'antes. Somos tôdos mais ou menos lidos e d'aí a tendência para o estudo, para a cultura. Mas a vida activa ocupa-nos muito e as missões absorvem-nos imensa gente.

Meteram à cela de frei Silvestre e não o encontraram.

Na volta, frei Ubaldo apontou uma porta fechada. Era a oficina dum padre pintor de S. Damião, Fr. Leão de Bracaloni, artista e erudito, que estava ausente. Vasco lamentava se de não ter ensejo de apertar a mão àquêle colega ilustre.

— Mas viu já, decerto, trabalhos dêle?

Vasco só vira na igreja o seu Crucifixo, cópia daquêle que falára a S. Francisco e que as freiras tinham levado para Santa Clara. Frei Ubaldo nomeou um fresco numa dependência fóra, no *piazzaletto*. E foram vêr a pintura.

Quando atravessavam a igreja o minorista, em voz baixa, chamou a atenção de Vasco.

— Olhe, frei Silvestre já está, mas não se lhe pode falar.

O pintor voltou se. O rude franciscano tinha aos pés uma criatura que estava ouvindo de confissão. E essa criatura era Giacomo.

Vasco ficou suspenso, olhando. Aquêle acto, cer-

tamente vulgar em Giacomo, lançou-o numa grande perturbação.

Depois foram ver o belo fresco de Frei Bracaloni, representando os funerais de S. Francisco com a clássica personagem scéptica a verificar a chaga do lado, e quando saíam encontraram à porta frei Silvestre e Giacomo que os tinham visto passar.

Frei Silvestre mostrava com muita pena de não estar, e como era tarde os dois religiosos recolheram-se. Giacomo ficou no *piazzaletto* conversando com Vasco. O pintor dispunha-se a partir.

— Eu fico — disse Giacomo, sério.

O artista encarou-o, estupefacto.

— O quê, o senhor fica?

Giacomo, sorrindo do equívoco que provocára aquêle alarme, esclareceu:

— Fico para Completas. Vai soar a hora...

Vasco olhou-o nos olhos:

— Vai soar a hora...

— Sim, aproxima-se a hora! A hora e o momento supremo...

XIII

Naquela manhã, domingo da oitava do Corpo de Deus, Vasco Soeiro foi encontrar Bianca sentada no jardim, desfolhando alguns braçados de rosas, cujas pétalas distribuía com cuidado por pequenos açafates, cada um para sua côr. Havia-os com pétalas brancas, vermelhas, amarelas e de variados matizes.

Vasco não atinava com o fim dessa delicada tarefa, mas a verdade é que ela lhe avivou de repente, numa íntima correlação subtil, os tristes preságios de D. Cesarina. Nêsse despojamento de tantas rosas lindas que enchiam o regaço de Bianca, êle viu como que o próprio despojamento dela, um sacrifício dos seus encantos juvenis às solicitações do claustro...

Notando-o, Bianca disse-lhe risonha:

— Ainda bem que chega! Vai ajudar-me...

Ele objectou com pesar:

— Sabe o que isso me faz lembrar, Bianca?

— O que é que lhe faz lembrar?

— Uma ideia triste. Não é verdade que a nossa alma é um variegado matiz? A vida, quando se é moço, é um alegrete florido. Cada sonho e cada ilusão téem a sua côr, o seu perfume e a sua beleza também. E vendo-a desfolhar tôdas essas rosas, Bianca parece-me que cada pétala que separa é qualquer coisa que arranca de si própria e deita fóra...

Bianca sorriu:

— O senhor é engenhoso, mas tem menos jeito para acertar. Não é capaz de dizer para que é que estas pétalas são.

Ele considerou um momento:

— Se fôsse na minha terra dizia que era para uma procissão. Creio que há hoje uma procissão...

— E' para a procissão, é: para a procissão do *Corpus Domine* que há logo e que o mau tempo não deixou fazer na quinta feira.

— Mas não compreendo essa selecção por côres...

Bianca levantou-se, colheu num arbusto uma varinha e pôs-se a riscar no chão. Traçou um grande círculo e dentro desenhou uma espécie de rosácea. Depois marcou as linhas com pétalas, encheu os vãos de cambiantes vários e ficou uma bela rosa colorida, como as da basílica ali defronte.

E explicava:

— Estas rosas vai o senhor ver logo pelas ruas onde passa a procissão.

— E' um costume lindo. Pena é que sejam para se pisarem. Pobres rosas!

— Mas, coitadinhas, dão graça à rua!

— Tem razão, Bianca. A humildade é também realce...

Bianca recomeçàra a sua tarefa, atufando os cestinhos de pétalas mimosas.

— Sabe, Bianca? — disse Vasco. — Vou hoje aos *Carceri*.

Ela olhou-o maguada.

— E a procissão? Mas então não quere ver logo a procissão? E' tão bonita!

— Vou cedo, em almoçando, e volto ainda a tempo. Dizem que três horas chegam.

E abalou a tratar do carro.

Êle andava há muito com vontade de conhecer êsse tão celebrado êrmo dos *Carceri*, poisado numa prega do Subasio. Giacomo prometera levá-lo lá; mas Giacomo ausentára-se, e tentado pela beleza da manhã, resolvera fazer sòzinho a ascensão do êrmo.

Prevenido, um *veturino* da praça foi logo buscar um carro próprio e depois do almoço Vasco meteu-se numa espécie de *aranha* leve puxada por um robusto animal, com fôlego para trepar as encostas ásperas.

Chovera nas vésperas e o ar tornára-se límpido, duma luminosa transparência. A terra refrescára com viços novos e estava um dia primaveril.

Para lá da Porta dos Capuchinhos o caminho insinuou-se maciamente entre altas searas loiras já maduras ; depois começou a altear e fez-se mais estreito e rugoso nas lombas graníticas da montanha. Para trás desenrolava-se o casario escuro da cidade dominada pela Rocca Maggiore. Graciosamente, ali pertinho, Santa Clara arredondava a bela ábside gótica, flanqueada pelo campanilo, fino como um caule estilizado.

A subida continuou, e sob a copa dum carvalho o carro deteve se para dar folga à égua suada. Daquêle alto descortinava-se a inviolada cêrca do convento das claristas e o desalinho pitoresco das velhas moradias claustrais, casebres negruscos com pequeninas janelas espreitando o pomar da cêrca.

O carro despegou marinhando vagarosamente pelo rude atalho. O piso duro crepitava sob as rodas e opunha resistência à marcha. A vista ganhava amplidão. Os vales cavavam-se em grandes golfões fundos até ao largo espraiamento na planície, e da banda da esquerda boleava-se para as alturas o dorso do Subasio vestido de giestas e ciclames e com manchas sombrias de bosques.

O *veturino*, sempre a pé, guiava diligentemente o carro, e condoído do esforço do animal, Vasco

atirou-se para o chão, resolvido a fazer também a pé o resto do caminho. Por cima da cidade grimpavam as torres trigueiras das igrejas e em frente alargava-se o oceano imenso da planura verde contida longinquamente por diques de montanhas. Perúsia torrejava nas eminências.

O *veturino* afagou docemente o flanco da égua.

— *Andiamo, Nina!*

E o carro rodou mais leve, na estrada cada vez mais áspera e tortuosa.

Enfim, ao tornear um cômoro, Vasco avistou uma vaga roliça de arvoredo tombando do alto para os precipícios dum vale. Sobranceira, mas afogada na onda verde, rompia a custo a mancha parda de um edifício tôsco. Era o êrmo dos *Carceri*. O carro ziguezagueou ainda por atalhos cascalhentos sob o sol ardente, até um pequeno cruzeiro. D'aii em deante corria a estrema do êrmo, balizada por muros baixos. Seguiram sob uma abóbada de verdura, onde foi delicioso entrar, e no fundo do fresco corredor, para lá dum arco, pararam a uma porta rústica. Vasco puxou a corda duma sineta e logo apareceu um fradinho velho. No interior clareou um pateozinho rústico com sua cisterna ao centro. Da rocha viva brotavam muros engelhados, fuliginosos das idades, delineando edificações informes. Lá dentro pareciam brinquedos de crianças as capelas, o côro e os oratórios. E tudo isto pendia para o

abismo que se escancarava em baixo, afogado em rôlos de verduras luxuriantes.

O fradinho dentro do seu hábito desbotado, e mal barbeado com um rústico, ia explicando tudo, muito prasenteiro e vivo. Era medíocre o interêsse artístico do *eremo*, mas de tanta rudeza e simplicidade exalava-se um perfume de candura ingénua, bem franciscana, que comovia. Os *Carceri* definiam uma feição particular de Francisco. Se S. Damião continha a piedade seráfica do cristão, se na Porciúncula dominava o espírito do fundador da Ordem, nos *Carceri* estava a sua alma de eremita e de contemplativo.

Ao lado da *chiesetta*, sob um alçapão, alguns degraus na rocha conduziam a uma furna, onde mal podia caber uma pessôa deitada. E o fradinho indicava um lagedo gradeado por leve rêde onde dormira S. Francisco. Mais adeante, ao ar livre, escancarava-se um boqueirão por onde se escapulira o demónio, estalando a pedra como um raio, depois de ter querido, baldadamente, tentar o Santo.

Viu logo ao pé as grutas dos eremitas. No fundo dum carreiro, sob escarpada encosta com penhascos aflorando, espreitavam os olhos escuros das cavernas, refúgio contemplativo dos primeiros discípulos de Francisco. Nêsses buracos húmidos, onde mal cabia um ser humano, tinham vivido no recolhimento e no êxtase, anos e anos, Bernardo de Quintavalle, Silvestre, Masseu, Rufino. .

Depois percorreu os bosques, sob as densas abóbadas de sombra deleitosa que deixavam penetrar a custo os raios do sol. De longe em longe respirava um cipreste acima das ramarias e nas balsas trilavam melros. O Apenino longínquo alteava as suas vagas côr de cinza. . .

*

Quando saíu de tarde, viu a rua já coberta de buxo e defronte da lojinha abría-se no chão uma rosa matizada de pétalas, tal como Bianca a desenhára no jardim. Mais longe, outras rosas estrelavam os seus raios multicôres, e havia jà nas rampas grande animação de povo que descia para a basílica.

Vasco entrou também na igreja. Os grandes sinos dobravam no campanilo e coavam, surdamente, através dos muros, plangências doridas.

Na nave imensa tudo se aprestava para a procissão. Corriam clérigos, fabriqueiros, religiosos e os irmãos das *confraternità*. Curiosos tomavam posição por detrás do gradeamento cerrado do cruzeiro e dentro das capelas das naves. Nunca êle vira tanta gente e tanta azáfama em Assis.

Molestado por aquêle ruído que o enervava, Vasco conseguiu escapar-se para o transeptum e trepou à igreja alta, deserta e morta. E lá em cima detevese nêsse cruzeiro de elegantes janelas góticas, onde

ninguém parava, que êle proprio não conhecia bem, porque as pinturas quase que haviam desaparecido e era o caos que ali reinava.

Olhou curiosamente os frescos em ruína e só então êle fez reparo no estranho aspecto daquela visão fantástica de fórmas apagadas : — corpos delidos de que só se pressentia a membratura ; atitudes incompreensíveis : expressões indeterminaveis ; cabeças que rompiam de máculas cancerosas ; tudo terminado e corroído por uma lepra devastadora.

A vasta figuração animada dessas grandes superfícies tomára tôda um aspecto de negativos fotográficos. Vultos deslassavam-se em plena corrupção, lívidos, espectrais, vesânicos. Os rostos ennegrecidos dentro das auréolas brancas, e como que chamuscados, mal denunciavam as linhas e contornos das feições.

Era uma lividez cerosa feita da maceração e do sofrimento de tôdas as côres, porque há seiscentos anos que aquelas tintas se decompunham e passavam por tons inverosímeis. As carnes pálidas e rosadas e tudo o que fôra claro ennegrecera ; os sombreados e tudo o que tivera coloração tornára-se, ao invés, duma côr de barro cozido. Parecia que uma chama passára por ali tostando as epidermes e foscando as expressões.

Ninguém parava nêsse cruzeiro porque nada ha-

via que ver nêle, mas esta agonia macabra da côr, de que só se livravam um pouco os azuis a os cinábrios ; estas figuras que o tempo ia denegerindo e apagando ; tôda esta pútrida gangrena seduzia a visão curiosa dum artista. O que fôra feito das auréolas d'oiro, das revoadas d'anjos, das virgens esguias e liriais ? Massas informes, irreconhecíveis.

Observou então melhor essa formidável *Crucificação* de Cimabue no transeptum sul. Vista num tal scenário de flagelo e de aflição, valia bem um cântico do *Inferno* dantesco.

O Cristo era um ser gavárnico, tronco forte, arqueado, torcido e lavrado por um musgo esponjoso, num fundo revolto de tempestade que lhe esfarrapava o sendal dos rins e fazia dos anjos aves sinistras. Só as figuras das santas mulheres tinham piedosas atitudes de resignada dôr; mas à frente delas, Madalena crescia violenta, erguendo os braços retezos acima da cabeça, e parecendo invectivar um grupo de homens excitados trejeitando convulsivamente.

Desviou os olhos e deu na outra parede com as scenas do Apocalipse. A visão redobrava de tragédia. Os vinte e quatro Velhos, barbudos, tiarados, em atitude curvada, tôda bisantina, pareciam reis bíblicos, orientais, com o seu quê de magos proféticos e um mistério enorme nos grandes olhos vivos.

Sòzinho nessa nave morta, que encarava Assis e não se abria nunca, quase invadida pelos ervaçais dum rossio tristonho, Vasco sentiu um frémito de terror. Os grandes sinos dobravam sempre, melancólicos e soturnos, numa toada lenta que lhe trazia à mente, no ritmo, os versos lúgubres de Dante:

Per me si va nela cittá dolente,
Per me si va nell'eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente.

Desceu febrilmeute a escada. Em baixo, na nave havia um borborinho e fulguravam lumes. O Giotto por cima do túmulo resplandecia com S. Francisco em glória. As arestas das abóbadas ardiam avivadas por linhas de lâmpadas eléctricas, como colares de pérolas doiradas, e tôda a pintura reluzia envernizada.

A procissão saía já. O povo apertava-se nás estreitas passagens das capelas, refluía para a nave transversa da entrada. Aí, junto da capela Albornoz, Vasco encontrou Bianca e Ambrogio Albanova que se tinham refugiado no fundo da nave, aguardando que a procissão saísse para a seguirem.

Vasco dispôs-se a acompanhá-los.

Foi um alívio quando se viram na praça. O cortejo estendia rampa abaixo a longa fila de eclesiásticos, regulares, e alas extensas d'irmandades envergando opas e velhos balandraus de antigos tem-

pos, com seus gonfalões de imagens pintadas. Os sinos dobravam sempre e sob as arcadas da praça baixa, gente mirava a *basílica* de damasco vermelho franjada d'oiro, os estandartes asteados, os grandes crucifixos cobertos por faixas de seda branca e os anjos com suas enormes asas abertas. Nos parapeitos da praça alta apinhava-se a multidão, e pelas rampas subia um formigueiro apressado de povo. O sol doirado na tarde clara dava côr e alegria a tudo.

Vasco, Bianca e Albanova tinham-se colocado atrás do cortejo num grupo discreto de devotos. Os sinos dobravam sempre e as antífonas ecoavam na voz grave dos padres à roda do pálio, sob o qual fulgia a custódia alçada por marfíneas e trémulas mãos surgindo da brancura sedosa dos damascos.

A procissão meteu ao burgo, enfiou pelas velhas ruas negras que Vasco via pela primeira vez com alguma animação. Das janelas pendiam colchas, choviam rosas e debruçavam-se figurinhas delicadas que êle mal entrevira, sempre atentas aos seus bordados.

Do solo subiam aromas acres de buxos pisados e de longe em longe floriam debaixo dos pés as rosas graciosas feitas das pétalas das rosas de Assis. Os gonfalões tremiam enfunados pela aragem.

Vasco sentia-se comovido atrás daquela procissão que marchava lentamente pelas ruelas íngre-

mes entre alas de povo humilde que se curvava e tinha os olhos enternecidos de fé. E na sua alma palpitava um dôce contentamento por se vêr também atrás daquêle cortejo, metido na multidão de gente bôa e simples, e repassado como aquêles crentes duma emoção religiosa muito pura. Olhava em volta e via entre os burgueses grupos de *contadini* que tinham subido dos campos à roda — êles, trigueiros, tostados, com uma vivacidade alegre nos olhos pequenos e espertos; elas, sérias, com essa gravidade do país umbriano que torna as mulheres pensativas, sonhadoras.

Sempre subindo, a procissão chegou à catedral. Os estandartes e os grandes crucifixos toldados de sedas voejantes, estacaram na praça de S. Rufino, frente ao Duomo. Vasco que seguira mudo entre a devota gente muda e com os olhos errantes pelo povo, pelas janelas, e nos vistosos pendões pintados, só na paragem da catedral pôde falar a Bianca, silenciosa ao lado do avô. O senhor Ambrogio afastára-se a cumprimentar um conhecido seu, um homenzinho grave de olhos de míope.

E enternecido, Vasco dizia a Bianca.

— Que linda que é Assis com as ruas tapetadas de buxo e de rosas, colchas garridas nas janelas, e êstes gonfalões pintados, estas asas de seda branca voejando acima das cabeças! E há, enfim, alguma vida!

— Nós gostamos muito de procissões. São os dias em que Assis se mostra.

— E se deixam ver as lindas flôres d'Assis...

— As mais lindas não se vêem! Estão guardadas em Santa Clara!

— E são tôdas bonitas as claristas? — preguntou Vasco.

— As mais bonitas flôres d'Assis é lá que estão. Se as visse rezando no côro? Suas cabeças estão cercadas de luz como as santas. Pois se elas são já santas! Hei-de cantar-lhe uns versos que as freiras me ensinaram.

— E é por ser bonita que Bianca quere ir para lá? Para ser também santa e ter uma auréola d'oiro?

Bianca còrou.

— E' porque o convento é bonito! Não gostava mais de viver com os anjos do que com os homens?

— Se gostava, Bianca! E é porque tenho estado ao pé dum anjo que me sinto melhor e mais feliz.

— E porque não entra para um convento, *amico mio?* O Giacomo vai... Depois da Porciúncula vai para S. Damião.

Vasco encarou-a sem compreender.

— Depois da Porciúncula?...

— Sim, o Giacomo faz na Porciúncula o noviciado e depois é que entra em S. Damião.

Tais pormenores deixaram-no atónito.

Entretanto o senhor Ambrogio deixára o homenzinho míope e viera juntar-se-lhes.

— E' o professor Pennachi — dizia. — Um valor mental d'Assis, o guardião dos arquivos comunais. Devem-lhe muito os estudos franciscanos. Anda aí dêle uma *Legenda de Santa Clara* e dentro em breve vai mostrar que Frei Elias não é tal de Cortona, como se diz, mas nosso concidadão. E verteu também o *Speculum*... O senhor tem êsses livros tôdos lá em casa.

Vasco lembrava-se de ter visto no voluminho do *Speculum*, que Bianca lhe dera, o nome do senhor Pennacchi.

A procissão deixava a catedral e punha-se em marcha. De novo se desfraldavam os estandartes e as grandes asas de seda dos crucifixos palpitavam ao vento fresco da tarde.

O sol descia, chispando nos oiros e nas sedas brilhantes dos damascos. O cortejo enfiou rua de S. Rufino e desembarcou na Praça Maior. Dobravam sempre os sinos. Os humildes campanários das *chiesinas*, dos hospícios e confrarias juntavam o seu festivo alarido ao clamor forte dos grandes bronzes do Duomo, da Chiesa Nuova e de Santa Maria sopra Minerva. E tôdo êste rumor sonoro desencadeava uma revoada nos céus, um tumulto confuso por cima das cabeças, por cima da cidade, tão silenciosa e calma sempre. Dir-se-ia que as vozes

lamentosas das velhas casas, das ruas êrmas do burgo acordado, vozes de rebate gritando e reboando no sobressalto alarmado dum perigo.

A procissão seguiu ruas abaixo, a caminho de S. Francisco pela via Principe di Nipoli. Os grandes sinos da basílica dobravam sem cessar num chamamento aflito e clamoroso. Os gonfalães tremiam mais vivamente nas aragens da tarde moribunda e adejavam mais altas as asas de seda dos crucifixos alçados.

Quando passaram deante da lojinha de *ricordi*, Vasco abaixou-se e apanhou um punhado de pétalas da rosa pisada e calcada. Depois a procissão enfiou à basílica. A multidão êntrou atrás, precipitou-se nos corredores das capelas, invadiu o cruzeiro até ao gradeamento de ferro que defendia agora o altar de S. Francisco. O Giotto resplandecia luzente e novo nas abóbadas. Ressoaram cânticos.

Bianca queria ver o que se passava no altar-mór, mas interpunham-se filas de gente. E logo, com essa rapidez italiana na mudança dos scenários, os clérigos desparamentaram-se, os irmãos despiram os seus hábitos, as luzes apagaram-se e a multidão debandou a correr e mergulhou nas velhas ruas. E o templo enorme ficou outra vez deserto e so no crepúsculo que descia, e Assis recaiu no seu silêncio de cidade morta...

Depois do jantar desceram ao jardim. O tempo serenára após as grandes trovoadas das vésperas, mas para as bandas de Perúsia o céu clareava-se de vez em quando de relâmpagos longínquos. O senhor Ambrogio, fatigado e sonolento, pouco se demorára, e quando D. Cesarina se retirou para as suas ocupações, ficaram sós, sob a claridade da porta aberta.

Nunca êle se sentira tão perturbado ao pé de Bianca. A excitação do dia realçára-lhe a beleza.

— Há tão pouco tempo que a conheço, Bianca, e é como se a tivesse conhecido tôda a vida. Sofro já, só de lembrar-me que terei de partir, de deixar Assis e deixá-la para sempre, Bianca. Porque, com certeza, não torno a vê-la!

— Andam nos sempre nos olhos aquêles que temos no coração.

— Creio que é mais certo o que diz um provérbio da minha terra; «Longe da vista, longe do coração.»

Da casa não vinha rumor. Bianca descansava uma das mãos no braço da cadeira. Vasco tomou-lh'a levemente. Ela não resistiu, abstracta, ausente.

— Mas a vida é assim, Bianca. Tôdos nós sonhamos um amor ideal. Tôdos nós temos uma Bianca nos nossos sonhos. E vem um dia em que o sonho se faz realidade. Porque êle chega sempre, êle não falta nunca o grande amor sonhado. Mas

antes não viesse. E sabe porquê, Bianca? Porque sempre o destino se compraz em nos pôr deante dos olhos o que os nossos braços não podem abraçar.

Ela continuava distraída, alheada.

— Bianca não entende esta linguagem. Nem a ouviu talvez ainda.

Ela acordou, respondeu:

— O Giacomo também me falava dêsse modo. Uma noite de luar estávamos lá em cima, à janela. Ele devorava-me com um olhar que me queimava, como o senhor me está olhando agora. Nisto passa Santa Clara com os anjos a caminho da basílica. Dou um grito, estendo os braços. Ele olhou, esteve muito tempo a olhar e depois disse-me que vira também passar a Santa. Desde êsse dia seus olhos tornaram-se mais dôces.

Vasco largou-lhe bruscamente a mão. Compreendera tudo.

— E' porque deixou de a amar como mulher para adorá-la como santa. Bianca é uma santa.

Levantou-se com um rumor confuso na cabeça e ia retirar-se quando ela lhe preguntou:

— E então não quere que lhe diga os versos a Santa Clara?

— Cante-os Bianca! Gostava mais de os ouvir cantados.

Ela hesitava, tinha medo que a ouvissem no recolhimento ao lado.

— Mas cante a meia voz !

Então decidiu-se. Num timbre doce, ensurdecido, que parecia vir antes da alma que da garganta, um fio de voz trespassou sinuosamente a solidão com um fino arabesco luminoso desenhando-se caprichosamente na treva. E a *laude* inspirada dum poeta de Tresentos refloriu do fundo dos séculos nos lábios frescos de Bianca e derramou o seu esquisito perfume antigo.

Santa Chiara, nova stella,
Sposa a Cristo molto bella,
Nostro esemplo e luce e via.

Santa Chiara, nova stella,
Alta vergine pulzella,
Di rosai' rosa novella
Che per tutto il mondo aulìa

Cristo in tua gioventute
Operó grande salute
Confermando la virtute
Del giglio ch 'n te fiorìa.

Stando fante delicata,
Tra le spine rosa nata.
A Cristo fusti desponsata
Da Cui 'l tuo amor venìa.

A voz puríssima, coada das transparências celestes, parecia tê-la espiritualizado e fazia de Bianca um ser diáfano, imponderável.

Trémulo e arrebatado, o artista vergára como deante de aparição sobrenatural e exaltadamente

seus braços elevaram-se para ela, estendidos em adoração.

Alguns momentos decorreram. Sentiu então um vago mal-estar, uma inquietação inexplicável, e volvendo os olhos ergueu se de chofre, atarantado, perturbadíssimo. No limiar da porta, Giacomo olhava sereno e mudo.

Ele não sabia que fazer, confundido, atordoado. Bianca não reparára em nada, extática. Depois correu para a porta, mas já não encontrou Giacomo. D. Cesarina, que vinha de cima, não dera por êle também. Entrára e saíra, provavelmente, pela portinha que havia na loja para o patim da escada.

Vasco precipitou-se para a rua, correu a S. Rufino. Giacomo não estava. Desesperado, voltou para casa e atirou-se sôbre o leito, ardendo em febre.

XIV

Ficára desoladíssimo, não tanto por alguns pecados de que a consciência o acusava, como pelo desespêro em que teria deixado êsse pobre Giacomo. O que êle não sofreria vendo-o aos pés de Bianca, na atitude apaixonada dum vulgar galan? E contudo nunca êle estivera junto dela com o coração mais puro do que nêsse momento em que lhe caíra aos pés, subjugado pelo fluxo de santidade que irradiava da alma cândida e virginal de Bianca.

E só então êle compreendera o que deveria ter-se passado em Giacomo. Esse rapaz, que certamente amára o esquisito lírio branco d'Assis com tôda a febre do seu espírito criado nas Legendas, reconhecera um dia que Bianca não era feita para o amor humano e que nos seus olhos de visionária ardia uma luz que ofuscava a imagem que um homem podesse ter deixado nêles. Bianca cedia à misticidade

ancestral que a repuxava tôda para o céu, para as visões aladas que lhe enchiam os olhos e a vida de fulgôr. Impotente, Giacomo teria desistido e mergulhado sombriamente num desespêro que êle ocultava e de que se não via senão o revérbero místico em que a paixão d'amor se transformára. No peito dêsse italiano lavrava de-certo um incêndio de que transparecia apenas a flama alta ascendendo para os cimos.

Todavia, embora Giacomo houvesse renunciado a Bianca, ter-lhe-ia sido humanamente impossível encarar sem zêlos a aproximação dum outro que ajoelhava aos pés daquela que êle não podia possuir. E era isso o que amargurava Vasco. O que é que pensaria dêle, do seu carácter e lealdade a alma recta dêsse rapaz que o acolhera de braços abertos e lhe dera tão boas horas de camaradagem espiritual? E torturava-o o conceito que a esta hora Giacomo fazia dêle e do seu indigno proceder.

E' verdade que êle algumas vezes pensára nela e construíra sonhos e erguera castelos d'ilusões; mas isso passára-se no círculo do fulgor da sua beleza, e fôra devaneio circunscrito dentro duma admiração de artista.

Pensou em escrever a Giacomo e deixar imediatamente Assis. Mas êle, com certeza, não o acreditava e tomaria êsse apartamento como fuga e prova clara da sua ingratidão.

Lembrou-se então de frei Silvestre. O bom franciscano seria o depositário dos seus pesares, e não lhe falaria com sua piedade e seu amparo nêste transe angustioso.

E abalou para S. Damião à busca do minorista.

Quando desembocou da Porta Nuova estremeceu de contentamento avistando o rústico frade que seguia estrada abaixo sopesando um grande saco. O bom acaso favorecia-o. Alcançou-o para lá do viaduto da estrada da circunvalação.

O minorista patenteou uma surpreza alegre, mas sombriou-se logo fazendo reparo no parecer transtornado de Vasco. E com franqueza rude, estacou, largou o saco e inquiriu bondosamente pondo-lhe uma mão no ombro:

— *Amico*, o que é que tem?

— Ia em sua busca, frei Silvestre — disse o artista com modo triste. — Era para lhe dizer umas coisas. Estou tão aflito!

— Creio que não quere descer a esta hora já. Conversaremos aqui mesmo.

E largando a estrada procurou junto das ruinas romanas um pedaço de muro, onde depôs o saco e se assentou.

Ouviam-se repicar os sinos em Santa Clara perto. O campanilo perfilava-se no fundo pérola do céu e parecia cantar, como uma cotovia d'asas abertas no ar. Eram os mesmos trilos melancólicos, toada sen-

tida por cima das searas loiras, dos grandes campos tristes que a hora luminosã da tarde enternecia.

E então, num repente brusco, Vasco abraçou-se a frei Silvestre, com lágrimas nos olhos.

O franciscano, sem espanto, como se esperasse aquêle desabafo, amparou-o suavemente.

— Então, *amico*, que é isso? E' a tristeza dos sinos que o comove? Quantas vezes me acontece o mesmo com saùdades doutros sinos que repicaram na minha infância.

E arrazavam-se também os olhos do frade.

— Preciso que me oiça, frei Silvestre! — exclamou Vasco. — Quero abrir-lhe a alma e receber as suas consolações!

O minorista levantou-se e considerou-o gravemente:

— E' uma confissão que pretendeis fazer, meu filho? Sigamos então. Ouvir-vos-ei na casa de Deus, e melhor inspirado, minha palavra terá mais eficácia.

Vasco recebeu um choque.

— Frei Silvestre, o senhor é um santo. Venero-o porque é um justo e porque o sinto melhor do que os outros homens. Importa-me pouco que seja um padre; basta-me saber que a mão que me estende é uma mão que eu posso beijar.

O franciscano replicou triste:

— Meu amigo, posso socorrê-lo como padre; como homem sou mais vil do que a lama vil.

— Mas então o senhor é só padre? — arremeteu Vasco com amargura. — A sua religião não lhe deixa abrir o seu coração d'homem?

Suavemente retorquiu o minorista:

— A minha religião é uma religião de humildes. Perdoe-me se o molesto, mas sinto nas suas palavras o aguilhão demoníaco duma rebeldia.

Vasco replicou duro:

— Nenhum poder da terra é capaz de me fazer vergar. Mas beijaria rasteiramente as suas pègadas, frei Silvestre. Quere-me mais humilde?

O religioso considerou com mágua.

— Senhor, a humildade cristã não tem dois critérios nem usa de duas medidas. A humildade cristã é só e em tôdas as circunstâncias — humildade, humildade apenas.

O artista sentiu que alguma coisa se quebrava nêle e baixou a cabeça.

— Tem razão, frei Silvestre. Perdoe-me que eu não sei o que digo nem o que faço. Seja então como quiser, contanto que me oiça.

O franciscano, compreendendo o desespêro de Vasco e vendo-o sucumbido, tomou-lhe a mão.

— *Amico*, tem aqui o peito que busca. Ande, desòprima-se, desabafe, se isso lhe pode dar alívio. E ânimo, que o nosso Francisquinho, que so-

freu também bastante, nunca deixou de estar alegre.

E tirando do saco um pacotinho de bolos, o franciscano poz-se infantilmente a comer um e deu outro a Vasco que o aceitou, sorrindo, e comeu também a guloseima para não constranger aquêle santo homem, cujo intúito caridoso êle alcançou logo.

— Isto é uma lembrança para frei Eusébio — explicava o frade, — um irmão vèlhinho e entrèvado que nós lá temos. Apeteceram-lhe bolinhos e vai ter um alegrão!

E reanimado por aquela jovialidade, Vasco Soeiro abriu-se:

— Frei Silvestre, o Giacomo considera-me o mais vil dos homens, e tem alguma razão, conquanto a não tenha tôda.

O minorista encarou-o aflito.

— Mas êle disse-lhe alguma coisa? Travaram-se de razões?

— O Giacomo não me disse nada, porque a sua caridade é maior do que o seu despeito. Mas julga-me mal, quere-me mal, frei Silvestre! Veja a minha desventura! Venho a Assis fazer a desgraça duma pessoa que me tratou tão bem!

Tranquilizado, o franciscano respondeu:

— *Amico*, tanto quanto me é lícito dizer, fique sabendo que o Giacomo não é seu inimigo nem tem

motivo algum para estar maguado consigo. E agora diga-me o que é que o aflige tanto.

Vasco começou a contar:

— Frei Silvestre, eu estou na via Principe di Napoli, em casa do senhor Ambrogio Albanova que tem uma lojinha de *ricordi*, pertinho da Basílica. Tem a lojinha e tem uma neta encantadora, a Bianca, um anjo lindíssimo com visões e propensão para santa.

O minorista abaixou a cabeça, dando a entender que lhe não era estranho o facto.

— Ora eu soube logo que o Giacomo gostava ou tinha gostado da pequena e devia ter evitado assiduidades, aliás inocentes, pode crer, frei Silvestre. Mas Bianca é uma criatura interessante e bela, que toca os corações mais do que os inflama, porque ela não é feita para o amor humano E eu, frei Silvestre, eu sou artista, aprecio a beleza...

— E apaixonou-se! — exclamou o franciscano, rindo. — Estes rapazes! Mas é natural!

— Frei Silvestre, Bianca é uma figurinha angélica como essas santas que ha por aí pintadas nas igrejas. Eu sou artista pintor que adoro o Giotto e os Primitivos. Vim de propósito a Assis para os ver, e surge-me esta encarnação viva de arte antiga, porque Bianca é a ressurreição dum fresco; é um anjo que se escapou da basílica e bate as asas cá fôra.

— Tem-lhe então muito amor? — preguntou o franciscano com gravidade.

— Oh, frei Silvestre, eu não sei bem o que é. Tenho por ela uma adoração, mais da alma que dos sentidos, porque ela não é uma mulher. Olho-a como uma visão d'arte que se animasse para a conhecer melhor... e gostar dela ainda mais. E' certo que a tenho encarado como visionária e mística, e não me perturbou tanto que a paixão por ela se sobreposesse à minha paixão por Assis. Mas, quando me sondo, sinto que se ela não é Assis é, contudo, a sua auréola e que tôda a beleza mística d'Assis não existiria para mim sem ela...

O franciscano declarou:

— Parece-me que não é uma paixão dos sentidos.

— Oh não, frei Silvestre, lá isso não! Nunca me lembro que ela é mulher. Adoro-a como adoro as santas aí pintadas nas igrejas e é talvez porque Bianca é uma santa que ela me impressiona tanto. Mas tenho escrúpulos, frei Silvestre; tenho a consciência alarmada, porque me parece que fiz imenso mal a Giacomo e pesa-me de fazer sofrer alguém.

O franciscano preguntou-lhe então:

— E é só por isso, por êsse escrúpulo, que anda aflito?

— Frei Silvestre, eu não lhe contei ainda o que me aconteceu e que me levou a vir ter consigo. Ontem andei na procissão com Bianca e o avô. Depois

de jantar fomos para o jardinzito, como de costume. Fiquei só com Bianca e conversámos. Confesso que estava um pouco perturbado. Mas a perturbação passou me, logo que percebi por algumas palavras dela o motivo por que Giacomo arrefecera. E eu arrefeci também, frei Silvestre! Bianca é um anjo inocente que só vê santas e não pensa senão em ir para freira. Ia-me já embora quando ela se põe a cantar a *laude* dum poeta antigo a Santa Clara. Não sei o que se passou em mim. Achei-a tão linda, tão angelical, e comovi-me de tal modo que me prostrei em adoração, porque nunca ela me parecera mais pura, mais espiritual e santa. Nisto, surge Giacomo à porta, vê-me aos pés de Bianca e some-se. Busco-o por toda a parte para lhe dar uma explicação leal e não o encontro. Compreende a minha aflição, frei Silvestre? O que não sofre êsse pobre rapaz e o que não supõe êle de mim, santo Deus! E juro-lhe, frei Silvestre, que eu estava deante dela como deante duma imagem!

O minorista olhava-o com bonhomia.

— Mas, como é que o senhor sabe que Giacomo gosta dessa rapariga e que o inquietavam as suas assuìdades junto dela?

Vasco considerou um pouco.

— Eu, a bem dizer não posso afirmar se êle gosta dela ou não, porque nunca me fez confidências. Foi pelo velho Ambrogio que tive conhecimento de

que êles eram noivos, e soube também por Bianca que Giacomo gostára dela. E' possível que êle não pense mais nisso, porque o sinto também muito inclinado ao claustro; mas, com certeza, não está tão curado, que possa ver impassìvelmente um intruso aos pés daquela que êle amou, porque eu estou convencido de que êle gostou dela. E como creio que Giacomo não ignora que eu estou ao facto das suas antigas assiduìdades, pode frei Silvestre imaginar o bom conceito em que êle me tem agora! E é isso que me aflige e desespera.

O franciscano pôs-lhe a mão no ombro:

— *Amico*, procure então o Giacomo e fale-lhe. E não vá preocupado porque êle não faz um mau juízo a seu respeito.

— Depois do que se passou ontem, frei Silvestre?

O frade respondeu com decisão:

— Sim, mesmo depois do que se passou ontem.

Vasco abraçou-se ao franciscano, comovido:

— Que bem que me faz, frei Silvestre! Como a sua alma sabe consolar! Ficaria com tanta pena se levasse d'Assis uma inquietação no espírito!

— E se tem inquietações aqui é porque não vê Assis como se deve ver.

— Mas é que Assis perturba, frei Silvestre! Perturba e desvaira quem mergulha nela e se deixa fascinar pelos seus encantos. Assis não é uma

terra como as outras. Tem o prestígio das Legendas; tem a febre dos seus artistas que lateja sempre e se comunica; e tem esta arte sortílega que, por tôda a parte, faz adejar revoada d'anjos e resplandecer madonas pintadas... E quando se encontra uma Bianca no caminho!...

— *Amico*, convem não ver sòmente Assis com êsses olhos. E' o que infelizmente fazem tôdos os que chegam. Deslumbra-os o esplendor criado em tôrno do Santo e esquecem que o nosso Francisquinho não pensou nunca nessas coisas e foi sempre um ser humilde que apenas quís resgatar almas e fazer gente boa. Eu bem sei que a vida do nosso santo Patriarca é uma fonte de inspiração sàdia para os artistas, mas não seria melhor que se colhessem, sobretudo, dessa vida os seus ensinamentos? As flôres são bonitas, mas dentro delas está o fruto, está a lição que alimenta o espírito. Da lição, porém, ninguém faz caso!

— Tem muita razão, frei Silvestre. Mas olhe que eu levo d'Assis mais alguma coisa do que simples impressões d'arte. Aqui aprendi a conhecer S. Francisco e basta tê-lo encontrado a si, frei Silvestre, para que a minha viagem não seja apenas um passeio artístico e dela colha imensos benefícios espirituais.

E deixando o minorista com um abraço, abalou estrada acima, mais desanuviado do que quando descera.

*
* *

Esta crise sentimental fez-lhe nascer um grande desejo de isolamento e de comoções d'arte que o distraissem. Não tornára a encontrar-se com Bianca que parecia também não dar por êle, e aguardando Giacomo levou alguns dias a percorrer os santuários dos arredores e as *chiesinas* históricas, à beira dessa estrada para Perúsia, a que os artistas gostam de chamar a estrada da Alegria Perfeita, em memória da lição célebre de S. Francisco, quando por ali passou num dia chuvoso d'inverno, a caminho de Santa Maria dos Anjos, com frei Leão.

Nunca deixava d'ir os seus bocados à Basílica para estudar o Giotto, e nessa tarde mergulhou na grande nave sombria da igreja baixa, disposto a passar algumas horas com êsses mestres seneses, cujas macias colorações de esmalte lhe davam a sensação dum veludo passando por cima duma ferida. Para um artista entristecido, uma visão terna d'arte é sempre bom remédio.

Êle vira já em Sena, ou Siena, no mais dôce dizer italiano, os seus famosos mestres Primitivos que disputavam aos de Florença certas prioridades renovadoras. Mas se o Duccio fôra mais fino e delicado, do que o Giotto, êste excedera-o em profundidade e realismo e mostrára muito mais psicologia e muito

maior vigôr e tumultuamento. Ambos inovadores, ambos dissidentes do hieratismo grego ; o Giotto, porém, modificára mais ousadamente e com um sentido superior do naturalismo as velhas usanças bisantinas, criando de jacto uma acção e improvizando vida e drama dentro duma scena inteiramente nova.

Na verdade, Duccio tinha nêsse famoso retábulo da *Maestà* pormenorizações curiosas de terna e sentida observação. A tragédia escapára-lhe porém, e tôdas essas «histórias», reconstituídas em sossêgo e sem febre, resolviam-se em scenas familiares, simples narrativas piedosas, ilustradas com sentimento fino e precioso. Onde a pulsação febril e giotesca das almas ? Dum lado, delicadeza e ternura : — lirismo. Do outro, virilidade e paixão : — tragédia. Tais as características que distinguiam a arte senesa da arte florentina.

Mas que sensibilidade requintada, que subtileza esquisita de sentimento nos pintores seneses, alguns dos quais — Simão de Martini e Pedro Lorenzetti — tinham deixado na basílica de S. Francisco tão deliciosas coisas !

E de novo Vasco Soeiro encarava Santa Clara de mestre Simão, rosada e fresca, os olhos pudicos, sonhadores, e a cabeça leve e airosa como cândida açucena, dentro da auréola d'oiro cinzelada de rosas e querubins.

O outro senês, mestre Lorenzetti afastára-se da graça e do langor feminino dos seus concidadãos, para seguir a Giotto na violência dramática das grandes scenas. Nenhuma Crucificação atingira tamanho vigor trágico como essa que êle criára no braço esquerdo do cruzeiro, espasmo agónico de três vidas sôbre o tumulto revolto duma tempestade humana. Mas mestre Pedro Lorenzetti quiséra também deixar ali um pedaço da alma da sua pátria, e dera à Basílica uma gentil Madona, irmã daquelas que lá em Siena resplandeciam nas *Maestà*. E logo por baixo da sua *Crucificação* pousára, como uma assinatura em boa caligrafia senesa, essa linda Madona dialogando com o seu *bambino*, entre S. Francisco e S. João Evangelista, num fundo d'oiro bisantino.

E então Vasco Soeiro considerava êsse estranho carácter que a escola de Siena tomara na basílica d'Assis sob a influência perturbadora de Giotto.

Os primitivos seneses que êle vira, alguns anos antes, na Catedral e no Palácio Público da velha rival de Florença, tinham-lhe dado sòmente um leve toque espiritual de forma preciosa, de graça dulçorosa e terna. As famosas *Maestà* de Duccio e de Simão Martini — os dois maiores mestres seneses — muito cheias e povoadas, pareciam-lhe apenas uma arte ideal e abstracta, suaves e frescas, sem dúvida; belas e superiormente executadas, é certo; mas sem o cunho da livre criação espontânea e o forte vinco

humano com que o Giotto o empolgára logo em Florença e Pádua. As madonas das *Maestà* não eram mulheres, mas figurações idealizadas da Mãe de Deus, esquematizadas tôdas sôbre um vago tipo hierático de convenção, para êsses cívicos retábulos apotéoticos da Virgem. Puras, formosas, com carnações de seda, de aristocrático e subtil encanto, mas sem relêvo de forma, sem frémito interior, sem paixão, numa palavra.

Mas eis que êle viera encontrar ali êsses seneses, com alma, com fervor, com psicologia. Santa Clara do cruzeiro não passava certamente duma bela imagem ideal, muito senesa no relevo exterior; mas se lhe minguavam ainda as formas, ardia todavia em sonho, e era já mulher. E Simão Martini fôra mais longe ainda. Incapaz nos conjuntos da vibração pujante de Giotto, que êle tambem seguira, concentrára-se na interpretação individual e soubera criar, muito melhor do que seus mestres, a elegância flexuosa da forma e conseguira fundir a virtuosidade senesa com a patética expressão florentina.

E deante da capela de S. Martinho, Vasco Soeiro mirava, entre as figuras gêmeas da volta do arco, pintadas em fundo azul dentro de góticas decorações fenestradas, o díptico encantador de Santa Clara e da rainha Santa Izabel da Hungria.

Ali Santa Clara era já outra: era madre, era aba-

dessa, era clarista. Mas Santa Izabel, que mulher! Sua figura real e majestosa perfilava-se, romana e máscula, com as roupas coladas às formas, duma beleza sensual e quente, quase pagã, quase cortezã...

Nestas cogitações se encontrava Vasco, quando lobrigou no fundo da nave o senhor Ambrogio Albanova que vinha, com uma caixa d'aguarelas, copiar frescos para as suas séries populares.

O senhor Ambrogio marchava triste e acabrunhado.

O artista contou-lhe a sua tarde com os mestres seneses. Estava há duas horas parado e resfriára naquela cripta subterrânea. Ia para casa.

O velho disse-lhe num ar compungido:

— Vai encontrar minha nora aflitíssima. Coitada! Bianca foi ontem à noite para Santa Clara e não voltou ainda. Tantas vezes vai que um dia fica lá.

Vasco sentiu uma comoção profunda.

— Mas ela deixa assim a casa? Deixa a mãe, a família?

— Minha neta não vive para nós, não vive para o mundo. O senhor deve ter notado que ela tem uma inclinação para o claustro. Bianca é uma criatura mística, uma alucinada, uma pobre visionária.

— Mas isso não é uma razão para que Bianca não volte, senhor Ambrogio! Não vai ela tantas vezes a êsse convento?

O velho abanava a cabeça.

— Não sei o que é que se está passando no mundo. D'antes Assis não era como é agora. Tinha S. Francisco, como tôdas as terras téem o seu patrono, e houve até um tempo em que a cidade quase que se esqueceu do Santo. Mas, de há um tempo para cá, Francisco conquistou de novo Assis, anda outra vez nas almas, anda metido em tudo e a gente moça de agora enche-se de febre por êle. Os conventos povôam-se como na Idade-Média. Assis volta a ser Ascesi!

Impressionado, o artista não quís ouvir mais nada e abalou para casa, trémulo e ansioso de pormenores.

Na lojinha deserta, D. Cesarina, assim que o viu, começou a carpir as suas máguas.

Não lhe dissera nada de manhã porque Bianca ficava às vezes no convento e recolhia cedo. Mas não tornára ainda e tinha um pressentimento de que não voltava desta vez. E lastimava-se, chorosa:

— Fugiu, voou! Eu sempre disse que ela um dia voava, ia-se embora! A minha filha não era como as outras criaturas. Só pensava no convento; não sonhava senão com freiras. Pertencia a Deus, foi-se para Deus!

Vasco inquiria, mortificado também.

— Mas ela não lhe disse nada, D. Cesarina?

— Ontem à noite, depois do jantar, ficámos um

bocadinho à janela, a tomar o fresco. Ausentei-me um nada e quando subi não estava já. Busquei as casas tôdas e nem sombra dela. Eu vinha de baixo; não a vi sair. Desapareceu, voou. Sempre disse que Bianca um dia voava, ia-se embora!

— E como soube a senhora que ela foi para Santa Clara?

— Pouco depois mandaram um recado prevenindo-me de que Bianca passava lá a noite. E a uma hora destas não voltou! Não voltou nem volta mais, *signore!*

E D. Cesarina, bela na tragédia da sua dôr, crispava as mãos convulsivamente, como uma daquelas mulheres giotescas que se desesperavam nos frescos da basílica. Êle, um pouco duvidoso da resolução definitiva de Bianca, e também para animar a desconsolada mãe, atalhava:

— Mas volta, D. Cesarina! Sossegue que a sua filha volta. Pois se não é a primeira vez que ela fica em Santa Clara!

— Não volta! Desta vez não volta! Andou por aí outra vez aquêle mendigo velho: «Flôr d'Assis, flôr d'Ascesi!» E' da basílica, *signore!* E' desta terra má, S. Francisco me perdoe!

Vasco olhava a rua solitária e calma no silênc tumular da cidade, e considerava:

— Quem hade dizer, uma terra morta, onde tudo parece morto!

D. Cesarina exaltava-se :

— Assis é uma pouca de cinza morta, mas os seus conventos ardem, são braseiros ! Oh, minha rica Perúsia, com tanta vida, tanta alegria lá no corso Vanucci ! Não me criei para uma terra destas nem gostei nunca de estar aqui. Assis meteu-me sempre medo e esta casa é um sepulcro, como a basílica aí defronte Eu pouco saio, mas não passo nunca nessas ruas negras que não me sinta agarrada. Porque Assis tem garras, *signore !* São as garras dos conventos que puxam, que levam minha filha, que levam Giacomo, que levam tôda a mocidade e que o hão de levar a si também, *signore !*

Vasco fez um movimento, como para defender-se duma invisível mão estendida :

— Ah, isso é que me não levam, que eu vou-me embora não tarda muito !

D. Cesarina baixava a voz, como se tivesse receio de que as coisas a ouvissem, e dizia-lhe sombriamente :

— Fuja, *signore !* Fuja d'Assis, vá-se embora se não quere ficar aqui para sempre !

Vasco, vencido por um terror supersticioso, olhava à roda.

— Lá isso é que vou, D. Cesarina ! Deixe-me dar uma explicação a Giacomo e abalo imediatamente para o comboio. Isto é febre, é contágio. Assis é uma armadilha para quem se demora aqui. Des-

graçado do que se deita a cogitar aí por essas ruas. Fica preso, «cai no laço» como diz frei Silvestre. Olhe o Joergensen! Olhe o mestre Michele Biondi!

E saiu porta a fóra, num desvairo, sugestionado pelo ar tétrico daquela mulher. Sentia a garganta presa como se o garrotassem. Vagueou ao acaso pelas ruas sem ninguém, meio alucinado, olhando com pavor os boqueirões de sombras que lhe metiam tanto medo como a velha casaria sinistra. Passava já dum mês que vivia em Assis e aquelas casas sempre cerradas retraíam-se hostís, no mesmo mistério tenebroso e esfíngico.

Nunca se vira tão só, isolado como um foragido naquela terra negra e soturna, onde conhecia apenas meia dúzia de pessoas que se alheavam dêle quando lhe não fugiam arrastadas por uma rajada de loucura, que era muito capaz de o levar a êle também. E veio-lhe o desejo de partir imediatamente ou ir meter-se num daquêles hotéis onde passavam tôdos os dias estrangeiros e gente alheia à cidade. Ali, ficaria ao abrigo das garras invisíveis que D. Cesarina sentia na sombra e que lhe parecia empolgarem-no jà. Onde viera êle meter-se? O que é que o tinha acorrentado alí? Tôdos passavam por Assis a correr, porque o burgo era tão pequeno que tudo se via num dia ou dois. Ele ficára, entranhára-se, amarrára-se àquêle sepulcro, com fantasmas erran-

tes e almas d'outros tempos, quase perdido no mesmo sonho vesânico da sua gente!

— Vou para o Giotto — monologava. — Vou para os franceses. Mudo de língua e estou com gente alegre, gente civilizada, e não hade haver là carpideiras a enervarem-me com terrores. Sinto-me já farto dêsse lúgubre casarão, da sua vista de ciprestes e dessa medonha basílica que começa a pesar-me também.

Nisto, viu-se na estrada de Santa Maria dos Anjos. Passára, sem dar por isso, a Porta de S. Francisco e deslizára encosta abaixo arrebatado por impulções febrís.

A tarde morria serenamente e estava quase a pôr-se o sol. A monotonia calma das grandes searas loiras, o horizonte desafogado e o ar livre e fresco dos campos acalmaram-no um pouco. Meteu à esquerda por um caminho abaixo das muralhas e tomou rumo ao campanilo de Santa Clara. O sol moribundo acendia nas vertentes do Subasio um clarão d'incêndio e tôda a cidade crepitava em chamas.

Mas bem depressa o sol mergulhou longinquamente nos fundos violáceos da campina rasa. O crepúsculo desceu e Vasco encontrou-se só na estrada que lhe parecia não ter fim e se afastava das muralhas. Já o campanilo de Santa Clara se adelgaçava, esguio como um cipreste no céu opaco. E com receio de internar-se nos campos e extraviar-

se nalgum bosquedo, resolveu voltar para trás e alcançar a estrada de Santa Maria dos Anjos que o levaria ao burgo.

De novo os terrores o assediavam, mais fortes no escurecer do dia. Em Santa Maria dos Anjos brilhavam algumas luzes e nas terras frescas das hortas coaxavam rãs. Enxergou então no lusco-fusco um vulto que se aproximava. Reanimou-se. Podia ser alguêm que recolhesse e soubesse encaminhá-lo. A certa distância distinguiu que era um frade e deu um grito d'alegria ao reconhecer frei Silvestre com um cabaz enfiado no braço.

O franciscano ficou muito admirado de o ver por aquêles sitios àquela hora, sózinho.

— E' Deus que o manda, frei Silvestre, porque se o não encontro não sei o que seria de mim. Meti-me por esta estrada arreliante e voltei para trás, com medo de me ir perder nos campos.

— Mas esta estrada finda mesmo defronte de S. Damião, e logo aí adiante tinha o senhor um caminho para a Porta Moiano. Eu acompanho-o até lá.

Frei Silvestre vinha de Santa Maria dos Anjos e trazia ali um bom cabaz de figos lampos. E trincando figos seguiram estrada adeante, sob o céu sereno, onde começavam a palpitar os astros.

— Frei Silvestre, se soubesse em que mísero estado vim parar aqui? Saí da cidade não sei por

onde. Deixei a hospedeira em lágrimas, porque a filha abalou-lhe para o convento de Santa Clara e é muito capaz de lá ficar. Eu não sou para isto, frei Silvestre, e nunca me vi em trabalhos dêstes! Ainda há bocado Assis me metia medo, por causa dos terrores trágicos daquela criatura.

— Mas as vocações religiosas são aqui freqùentes, e êsse caso da filha da sua hospedeira é um caso vulgar.

— Vulgar para si, frei Silvestre; vulgar para Assis. Na minha terra era um fenómeno, e é por isso que tôdas estas coisas me espantam e atordoam.

Aproximavam-se da Porta Moiano. Na cidade brilhavam frouxamente pequeninas luzes isoladas; as muralhas cingiam o burgo como panos fúnebres estendidos. Pirilampos fosforejavam à roda.

— Frei Silvestre, nunca teve medo de andar aí de noite por êsses caminhos, sòzinho?

— Medo? Nunca tive medo quando lá na Marca atravessava os bosques de San Severino, e havia de ter medo aqui na terra do meu Padre S. Francisco?

— Mas é que isto apavora! Olhe essas muralhas e o casario negro que nem carvão!

Passaram a Porta Moiano. O franciscano acompanhou-o ainda até à praça do Bispado e quando se despedia deu-lhe uma boa novidade:

— O Giacomo chega àmanhã do Monte Alverne.

Depois obliquou à direita para a banda de Santa Clara. Vasco meteu pela via Garibaldi. Em casa encontrou D. Cesarina sem um queixume, pálida e seráfica no seu vestido preto.

Bianca não voltára.

XV

Quando Vasco entrou na pequena quadra da lojinha, poiso constante de Bianca, confrangeu-se-lhe o coração. A avezinha alegre fugira da gaiola d'oiro. Frio, sem alma, êsse retiro era como que a edícula vasia donde arrancaram uma imagem. As santas doiradas de frescos e retábulos lá continuavam suspensas nas paredes, mas tristes e embaciadas porque se fôra o sol que lhes dava brilho.

Aproximando-se dum contador, viu desdobrado um linho com o episódio, em ponto d'Assis, de S. Francisco prègando às aves, cópia do fresco de Giotto. Reconheceu o bordado que, em ar de graça, lhe pedira e vendo-o estendido, como que a oferecer-se-lhe, compreendeu que Bianca o deixára ali para êle o ver e levar, porque ela sabia que êle não abalava d'Assis sem se despedir daquêle cantinho.

— É para mim! — murmurou. — Coitadinha, não

se esqueceu! Não se quís ir embora sem me deixar uma lembrança! Querida santinha!

E comovido, arrebatou o pano, beijou-o, levou-o ao peito.

Na lojinha estava D. Cesarina, muda e sucumbida, por detrás do mostrador. A doce mulher ou se conformava ou moía surdamente o seu desespêro. Grave, silenciosa, mais seráfica e marfínea no vestido preto, a lojista perdera aquêle langor suspiroso que às vezes arrancava chispas de volúpia do seu corpo elástico ainda fino e com viço.

Vasco respeitava-lhe o esquivamento e não tornára a preguntar-lhe pela filha. Mas, quando saía, sensibilizado e numa crise de ternura, consolou-a:

— Não sofra, D. Cesarina! Bianca é um anjo! A sua filha é santa! Ainda a senhora ha-de ir para o claustro, para ao pé dela, como foi Dona Ortolana, a mãe de santa Clara, que passou o mesmo quando a filha lhe fugiu. E eu não vou também para um convento, não sei porquê!

D. Cesarina ficou-se, calada, a remoer a sua dôr.

Saiu na ideia d'ir a S. Rufino procurar o Giacomo e abrir-se-lhe, ter uma explicação final, para não deixar Assis com o pesar dum sofrimento atrás.

Desceu as rampas e como era ainda cedo entrou na basílica para passar o tempo. Quando mirava o púlpito, no fundo da nave, deteve o um fresco quase

apagado, representando uma religiosa. Era Jacoba de Settesoli, aquela nobre dama romana, tão grande amiga de Francisco que quisera ser sepultada ao pé dêle. No velho e gasto fresco sobressaía apenas a cabeça envolta no manto de terciária, com um anjo voando ao lado.

Dissera uma vez o Santo que mulheres só encarára a duas; só a duas olhára no rosto: Jacoba e Clara. E elas ali estavam ambas de guarda ao túmulo, tão fieis na morte como na vida.

E de Jacoba o artista passava para a outra, santa Clara do cruzeiro, que êle ia ver pela última vez, sempre bela e pura na auréola d'oiro cinzelada de anjos e de rosas.

Quantas confidências não recebera ela nos seiscentos anos que ali era olhada, desabafos de corações contentes ou de corações feridos que nessa imagem relembravam um amor ainda ardente ou um amor que se apagára já? Porque essa santa parecia ter sido pintada ali, tão esplêndida e radiosa, só para evocar o amor e a vida ao lado dum túmulo e das cinzas dum morto. E, oh maravilha, essa imagem tão perfeita, exprimia admiravelmente o amor puríssimo e a vida perfeita dêsse morto!

Despertou-o um ruído de vozes da outra banda do cruzeiro. Voltou-se. Estremeceu, teve um sobressalto, reconhecendo Giacomo que vinha da sacristia ao lado do padre Alberto, um franciscano conven-

tual, azougado, com asas nos pés, que lhe tinha já mostrado o Sacro Convento.

O franciscano despediu-se, rodopiou vertiginosamente para a sacristia e Giacomo enfiou nave abaixo. O artista saiu-lhe ao encontro e quando se encararam, rompeu uma dupla exclamação:

— Vasco!

— Giacomo!

Giacomo chegára da Verna. Aquêle monte Alverne, cada vez que lá subia, retinha-o sempre uns dias. Vasco lembrou-me de que o Alverne era um calvário e por isso Giacomo o preferia para sofrer...

Embaraçado, o artista declarou:

— Ia agora mesmo procurá-lo, Giacomo. Tenho andado aí entretido a fazer horas...

Giacomo disse também, um pouco sucumbido:

— E eu ia a casa do senhor Albanova, à sua busca.

O artista notou um acento estranho naquela voz, e informou:

— Em casa d'Albanova é agora uma tristeza. Não sei se sabe que Bianca foi-se, abalou para o convento das claristas e não voltou. D. Cesarina consome-se de dôr e está inconsolável.

Giacomo olhou-o nos olhos;

— E o senhor também!

Vasco encarou-o espantado e disfarçando, atalhou:

— Pois quem não ha-de ter pena? Tão nova, tão interessante! E ao senhor ainda lhe deve custar mais! Conhece-a há muito mais tempo do que eu...

Giacomo não disse nada e Vasco, sempre hesitante, venceu o embaraço, entrou na questão principal.

— Giacomo, eu queria falar-lhe. Estou ainda em Assis até por isso, à espera que o senhor viesse. Não queria partir sem lhe dar uma explicação leal.

Silenciosamente, como por íntimo acôrdo, encaminharam-se para o claustro do cemitério. Vasco ia dizendo:

— Frei Silvestre é que me tem valido nêstes dias. Não pode supôr em que estado fiquei depois daquela noite em que me foi encontrar com Bianca no jardim. Como deve julgar-me mal, Giacomo!

O outro respondeu:

— Pois se o senhor gosta dela!

— Oh meu amigo, entenda-me bem! — arremeteu Vasco precipitadamente. — Conheço já Bianca, sei como ela é. A pequena é uma visionária e só vive para as suas santas e com a ideia fixa do claustro. Adivinhei logo que ela não era feita para o amor humano e só como artista a admirei. Não gostei dela como supõe!

Giacomo ripostou com força:

— Pois eu gostei!

— Sabia-o, Giacomo! Sabia que gostava dela.

E amargamente me arrependo das minhas assiduìdades que tanto mal lhe devem ter feito. E por vê-lo tão alheio, tão arredado, é que eu fui talvez assim... Mas pode crer, Giacomo, que a adorei como a uma santa e naquela noite nunca ela foi para mim tão santa. Devia-lhe esta explicação leal. Pense o que quiser, a verdade é esta.

Iam atravessando uma quadra escura para lá da capela Albornoz.

Giacomo parou de súbito e articulou num tom resoluto:

— Pois eu tenho também uma dívida para consigo e é tempo de a pagar.

Giacomo falára com tão sumida voz e tão sombriamente, que Vasco compreendeu que aquêle amante despeitado, ardendo em zêlo feroz, ia apunhalá-lo ali na sombra, num dêsses ímpetos enraivecidos da alma italiana sedenta de revindita e de violência. E muito pálido, sem ânimo para esboçar sequer um gesto de defesa, encomendou sua alma a Deus.

Então Giacomo, num movimento brusco, arremessou-se-lhe aos pés, beijou-lhe humildemente os pés.

Atónito, Vasco tomou-lhe a cabeça, agarrou-lhe os ombros, levantou-o à força.

— Giacomo, por Deus, o que é que faz? Oh Senhor, mas eu é que tenho a pedir-lhe perdão! Oh, Giacomo!...

E abraçando-o, sem poder falar, desatou num pranto convulso. Depois apartando se, olhou para êle, viu-o tão sereno, tão grande naquela humildade, que a alma radiava-lhe, rompia para fóra, envolvia o numa auréola de esplendor sagrado. E bradava-lhe com lágrimas, num acento de comovida sinceridade :

— Giacomo, o senhor é santo ! Meu Deus, não há senão santos e eu sou um miserável !... Mas porque foi isto, meu amigo ?

Giacomo respondeu com calma :

— Foi porque o quís matar.

E de novo Vasco Soeiro via nêsse rapaz a violência antiga da raça, povo contra povo, burgo contra burgo, desvairo alucinado que volvia em mística exaltada pela graça persuasiva da humildade do *Povorello*.

E Giacomo continuava :

— Sofri tanto que o quis matar. Salvou-me frei Silvestre. Salvou-me Deus e S. Francisco. Mas sofria tanto ! Agora estou contente, estou tranquilo, e já não sofro porque sei que Deus me perdoou, e o senhor também.

E, como dantes, Giacomo sorria, sereno e bom.

— Compreendo o seu desespêro, meu amigo, mas eu não gostei de Bianca como o senhor supôs !

— E eu imaginei que o senhor gostava dela como eu gostei. Depois que o desvairo me passou

e que Deus se serviu salvar-me, acariciei até a esperança de os ver a ambos felizes...

— Oh, Giacomo! — exclamou Vasco comovido.

— Mas Bianca não nasceu, como o senhor notou, para o amor humano, e ainda bem que não se prendeu tanto que viesse a sofrer como eu sofri.

— Grande era então o seu amor por ela!

Tinham rodeado o claustrozinho e estavam junto das velhas arcas tumulares. Giacomo expandia-se:

— E' certo que amei Bianca com paixão. Não tive outros amores nem outra mulher me cativou. Saiu-me do perfume das Legendas e da febre em que elas me lançaram. Eu ia muita vez à lojinha de *ricordi* por causa dos opúsculos de meu pai. Vi lá Bianca e gostei logo dela, daquêle ar cândido e puríssimo como as imagens das santas, porque Bianca é uma dessas virgens pintadas que, por milagre de Deus, se animou d'entre as outras virgens doiradas da lojinha. Bianca gostava de ver-me e percebera que se eu lhe levava as santas pintadas era por não poder levá-la a ela. Duma vez disse me: «Leva-me tudo de que eu gosto; um dia leva-me a mim também!» Era a tentação. E veio-me o desejo ardente de a levar como às outras. Breve reconheci, porém, que Bianca não passava de aparição celeste e só tinha de humano a forma. Seus olhos erravam pelo céu, penetravam o céu e recolhiam cheios de visões...

— Foi o que eu também vi logo, Giacomo.

— Uma noite de luar, estávamos ambos à janela defronte da basílica, Bianca tem um espasmo, atira os braços, vejo romperem-lhe asas e quase erguer um vôo para santa Clara que ela via nos ares, numa revoada d'anjos. Desde então deixei de amá-la como mulher para adorá-la como santa.

— E' uma santa! Tudo aqui é santo! — exclamou Vasco.

Giacomo continuava:

— Depois veio o senhor. Eu soube logo da sua chegada, e abrazado em zêlos renasceu de súbito o antigo amor, mais forte. Tomei-o, e disso lhe peço perdão, por um espírito vulgar, um aventureiro sem escrúpulos, que aproveitaria as facilidades dum convívio íntimo para cortejar Bianca e seduzir a inocente. Perdoe-me! E' uma coisa tão comum! E eu estava loucamente apaixonado! Tive-lhe então ódio, um ódio tão grande que deixei Assis só para o não ir matar mesmo a casa dela!

— A paixão desespéra! — desculpava Vasco.

— Foi frei Silvestre, meu confessor, que o salvou da morte ao senhor, e a mim de dois infernos, o desta vida e o da outra. Foi também Deus que o fez encontrar com frei Silvestre. Logo nessa tarde, em S. Damião, o santo homem, que sabe ler nas almas, viu que o senhor não podia ser como eu supunha. Sosseguei então, fui para o monte Alverne

fazer penitência dos juízos temerários que me tinham levado quase até ao crime, e quando voltei era já outro, tal como lhe apareci a primeira vez em casa de Bianca. Quís conhecê-lo logo, e vi confirmados os juízos de frei Silvestre. Mas quantas crises súbitas de que ninguém suspeitava! Saía então de Assis e vinha melhor. Vinha melhor e cada vez mais voltado ao céu...

— Eu reconhecia-o, Giacomo! Pressentia-lhe a vocação. Eram tão transparentes suas palavras!

Atravessaram lentamente o prado e perto da estátua de S. Francisco, lembrando-se da conversa que ali tivera com Bianca, Vasco sentiu remorsos e envergonhou-se de estar a ouvir aquela consciência que se lhe dava tão sincera, quando a sua se retraía. E desabafou:

— Giacomo, tenho também as minhas culpas...

— Não diga nada! Fôram bem lavadas no encontro que teve com frei Silvestre, na estrada de S. Damião.

— Oh, Giacomo, então sabe?

— Foi isso o que me apressou a vir pedir-lhe perdão. E' um carácter, um coração leal. O arrependimento sincero resgata tudo! E demais, suas culpas fôram leves.

— Mas não deixam de ser culpas!

— Tudo passou, meu amigo, Bianca não é já

dêste mundo; está num claustro, pertence a Deus. Bianca é uma santa, adoremo-la como uma santa.

— Pois bem, Giacomo, adoremo-la como uma santa e esqueçamos as vis paixões humanas.

E congraçadas as almas, os dois amigos abraçaram-se num amplexo forte, duradoiro.

Giacomo falava agora do claustro e participava-lhe a resolução decidida de se fazer franciscano. Já nêsse outono iniciaria o noviciado.

— E está inteiramente seguro do seu coração, meu amigo? — preguntou Vasco.

— O que o coração me pede não é o amor humano. Isso foi apenas um episódio, uma rebeldia da carne em que ela ficou vencida, porque o meu espírito teve sempre tendências altas. Tôda a existência marcha numa direcção...

— E essa direcção?

— Essa direcção é para mim a vida conforme à lei de Deus.

— E' um tocado pela graça, Giacomo.

— Não sei o que é, Vasco. E' o sentido da minha vida. Atravessei uma borrasca e agora o céu aparece-me mais limpo e belo...

— Adivinhei logo no senhor um místico, desde a primeira hora em que lhe falei!

Giacomo sorriu.

— O misticismo é moda! Eu não sei se sou um místico. Se há em mim uma ascese, ela não me

convulsiona muito. O que é na minha alma a religiosidade? Uma coisa suave e leve. Estou como um dêstes namorados felizes que sentem no coração a doce ebriedade dum amor compartilhado. Tive as minhas crises, é certo, mas agora deslizo num mar de rosas. O ar sabe-me como um néctar. As paisagens enternecem-me, e quando cruzo o portalinho dum dêstes conventos umbrianos, penetra-me aquela emoção que os velhos narradores de Legendas tão acertadamente compararam à cêra que se derrete.

— Uma vocação!

— Foi S. Francisco. Foi o seu divino e amoroso espírito. Pois se tudo isto, se tôda esta beleza é êle! A verdade é que se há deante de cada destino um caminho aberto, como creio, êsse caminho é para o meu a estradinha rude dum êrmo franciscano.

Vasco suspirava:

— E' um lindo ideal é!

Giacomo sorria sempre:

— Não sei se é bem um ideal. Um ideal pareceu-me sempre uma coisa complicada a que se aspira com ânsia, com febre, e que não se realiza nunca. Ora eu vivo já em plena realização... Sinto-me escorregar sem custo; abro a pouco e pouco os olhos e reconheço-me. Sou pois conforme à minha natureza. O que faço é integrar-me, abrir os braços, sorver a vida que se me oferece...

A' porta da basílica separaram-se. Giacomo en-

fiou para o Sacro Convento, ao lado, e Vasco meteu rampa abaixo, sem rumo. Tinha sêde de acção, um desejo febril de movimento e de bulício. Na correnteza da arcada, de ao pé do seu carro, brilhante e gazil lhe sorriu o olho azul do *veturino* que o levára aos *Carceri* e às *chiesinas* históricas dos arredores. Vasco meteu-se no trem e mandou bater ao acaso, para S. Damião, o primeiro destino que lhe ocorreu.

— *Subito! Subito! Carissimo signor mio!* — E pulando à boleia, leve e esperto que nem gamo, o *veturino* estimulou a sua égua:

— *Andiamo, Nina!*

E na festa estralejante do chicote, o carro passou de escantilhão o arco da praça, meteu à rua XX de Setembro e só afrouxou para lá do hotel Giotto, na ladeira da fonte Marcella de mestre Galeazzo Alessi.

Contente ia Vasco também. Nunca êle sentira um prazer tão grande em percorrer aquelas velhas ruas, como nesta manhã serena, enternecido por comoções suaves. Era como que uma reconciliação com Assis que na tragédia das suas atribulações chegára a parecer-lhe sinistra, — ela que tinha tão bôas, tão grandes almas. De novo o empolgava a doçura mística que subia dos vales umbrianos à roda, entrevistos das bocadas das ruas até ao fundo vago das montanhas azuladas.

Na praça de Santa Clara desceu para almoçar no

pequeno restaurante Roma, quase junto da basílica, em cujas mesas se viam engraçadas cerâmicas de Deruta. Depois o carro seguiu pelo arco da Porta Pucci. No viale Mazzini levantava-se o mercado e havia ainda fieiras de leitões e porcos assados, que atravessados de ponta a ponta por um pau, eram vendidos às fatias. O carro ia devagar. Uma mulher meteu-lhe à cara um taboleiro com pequenas majólicas de Gubbio. Colheu algumas peças só para ver rir de alegria os olhos da mulher e ouvir-lhe ciciar nos lábios a caricia musical e graciosa dos *Grazzie! Grazzie, signore!*

Nos terrenos fundos da Porta Nuova bulia uma feira de gado. Tôda a cova até à estrada de Spello formigava de boisinhos e vacas brancas, da linda raça do Clitumne que faz alvos os que bebem das suas águas. Mas lembrou-se de que Bianca estava perto e odiou o borborinho. Mandou voltar, e seguir a passo ao longo dos muros da cêrca do convento.

Perto da Praça Comunal, desceu e entrou na Chiesa Nuova, modesta igreja construída no século XVII sôbre a casa paterna de S. Francisco. Da velha moradia medieval só restava lá dentro um cárcerezinho escuro, onde Pedro Bernardone prendera o filho, desesperado de o vêr andar nas ruas, miserável e pedinte e apupado pelos garotos. Colheu uma rosa no altar para uma alma amiga e saiu para ver logo abaixo, num *vicolo*, o oratório de S. Fran-

cescuccio. Ali, rezava a tradição, Dona Pica, como a Virgem Maria, dera à luz num estábulo seu filho Francisco.

Depois mandou bater para a via Giorgetti. Queria dizer adeus a mestre Michele Biondi. Mas o pintor não estava, e logo adeante parou para mirar a velha casa de Bernardo de Quintavalle, o simpático assisiata convertido por Francisco e que trocára a sua rica habitação por uma gruta nos *Carceri*. E logo os olhos se lhe fôram para a linda madona senesa que mestre Pedro Lorenzetti pintára naquêle recanto do burgo medieval, e que há seiscentos anos alegrava a tristeza lúgubre dum beco com o seu eterno sorriso doce...

*

Era uma terça-feira e tinha já marcado a partida para o dia seguinte. Confrangia-o a silenciosa dôr de D. Cesarina inconsolável e muda nêsse velho casarão, d'onde fugira, com a divina graça e a mocidade fresca de Bianca, a única vida que êle tivera.

De tarde foi a S. Damião despedir-se. Mais velhinhas lhe pareceram as velhas oliveiras gastas, na saüdade que ia já sentindo da sua companhia por aquêles caminhos abençoados. Na *chiesina* andava um moço frade guiando forasteiros, e Vasco meteu para o interior à busca de frei Silvestre. Não o en-

controu na cela, e antes de o procurar na cêrca passou pelo Claustro das fontes e ali lhe disse um religioso que o seu amigo fôra de manhã para Foligno, ignorando se voltaria ou não no dia seguinte.

Vasco recebeu a notícia desolado e desceu à cêrca para olhar uma última vez aquêles lugares amados que tanto bem lhe tinham feito. O casarão do *lanificio* mostrava junto à cimalha a correnteza das pequenas frestas de cela, e para a banda de cima cerrava-se a mata ennovelada de carvalhos. Tinham mais tristeza os ciprestes elegíacos e sòzinhos na horta deserta. O convento parecia morto. Com o coração opresso, saiu d'ali, trepou à biblioteca, na esperança de encontrar frei Ubaldo. O sábio minorista estava com Don Gregorio Frangipani, um beneditino alegre que se dizia descendente de Jacoba de Settesoli e que lhe recitára já versos heroicos no mosteirinho de S. Pedro, para lá da Porta de S. Francisco. Frei Ubaldo, êsse não sabia nada de frei Silvestre, e depois de escrever duas linhas comovidas ao seu bom amigo ausente, Vasco deixou S. Damião, subiu lentamente as encostas, na tarde enternecida que lhe parecia mais triste através da sua mágua.

Ia pensando em dar ainda uma saltada à via Giorgetti, quando avistou na Porta Pucci um velho com um bordão e um saco a tiracolo, que lhe pareceu mesmo mestre Michele Biondi. Apressou o

passo. Era êle. Alcançou-o junto à basílica das claristas.

— Mestre Michele, estive já hoje na via Giorgetti e pensava em tornar agora lá, quando o avistei. Deixo àmanhã Assis, queria dizer-lhe adeus. Não nos tornamos a ver talvez...

O florentino parou, encarou o:

— Quanto tempo esteve o senhor aqui?

— Passa já dum mês que vim, mestre.

Michele Biondi considerou-o com espanto.

— Um mês? Pois o senhor está em Assis há já um mês? Então, com certeza, volta.

— E' possível, mestre! — disse Vasco sorrindo.

— Volta e ficará — acentuou com gravidade o florentino.

Risonho ainda, mas um pouco inquieto já, Vasco exclamou:

— Que me diz, mestre Michele?

— Digo-lhe que volta. Volta uma vez, torna segunda — e fica.

O tom decisivo, em ar profético, do velho pintor perturbou-o.

— Não me diga isso, caro mestre, que me mete medo. Gosto muito de Assis mas não me apetece nada ficar aqui. De mais, levo uma mágua no coração...

O velho casquinou uma risada:

— O que o senhor leva no sangue é a febre desta terra! Um mês! Um mês d'Assis é a intoxicação completa. Ah, meu caro amigo, o senhor deixou-se logo pilhar! Só isso explica que se demorasse tanto e esteja ainda aqui.

— Mas vou-me embora! Amanhã abalo já!

— Vai, mas volta.

— Vi tudo, mestre. Vi tudo bem. Sei Assis de cór e salteado e não tenho necessidade de cá voltar.

O velho não o ouvia e repisava escarninho:

— Um mês! Pois o que podia dar Assis num mês aos seus trinta anos?

Vasco hesitava;

— Há tanta coisa bela, mestre! Eu gosto de ver as coisas com vagar, meditá las, entranhar-me...

— Elas é que se entranham em nós, meu pobre filho!

— E encontrei amigos, boas criaturas, almas interessantes... Mas também é certo que me soube bem o encanto místico desta terra.

— Isso, isso é que o prendeu! — exclamou o florentino. — Não há senão a mística d'Assis actuando por detrás das coisas e das almas. O senhor leva o virus, vai marcado. Olhe, d'aqui a algum tempo Assis esquece-lhe...

— Lá isso não, mestre Michele!

— Escute! Assis esquece-lhe, passa-lhe. Um dia começa a sentir qualquer coisa que o inquieta

e que o senhor atribue a tudo menos à sua verdadeira causa. Sente-se triste. Desencafúa as trapalhadas que levou d'aqui. Revê os Primitivos. Recorda os conventos, as paisagens, a serena paz dos campos. Não lhe digo mais nada!

Com uma pontinha d'orgulho, Vasco replicou:

— Mestre, olhe que no meu país também há campos lindos e paisagens maravilhosas!

— E lembrou-se disso aqui?

Vasco còrou e disse embaraçado:

— E' porque não me apartei de tôdo e contava estar de volta, breve.

— A causa não é essa, meu amigo. E' porque acima do amor pátrio está o sentimento colectivo da raça que nos puxa do fundo dos séculos. A Itália é a mãe latina. E há Roma, há S. Francisco, os Primitivos. E há o Giotto!

Na Praça comunal pararam. Despediam-se.

Vasco abraçou o florentino, sorrindo:

— Visto isso, não lhe digo adeus, mestre Michele...

— Mas até à vista, até breve. E quando voltar tem a minha oficina às ordens. Via Giorgetti, fresco por cima da porta, a tôda a hora...

O florentino enfiou por um *vicolo* junto aos correios, e Vasco desceu a via Brizzi em direcção a casa. Não deixára de o preocupar a scisma de mestre Michele e veio-lhe à ideia aquêle risinho

sarcástico de frei Silvestre e o seu dito que soava como a mola pérfida que se desprende num engenho ardiloso: «Caiu no laço!»

*

No dia seguinte levou a manhã tôda em preparativos. Depois saiu e foi a S. Rufino. Giacomo não estava em casa e nem mesmo em Assis. Deixou bilhetes para o pai e para o filho e depois, na praça baixa de S. Francisco, preveniu o *veturino* de olho azul e vivo que o fôsse buscar à lojinha de *ricordi* para o comboio da tarde.

O cocheiro, assim que soube que era para se ir embora, ergueu os braços, mostrou pena e pasmo. E então êle deixava Assis quando iam começar as festas, as grandes festas do centenário e caía na cidade o poder do mundo?

— *E viene il Papa, signore! Viene il Papa di Roma!*

Se não era hipérbole, o ingénuo *veturino* fazia confusão com o legado do Papa que, segundo a voz corrente, viria a Assis abrir as festas do centenário franciscano.

E o bom moço lamentava.

— *Che peccato! Che peccato!*

— E' uma pena, é, amigo Vitorino.

Ignorando-lhe o nome, êle chamava-lhe Vitorino

E subiu as rampas, pensando que era talvez aquêle rapaz prestadío a única pessoa que tinha pena de o ver partir. Pelo interêsse... Mas embora, sempre era um sentimento!

Apartou-se comovidamente, em palavras breves, dos seus hospedeiros tristes e meteu-se no carro para a estação em Santa Maria dos Anjos. Entrára com êle, nos últimos momentos, uma tão grande saùdade de Bianca que, para não sofrer ainda mais, e contrariando um forte desejo, saiu sem tornar a ver a bocetazinha doirada onde a conhecera. Mas, quando o carro ia voltar para a Porta de S. Francisco, tocou nas costas do cocheiro.

— Oh, Vitorino amigo, vamos por Santa Clara, pelo convento!

O *veturino* puxou dum relógio, hesitou.

— Ainda que se perca o comboio! — disse Vasco quase suplicante. — Anda, bate para Santa Clara!

O cocheiro fez estralejar o chicote, estimulou a égua num berro:

— *Andiamo, Nina!*

E o carro marinhou num galope doido, ladeiras acima. Na Praça da Comuna, medrosamente percutiu ainda as costas do bom moço:

— Olha, mete agora pela via Metastasio, para o Jardim Público! Ainda que se perca o comboio! Deixa lá!

O caminho era bom, e o carro alcançou num

pronto o Jardim Público. Vasco apeou-se, entrou. Era dali que se avistava o interior do convento, as cazinhas pobres de aldeia com janelas para quintalinhos e para a cêrca verde.

A planície espraiava-se tenra e mimosa, picada de ciprestes melancólicos. Por detrás do campanilo caracolava a torrente do Tescio, branca como um fio de prata derretido esvaindo-se da cidade. E à roda da ábside gótica aconchegava-se o conventinho. Numa daquelas casas estava Bianca que êle não tornaria a ver, que o tinha já esquecido, que esquecera já o mundo e vivia nas alturas, anjo entre os anjos, santa entre as santas, abrasada na luz do amor divino em que se abismára. Que era êle, que eram os homens e a terra inteira para essas almas que ali viviam em êxtase, já ligadas ao céu pelas suas orações e penitências, com Deus por Pai e as estrêlas altas por Irmãs doiradas?...

Atirou-lhe uma rosa que se desfez no ar em orvalho de lágrimas e voltou para o carro.

A égua voava, tudo era descida agora pela estrada lisa enfiada a Santa Maria dos Anjos que pousava nos vergéis como uma grande ave branca. Longinquamente estiravam-se as montanhas, vagas e preguiçosas, com seus castelos, suas cidadelas mortas nos cumes. Perúsia torrejava mais perto, negra e soturna, senhora dos vales, numa ameaça que não desarmava nunca. A veiazinha clara do Tescio

lá ia aos ziguezagues, brincando, jogando às escondidas com as quintas brancas.

Então voltou-se a mêdo. A cidade corria pelas faldas do Subasio, varandim celeste sôbre o imenso mar verde. Grimpavam as torres, perfilavam-se os campanilos, mais altos, por cima das basílicas. Chegou-lhe o dobre lamentoso dum sino vago, distante, e como se fosse a voz d'Assis a despedir-se dêle, sentiu os olhos humedecerem-se-lhe. Não o empolgára nunca uma comoção tão grande ao desamarrar dum poiso amado. Mas é que aquela trigueirinha terra prendia o espírito, prendia a alma e agarrava, sobretudo, pelo coração. Tão pequenina, e tão forte e sedutora! E via a cidadezinha estendida entre duas torres que a guardavam e protegiam: — S. Francisco numa ponta e Santa Clara na outra, e como as almas erectas destas duas grandes Almas, os campanilos erguiam-se para o céu, ligavam a terra ao céu... E entre estas duas sólidas torres, no circuito d'oiro que as duas grandes Almas fechavam, ardia Assis, visionária e mística, abrasada no fulgor eterno dos dois grandes corações de Francisco e Clara.

O sol rasava já o horizonte. O Subasio era um bloco d'oiro. Como nos tempos das Legendas, os conventos abrasavam-se e tôda a Assis consumia se no mesmo braseiro d'amor...

E num último olhar, Vasco estendeu os braços:

— Oh Assis, Ascesi !...

Quando chegou à estação, o *veturino*, que fôra a correr informar-se, voltou dizendo que o comboio vinha atrasado e valêra-lhes isso chegarem ainda a tempo.

Vasco pôs-se a deambular nervosamente no vestíbulo e tinham decorrido alguns momentos quando viu surgir frei Silvestre, esbaforido, com os braços estendidos:

— Ainda o alcanço, ainda lhe digo adeus!

Vasco tomou-lhe as mãos, enternecido.

— Vem atrasado o comboio, frei Silvestre. Também eu o ia perdendo!

— Foi uma oraçãozinha que eu rezei ao nosso Francisquinho, enquanto rolava de galgão estrada abaixo!

O rude franciscano correra a bom correr e vinha alagado, extenuado. Vasco ficou comovido com aquela prova de estima. Esse bom frade era como que um braço, uma mão que Assis e S. Francisco lhe estendiam ainda lá de cima...

Mas o tempo voava e chegavam, quase simultaneamente, dois comboios, um do norte e outro do sul. O *veturino* rompeu açodado, sopesando as malas. Não havia tempo a perder! E preguntava em que comboio seguia. Comboio de Roma ou de Florença?

Vasco hesitou um segundo, olhou o franciscano e decidiu de pronto, com força:

— Para Roma! Comboio de Roma!

— E' o melhor caminho! — sentenciou gravemente frei Silvestre.

E num longo abraço, Vasco Soeiro estreitou contra o peito o bom franciscano que chorava.

Pouco depois o comboio despegou, rolou maciamente e afundou-se na planura imensa da Úmbria Verde...

Lisboa, Outubro de 1926.

FIM

ERRATAS PRINCIPAIS

A pag. 67, última linha saiu *escarcela* por *escudela*. A pag. 163, linha 4, deve ler-se: . . . *fôra ter com os monges á montanha, falára ao abade e lh'a pedira*. A pag 239, linha 8 está a mais um *com*. A pag. 254, linha última, deve ler-se: *Dir-se-ia que eram as vozes*. . . Pag 263, linha 3, vem *falaria* por *faltaria*. Algumas vezes saiu *Perusa* por *Perúsia*, e *nil* por *nihil* forma mais comum. Etc.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050749591